



*Tiamat-World apresenta:*



# ***Tentar a um Lobo***

## ***Os lobos de Whispering Springs 02***

### ***Kate Steele***

*Há lobos em Whispering Spring. Em sua primeira noite ali, Hayley Royden se encontra cara a cara com um. Um formoso lobo negro com uns surpreendentes olhos azul esverdeados. Em seu segundo dia se encontra com um lobo de duas patas, que se chama Jace McKenna. Ele também tem uns formosos olhos azul esverdeados e um encanto que acelera o coração de Hayley. Embora se sinta instantaneamente atraída para ele, as brincadeiras de Jace fazem que Hayley esteja insegura de se quer beijá-lo ou dar-lhe uma patada no traseiro. Quando as coisas se esquentam entre eles, Hayley aprende uma coisa. Há mais de Jace do que se vê. Este despreocupado menino mau está escondendo um segredo.*

*Jace McKenna encontrou a sua companheira. Para este homem lobo alfa, livre e sem nenhum compromisso, o pensamento é um pouco desconcertante, mas Hayley é uma tentação que não pode resistir. Por desgraça, o caminho do amor verdadeiro está longe de ser um caminho de rosas. Uns problemas inesperados caem sobre sua cabeça na forma de um maltrapilho valentão rancoroso e certo acidente que ameaça lhes separar.*

*O resultado de tudo será que sempre há um preço que pagar por tentar a um lobo.*







## Prólogo

Hayley estava agitada. Ela tinha ido à cama e permanecido totalmente inconsciente à realidade que a rodeava durante um par de horas, logo tinha despertado bruscamente, sentindo-se imediatamente totalmente limpa. O problema era que funcionava como uma ave noturna, e não estava acostumada a ir para cama tão cedo. Isso, e o fato de encontrar-se em uma cama que não lhe era familiar, tinham feito com que despertasse.

Foi pegar o livro que tinha guardado em uma de suas bolsas, decidida que um pouco de romance e intriga era tudo o que necessitava. Quando cruzava o quarto uma tabua rangeu sob seus pés. Fez uma pausa e ouviu um ruído de arranhões e uma risada surda que avançava pelo corredor. Aparentemente Bryn e Logan estavam naquele momento indo para a cama.

Hayley recolheu o livro, contemplando-o distraidamente enquanto sua mente refletia sobre Bryn e Logan. Seu sorriso era meio triste enquanto pensava em sua própria falta de vida amorosa. Por que não podia encontrar alguma vez ao tipo correto? Concentrou-se no livro, até dar-se conta de que não funcionaria. Vestiu-se silenciosamente e caminhou brandamente pelo corredor, desceu as escadas e avançou através da casa às escuras, com a ajuda da pequena lanterna que sempre levava em seu chaveiro. A cozinha estava justo diante e, se recordava corretamente, havia uma porta que conduzia ao pátio traseiro.

Quando saiu exalou um suspiro de alívio e alegria. O ar da noite era frio e tranquilo, e sentiu que seu espírito se elevava enquanto se afastava da casa e entrava nos bosques circundantes. A lua, a poucos dias de ser cheia, cavalgava alta no céu, lhe facilitando ver o caminho que serpenteava entre as árvores.

Hayley caminhava lentamente, sem nenhum destino em mente. Sempre tinha tido um bom sentido de direção, e se encontrava confortável no meio da natureza. Enquanto seguia o caminho escutou o barulho suave da água a distância.

Ao descobrir o brilho refletido da luz da lua seguiu a diante, até que ela entrou em uma clareira, onde um córrego de leito suave alimentava uma lagoa rasa. Um sorriso iluminou seu rosto enquanto caminhava a beirada do lago. Ajoelhou-se e deslizou os dedos pela água clara. Estava quente.



Dirigiu-lhe um olhar especulativo e logo comprovou a área circundante. Depois de decidir arriscar-se, começou rapidamente a despojar-se de sua roupa e, nua, entrou na água acolhedora.

Não viu o par de olhos que brilhavam com uma incandescência verde azulada, enquanto a observavam afundar-se no lago.

A água estava a uma profundidade suficientemente para que pudesse nadar, o que assim fez, dando umas poucas voltas a sua circunferência. Cansada desse exercício, tombou-se sobre as costas e flutuou, admirando o claro céu noturno com sua lua e suas inumeráveis estrelas que brilhavam tão alegremente. Seu corpo estava tão relaxado que sufocou um bocejo enquanto se encontrava sentindo falta da cama que tinha abandonado não fazia muito. Com um suspiro avançou dando patadas até a beira do lago e ficou em pé, saindo da água.

Hayley era alheia à imagem que apresentava quando a água se deslizava pelo seu corpo, a deixando clara e brilhante sob a luz da lua. Seu cabelo, jogado para trás, revelava as características puras e encantadoras de seu rosto. Alta e ágil, suas curvas eram plenas e firmes. Os seios eram generosos e estavam coroados por mamilos rosados que se endureceram pelo frio ar noturno. A cintura esbelta acentuava suas curvas generosas e os elegantes contornos de suas firmes nádegas. Sob uma barriga ligeiramente arredondada, o ninho de cachos que adornava seu montículo era pálido e reluzia com a água do lago. Suas pernas eram largas e curvilíneas, do alto de suas coxas proporcionadas aos seus pés magros e arqueados.

Com intenção de recolher sua roupa, inclinou-se para recuperar sua camisa e começou a secar-se. O som de um leve rangido captou sua atenção e procurou na escuridão até que seus olhos encontraram o lobo.

Estava parado, com um ar tranquilo e majestoso, a não mais de seis metros. Hayley ficou gelada pela surpresa. Um ligeiro calafrio de medo contraiu seu ventre, até que recordou todas as coisas que tinha lido sobre os lobos. Uma investigadora em particular havia dito que os lobos normalmente não atacavam às pessoas e que, enquanto os estava estudando, os lobos, especialmente os machos, tinham sentido curiosidade por ela e frequentemente tinham passado horas à sua volta, aparentemente estudando-a enquanto ela lhes estudava.

Hayley se esforçou em relaxar seus tensos músculos enquanto admirava ao lobo. Sua pele era espessa e lustrosa, principalmente negra, clareando-se para o peito, o sob ventre e as patas. Parecia imenso, embora não tivesse nada com o que compará-lo, pois nunca tinha visto antes um lobo. E seus olhos... Estavam brilhando? Certamente era um reflexo da luz da lua na água, refletiu



ela. Como não estava segura de que cor tinha normalmente os olhos dos lobos, encontrou o verde e azul completamente notável.

Uma brisa de ar noturno soprou em sua pele, fazendo-a tremer.

— Espero que não te importe — disse ao lobo brandamente —, mas tenho que me mover. Eu não tenho cabelo, sabe? E faz um pouco de frio aqui sem roupa.

Como resposta o lobo inclinou a cabeça e logo se sentou, contemplando-a espectador.

— Suponho que isso significa que está bem — resmungou Hayley enquanto se vestia cuidadosamente, com movimentos tranquilos e pausados.

Todo o tempo o lobo a olhava com interesse.

Depois de calçar os sapatos ficou de frente para ele.

— Bom, foi um prazer te conhecer — expressou ela —. Mas tenho que ir. Espero que tenha desfrutado do espetáculo.

Como resposta, a boca do lobo se abriu e sua língua ficou pendurando em um grande sorriso canino.

Um cenho suspicaz cruzou o rosto de Hayley.

— Alguma vez alguém já te disse que é um pouco estranho? — perguntou, e logo admitiu —: Mas muito formoso. Obrigado por me fazer companhia. Talvez nos encontremos alguma vez.

Ela retrocedeu uns poucos passos, só para ver se havia alguma objeção. Quando o lobo não fez nenhum movimento, voltou-se e seguiu o rastro de volta à casa. Depois de deslizar-se silenciosamente na cozinha, fechou com chave e se arrastou escada acima ao seu quarto, trocou-se rapidamente e se deslizou de volta à cama.

Segura, cálida e agradavelmente sonolenta, Hayley começou a deixar-se levar até que o uivo evocador de um lobo perfurou a quietude da noite. Escutou o som com temor enquanto pela espinha dorsal lhe descia um calafrio.

Justo ao final do corredor, tanto Logan como Bryn escutaram o uivo.

— Jace — identificou Logan.

— O que está fazendo? — perguntou Bryn com um bocejo sonolento.

Logan a abraçou.

— Provavelmente só saiu para correr.

— Mmm — murmurou Bryn enquanto se aconchegou contra ele e dormia.

Logan permaneceu acordado e escutou um segundo uivo agitado. Antes tinha ouvido Hayley



retornar de seu passeio à luz da lua. Ele ficou em silêncio, especulando sobre as possibilidades...

## Capítulo Um

As risadas soaram na cozinha, enquanto Hayley, Bryn e Logan desfrutavam de um café da manhã informal, sentados em umas cadeiras ao redor da área de jantar, na ilhota central. Logan se ofereceu para cozinhar umas, mais que passáveis, excelentes omeletes, acompanhadas de torradas, fruta fresca, café e suco. Depois, inclusive se ofereceu para recolher tudo, ordenando às garotas que permanecessem sentadas. Enquanto trabalhava, sua conversa descontraída.

— Tenho que te dizer, Bryn, que descobriu um tesouro. — Na pia, Logan se girou para mostrar um sorriso zombador para a Hayley, acompanhado de uma piscada —. Steve não levantaria nem um só dedo para ajudar na cozinha, este é um dos muitos motivos pelos que rompi com ele.

— Você terminou com o Steve? — perguntou Bryn incrédula —. Acreditei te haver ouvido dizer que era o tipo perfeito para ti.

— Sim, pois o senhor Perfeito resultou ter alguns defeitos que não se podiam deixar passar. Incluindo o fato de que não queria mais filhos.

— OH não, Hay. Quanto o sinto.

— Está bem, irmãzinha, inteirei-me de que era um péssimo pai. — girou-se para incluir o Logan, que tinha dado a volta para escutar —. Steve tem uma filha de um matrimônio anterior, mas em realidade não a quer, abandonou-a com seus pais assim que pode. Estes estão encantados de ficar com sua neta, é obvio, mas até a mãe do Steve admite que não passa suficiente tempo com ela.

Com gesto aborrecido, Logan continuou com a limpeza da bancada.

— Como é possível que alguém possa abandonar o seu próprio filho de tal maneira? — perguntou Bryn com tristeza, enquanto permanecia sentada com a vista cravada na mesa e esfregava distraidamente seu ventre.

Hayley a olhou com crescente suspeita e um grande sorriso estendendo-se por seu rosto.

— Bryn, está grávida?

Bryn elevou a vista com rapidez, para encontrar o espectador olhar de Hayley e depois procurou o olhar do Logan. Sua expressão resultou inexpressivamente neutra. Deixava a decisão



nas mãos de Bryn.

Hayley observou como um lento sorriso se estendia pelo rosto de sua irmã.

— Sim — confessou.

— OH, meu Deus! — gritou Hayley —. É maravilhoso. — Abraçou-a com força enquanto a balançava entusiasmada, até que se deu conta do que estava fazendo —. Estou te batendo como a uma coqueteleira, não me deixe fazê-lo — a repreendeu. Seus olhos brilhavam com lágrimas de felicidade, de uma vez que saltava de sua cadeira e se aproximava do Logan —. Vou dar um abraço, tipo grande — lhe avisou e jogou seus braços ao redor do pescoço de Logan, lhe beijando ruidosamente na bochecha.

Logan lhe devolveu o abraço, rindo ante o entusiasmo que demonstrava.

— Mamãe e papai vão alucinar! — declarou enquanto voltava para sua cadeira —. Estarão no sétimo céu com seu primeiro neto, e posso te assegurar que me tirarão de seu ponto de vista — confessou, quando Logan retornou a seu assento —. Passam o tempo me lançando sutis indiretas sobre quão bom seria ter um neto.

Observou como Logan cobria os ombros de Bryn com o braço e a aproximava para plantar um doce beijo em sua têmpora.

— Me alegro de que o aprove — replicou com voz grave, mostrando uma clara alegria em seu tom.

Hayley riu, com os olhos brilhantes pelas lágrimas não derramadas.

— Está bem? — perguntou-a Bryn.

O sorriso de Hayley se ampliou.

— Amam-se um ao outro — respondeu —. É tão doce que estou estupefata.

— Também está doida — a acusou Bryn com carinho.

— Isso também — admitiu Hayley alegremente, emocionada pelo insulto de sua irmã —. Vamos Logan, te ajudarei a terminar de limpar, e você, querida irmã, ficará sentada.

— Hayley — se queixou Bryn —, o bebê não nascerá até dentro de oito meses, não vás acreditar que vou começar a ir com calma desde o começo.

— Não obstante, tenho a intenção de estragar meu sobrinho ou sobrinha, e acredito que vou começar desde já.

\* \* \* \* \*



Depois de terminar a limpeza, Logan entrou em seu escritório para realizar algumas chamadas telefônicas referentes seu trabalho.

Hayley não estava segura de qual era exatamente sua profissão. Bryn lhe tinha explicado vagamente do que se tratava; era um trabalho independente, algo como ser especializado em algum tipo de mediação.

Apesar da deliberada imprecisão de Bryn, Hayley sabia que havia algo mais. Não a pressionou, sabendo que o contariam em seu momento. Esta era uma das vantagens de ter conhecido a alguém durante toda uma vida. Depois de um momento, sabia coisas deles pelo simples feito de ter compartilhado tanto tempo.

Uma vez que Logan se dirigiu para seu trabalho, Hayley acompanhou Bryn a sua livraria, onde ela e Clare, a melhor amiga de Bryn e sócia de seu negócio, organizaram uma ruidosa e alegre reunião. A amizade de Bryn e Clare se ampliou para incluir Hayley, e as três passaram a maior parte de seu crescimento juntas.

O dia passou rapidamente entre o trabalho e o bate-papo ameno, com a que se foram pondo à corrente das notícias de cada uma. Hayley ficou impressionada com a livraria e resultou evidente que os clientes também o estavam, dado o grande número deles que entraram e saíram no transcurso das horas.

Quando a tarde chegou ao seu fim, Hayley decidiu compartilhar uma pequena informação que guardou. Depois de que o último dos clientes partisse, e enquanto estavam ocupadas ordenando, dirigiu-se à frente da livraria e se deteve diante da seção de novidades.

— Sabem? — disse com voz claramente audível —, meu livro ficaria estupendo aqui.

— E do que seria o livro, Hay? — perguntou Bryn com indulgência.

— O thriller romântico, com um teor eroticamente carregado, que escrevi e que foi aceito para sua publicação faz umas semanas.

Bryn ficou olhando fixamente Hayley, procurando algum sinal de que falava em brincadeira. Não notou nenhum.

— Fala a sério. — Bryn se girou para Clare —. Fala sério. — Seu olhar retornou com incredulidade para a Hayley —. Fala a sério?

Ante seu gesto afirmativo, Bryn e Clare se precipitaram sobre ela, envolvendo-a em um





abraço.

— Por que não nos contou que estava escrevendo um livro? — perguntou Clare.

— Sim, por que não nos disse isso? — repetiu a sua vez Bryn, enquanto a dava outro abraço, junto com um vingativo beliscão no braço.

— Ow! — queixou-se —. Logan já descobriu que você adora beliscar?

— Sim — respondeu contente —. Mas não se preocupe por ele. Também consegue anotar-se de algum tanto.

— Posso imaginar — o disse Clare, movendo as sobrancelhas de maneira insinuante.

Bryn se ruborizou enquanto Hayley e Clare tentavam conter as risadas.

— Bom — as admoestou —. Pode deixá-lo já? — Fixou seu olhar em Hayley —. Explique-se irmãzinha.

Hayley franziu o nariz ante o tom de irmã mais velha de Bryn.

— Há alguns anos atrás, me ocorreu a ideia de escrever um livro. Já sabe o que eu gosto de ler. — Bryn fez um gesto afirmativo e Hayley continuou —. Escrevi meia dúzia de capítulos e perdi o interesse, por isso o deixei de lado. No ano passado senti de novo a necessidade, desenterrei o material que já tinha escrito e o li por cima. — riu —. Era muito mau!

— Entretanto, continuava com essa necessidade, e pensei que algumas ideias eram realmente boas, assim o tentei de novo — explicou entusiasmada, com os olhos brilhantes —. De fato, entreguei-me totalmente a isso. Decidi não comentar nada até tê-lo terminado e que tivesse visto um editor. Se fosse rechaçado, manteria-o enterrado, para possivelmente tentá-lo um par de anos mais tarde.

Hayley sorriu amplamente e encolheu os ombros com certo acanhamento.

— Não o rechaçaram. Portanto, joguei para o alto todo meu trabalho no Sistema de Dados Davis e vou me dedicar exclusivamente à escrever.

— Deixaste o trabalho?

— Sim, Bryn, desejo fazer isto e tenho muito dinheiro economizado, se por acaso o necessito. Já sabe a pão dura que sou. E pensei que — se lançou ofegante —, agora que foi viver com o Logan, me alugaria a sua casa? Quero dizer, se não tiver nenhum plano para ela.

Hayley observou atentamente Bryn para captar sua reação, reconhecendo um olhar um pouco aturdido. Quão último queria era alterar a sua irmã, sobre tudo em seu estado atual, mas isto era muito importante para ela. Hayley sentia que sua vida estava às portas de uma mudança



radical e, de algum jeito, mudar-se para cá, para Whispering Springs, seria... bom.

— Está bem? — perguntou Hayley, mostrando certa agitação em sua voz. Necessitava a aprovação de Bryn.

— Estou bem. Só preciso me sentar um momento — respondeu. Dirigiram-se para um dos cantos de relaxamento dispersados pela livraria, para o desfrute dos clientes, e se sentaram sobre um cômodo sofá —. Tomaste-me de surpresa. Realmente pensou tudo isto, verdade?

Hayley fez um gesto afirmativo com grande seriedade.

— Bem, se estiver segura de que é o que quer, a casa é tua. — Bryn tomou a mão de sua irmã —. Mas já sabe que é bem-vinda se prefere ficar com o Logan e comigo, verdade?

— Irmãzinha, já sei que me deixaria ficar com vocês, mas é a última coisa que necessita neste momento. Logan e você acabam de começar uma nova vida juntos. — apertou a mão de Bryn —. Não necessita de uma irmã meio louca convivendo contigo.

— Não está louca — negou Bryn, com um visível tremor em seu lábio inferior.

Com os olhos úmidos pelas lágrimas, Hayley lhe dirigiu um aquoso sorriso zombador.

— Agora não comecem a chorar vocês duas — ordenou Clare, captando a grande carga emocional do ambiente —. Isto merece uma celebração! A irmãzinha pequena vai ser uma escritora famosa e, além disso, deve viver em nossa cidade. Pode me dar um autógrafo? — perguntou com fingido entusiasmo, com os olhos muito abertos mostrando grande paixão.

Bryn esboçou outro aquoso sorriso.

— Alguma vez tiveste vontade de lhe dar uma bofetada? — perguntou-lhe Hayley a sua irmã enquanto dirigia um olhar zangado a Clare.

Esta retrocedeu com fingido horror e as três riram, rompendo a tensão do momento.

— Nós poderíamos ir de carro até em casa — lhes disse—. Tenho que recolher algumas coisas e assim pode ver o lugar para te certificar de que é o que quer. Se mal não recordo, tinha sorvete de manteiga de pecan<sup>1</sup> no congelador — disse com um sorriso —. Poderíamos fazer algo com ele, já que estamos celebrando e tudo mais.

Com um coro de ansioso consenso se dirigiram à casa de Bryn. Esta levou Hayley como passageira. Clare as seguiu em seu próprio carro, para poder ir diretamente a sua casa quando tivessem terminado.

---

<sup>1</sup> Fruta seca bem parecido à noz tradicional.



Enquanto percorriam a cidade em direção à zona periférica onde se achava a casa de Bryn, Hayley se dedicou a admirar a paisagem. Whispering Springs era uma dessas pitorescas e tranquilas cidades, com uma zona comercial interessante, diversa e não muito grande. Também dispunha de pequenos bairros onde as casas não eram reproduções umas de outras, e se encontravam suficientemente afastadas para permitir certo isolamento aos residentes.

Os pátios estavam limpos e muito bem cuidados. Flores de diferentes tipos cresciam alinhadas e inclusive davam forma aos jardins, estavam situadas em jardineiras sobre os batentes das janelas e formavam corredores na área pedestre.

Grandes árvores testemunhavam o fato de que o lugar tinha profundas raízes e não se podia classificar como uma urbanização aparecida da noite para o dia. Havia uma sensação de tranquilidade e solidez no lugar, que chegou aos ossos, fazendo que se sentisse imediatamente em casa.

Quando entravam no caminho de acesso à casa de Bryn, Hayley viu que já estava estacionada ali uma caminhonete. Levava um logotipo no lateral que anunciava Desenhos McKenna.

— O que Jace estará fazendo aqui? — perguntou Bryn em voz alta.

— Quem é Jace?

— Jace McKenna. É o melhor amigo do Logan.

Saíram do carro e, quando Clare se juntou a elas, caminharam para o alpendre que dava acesso à porta de entrada. Bryn provou o trinco. Não estava fechado e deu um passo ao interior.

— Jace?

— Aqui — chegou a resposta, ligeiramente apagada.

Hayley sentiu como um involuntário tremor se deslizava por suas costas. Algo naquela voz profunda e potente golpeou um ponto desconhecido de seu interior. A sensação não resultou desagradável e lhe desconcertou sentir-se afetada por alguém a quem ainda não tinha visto. Sua curiosidade cresceu bruscamente. Clare e ela seguiram Bryn para a cozinha.

Diante da pia, tomando a última colherada do sorvete de manteiga de pecan, encontrava-se o exemplar mais magnífico de beleza masculina que ela já tinha visto na vida. “Senhor, todos os homens desta cidade eram umas maravilhas físicas?” Parece que tinha chegado ao lugar ideal, pensou, enquanto uma onda de antecipada tensão a percorria.

Jace McKenna, totalmente relaxado, apoiava-se contra a pia enquanto terminava seu



sorvete. Um metro e oitenta e cinco centímetros de altura enchiam seu jeans e sua camiseta de tal maneira que chamavam a atenção de uma mulher. Duro, musculoso e forte nos lugares corretos.

Seu formoso, mas severo rosto estava emoldurado por um cabelo negro, curto aos lados e muito mais comprido na parte superior que, como uma espessa e brilhante capa, reluzia sob a luz do sol que penetrava através da janela da cozinha. Suas escuras sobrancelhas emolduravam uns brilhantes olhos azul esverdeados, protegidos do sol graças a umas abundantes pestanas, enquanto que um reto nariz assinalava o caminho a uns lábios invocadores de quentes pensamentos, e noites repletas de sensuais beijos. Sua cálida pele, de um tom oleáceo, estava bronzeada pelo sol.

Jace passou sua vista de Bryn a Clare de maneira amistosa antes de deter-se ostensivamente sobre Hayley. Sentiu como o estômago se estremecia quando ele capturou seu involuntário e fascinado olhar de admiração. Raspando os últimos restos do sorvete na vasilha, Jace fixou em Hayley toda sua atenção, enquanto se concentrava em limpar a colher com a boca. Sua língua realizou coisas malvadas e maravilhosas naquela parte de inanimado e ingrato metal. Coisas que desencadearam uma chama de calor por suas veias.

Um aquecimento que começou em seu ventre e fluíu para baixo como cera quente. O resultado foi uma umidade foto instantânea em suas calcinhas. Enquanto toda a umidade de seu corpo viajava para o sul, o fogo de suas veias foi para o norte. Hayley sentiu como uma onda de calor se pulverizava por seu peito, garganta e bochechas. Jace deu à colher uma última e sensual lambida antes de sorrir. Este foi um processo lento, sorriso malicioso e provocante, como se soubesse o efeito produzido e ficou muito, muito satisfeito.

Irritada e mortificada pela facilidade com que Jace tinha conseguido tal reação nela, Hayley se sentiu instantaneamente insultada. O homem estava muito seguro de si mesmo. Estava decidida a lhe demonstrar que não era nenhuma virgem influenciável. Endireitou as costas, levantou o queixo e lhe dirigiu um olhar furioso, sem tomar em conta as olhadas intrigadas de Bryn e Clare.

Jace a lançou um obstinado sorriso e devolveu sua atenção a Bryn

— Espero que não te importe — disse, indicando o pote vazio —. São meus honorários.

— Honorários por quê? — perguntou com um sorriso desconcertado.

— Logan me disse que tinha uma janela rachada na sala de estar. Ofereci-me para substituí-la. — Jogou o pote fora e lavou colher —. Olá Clare, alegra-me voltar a ver-te.



— Jace — devolveu a saudação —. Como vai seu negócio de arquiteto? Ou possivelmente não deveria perguntar, já que tem até que substituir janelas em troca de um sorvete?

— Eu gosto de retornar ao básico de vez em quando — riu —. O negócio vai excelentemente. Conhece Gracie Stevens?

Clare fez um gesto afirmativo.

— Acaba de receber um maravilhoso e enorme cheque de seu caquético marido. Parece que suspeitava que a estivesse enganando e contratou um detetive particular para surpreendê-lo em flagrante. Quando terminou o processo de divórcio, sua imagem valia mais que mil palavras. E um montão de dinheiro em espécie. Está pensando em realizar alguma renovação naquele mausoléu onde vive. Vai ser um trabalho muito interessante.

— Hmmm, está pensando somente na renovação da casa ou tem em mente alguma outra renovação mais pessoal? — perguntou Clare em brincadeira. Estava bem inteirada da reputação do Jace. Era o preferido entre a população feminina local e não tão local.

— Imagino que de ambas as coisas — respondeu Jace, lançando uma malvada piscada.

Bryn pigarreou.

— Agora não estou tão segura de querer te apresentar a minha irmã.

Hayley, que tinha observado o intercâmbio entre o Clare e Jace com involuntário interesse, sentiu-se desgostosa por suas proezas com as mulheres. A irritação que sentia era sobre si mesma. “por que demônios deveria me importar o que faz?” perguntou-se antes de dizer em voz alta:

— Não seja tola, Bryn. — Seu tom de voz foi cortante e frio —. Se o senhor McKenna decide desfrutar de aventuras amorosas com seus clientes, é assunto dele. — Ofereceu-lhe a mão —. Hayley Royden, encantada de lhe conhecer.

Jace transladou seu olhar turquesa ao amplo sorriso de Hayley, tomando sua mão. No passado, tinha conhecido a homens que a tinham despido com os olhos, mas, por como a olhava Jace nesse momento, poderia pensar que este homem em realidade já a havia visto nua. Ficou perplexa ante o reconhecimento inexplicável e o calor que refletiam seus olhos. Este fato produziu uma onda de arrepios por toda sua pele. Uma repentina imagem do Jace nu se apresentou diante dela, para sua própria inspeção por uma imaginação muito ativa. Com grande esforço Hayley conservou a calma, mantendo sua expressão neutra.

— Me chame Jace. Posso te chamar Hayley? — Ante seu gesto afirmativo, ele aplicou uma suave massagem ao pressionar sua mão —. O que tem que ter em conta, Hayley, é que um



homem nem sempre aceita o que lhe oferecem. Tal como estou seguro que não o faz você. — Sua voz transmitia uma suave advertência.

Hayley se indignou.

— Tem razão, Jace — concordou docemente, enquanto, deliberadamente, retirava a mão da dele —. Há coisas que uma mulher não poderia tolerar — adicionou com frieza.

Apesar de sua irritação, Hayley não pôde negar a carga elétrica que fez com que sua pele se arrepiasse onde suas mãos se haviam tocado. O calor que fluía das gemas de seus dedos varreu como uma onda por seu braço, chegando a todo seu corpo e fazendo com que sua temperatura se elevasse um pouco mais. A sensação era parecida com inundar-se em uma cálida e acolhedora banheira.

— A experiência me ensinou que uma pessoa pode adquirir grande quantidade de tolerância — afirmou Jace em um rouco grunhido enquanto dava um passo para aproximar-se —. Inclusive se pode chegar a desfrutar de algo que ao princípio pôde parecer antipatia.

Entreabriu os olhos de maneira sensual, um olhar que sem dúvida tinha seduzido a muitas mulheres imprudentes. Hayley não se deixaria capturar tão facilmente, e deu um passo para trás, afastando-se e inspirando profundamente para tentar tranquilizar-se. Resultou ser um engano.

O suave e sutil aroma do Jace invadiu suas fossas nasais. O quente e almiscarado aroma masculino a atraiu e tentou, fazendo que seu desejo se elevasse repentinamente de maneira rápida e insistente. Não ajudou apreciar a protuberância sensível que apareceu na frente de seu jeans. Hayley sentiu como lhe secava a boca, ao mesmo tempo em que se umedecia até mais seu sexo.

— Possivelmente algumas pessoas não sejam tão flexíveis — conseguiu dizer, depois de separar a língua de seu paladar.

— OH bem, flexibilidade. Isso é algo sobre o que se pode trabalhar.

O tom do Jace tinha tomado um timbre quente e convidativo, que percorreu sua pele e lhe acariciou até as pontas de seus nervos. Bem podia imaginar algumas das coisas que faria para melhorar a flexibilidade de uma mulher. Esmagando as provocadoras imagens que alagavam sua mente, entrecerrou os olhos e endireitou as costas. Estava determinada a não cair vítima deste homem tão perigosamente sedutor. Jace era um homem que utilizava claramente seu físico para as conquistas fáceis.

— Sim, é certo, mas para obter um objetivo, primeiro terá que querer obtê-lo. Se for algo



que não quer, que razão tem tentá-lo?

— Às vezes uma pessoa nem sempre está segura do que quer, e se requer de alguém mais que lhes leve para uma experiência que muito facilmente poderia mudar sua vida — insistiu Jace.

— E o que acontece se essa pessoa esta totalmente satisfeita com a vida que leva?

— OH, Hayley! — Jace sacudiu a cabeça com fingida tristeza —. Apesar disso, acredito que até a satisfação mais perfeita pode ser melhorada. — Obsequiou-a com um olhar que queimava por sua intensidade —. Acredito que sempre há tempo para uma mudança na vida das pessoas. Não há nada como agitar as coisas e tentar algo novo. Não está de acordo?

Hayley se relaxou um pouco, enquanto um sorriso relutante aparecia em seus lábios. Sua irritação se converteu rapidamente em diversão. Obviamente Jace era um homem que usava seu atrativo sexual para suas conquistas, mas tinha cérebro e engenho para dirigir aqueles devastadores olhares. Suas brincadeiras não só estimulavam sexualmente, como também divertiam.

Elevou a face de maneira orgulhosa e lhe dirigiu um olhar de consideração.

— Embora esteja de acordo de que não haja nada mal em provar algo novo, isso não significa que automaticamente seja algo bom para ti. Isto último poderia resultar muito, muito mal.

— E para algumas pessoas o mal pode ser estimulante.

— Isso é certo. Ser imprudente e selvagem pode parecer atraente, mas frequentemente a gente se lamenta quando retorna a serenidade.

— Tenho descoberto que há certas coisas sobre as quais o intelecto não deveria influenciar. Algumas vezes é melhor deixar atuar ao instinto.

— E o que acontece se seu instinto te diz que corra antes que seja muito tarde?

— Na realidade correr também poderia ser bom. Não há nada como a emoção de uma boa perseguição.

Hayley tinha aberto a boca para responder quando Clare estalou em gargalhadas. Girou-se para descobrir que Clare e Bryn observavam o claro intercâmbio de insinuações. Bryn lhes olhava fixamente, com o assombro refletido em seus olhos.

— Isto faz com que tenha valido a pena termos ficado sem o sorvete de manteiga de pecan — riu Clare —. Talvez devessem deixá-lo em empate.

Hayley olhou Jace, captando o leve brilho de seus olhos.



—Estou de acordo se ele o está — ofereceu.

Jace inclinou a cabeça como aceitação.

— Por mim muito bem, tendo em conta que eu tinha a melhor mão.

— Se você o diz — soprou Hayley.

— OH, doçura, não é que eu o diga.

— Você somen...

— Alto! — gritou Bryn —. Estão-me enjoando. Jace terminaste com a janela? — Ele fez um gesto afirmativo —. Muito bem, obrigado pelo acerto, foi um maravilhoso detalhe. Vá para casa. Hayley, se disser uma palavra mais, amordaço-te!

Suas palavras de protesto ficaram amortecidas pelo som do telefone móvel de Bryn.

— Diga? — respondeu Bryn, mantendo um olho vigilante sobre o Jace e Hayley, enquanto Clare se girava para tentar sossegar suas risadas —. Olá carinho. Não, tudo está bem. Estamos em minha casa. Precisava recolher algumas costure e, além disso, Hayley queria ver o bairro. OH, tenho muito boas notícias! Hayley decidiu vir viver aqui, vai alugar a casa.

Hayley observou o lento e predador sorriso que curvou os lábios do Jace, enquanto seus olhos reluziam com um brilho intenso e selvagem. Um calafrio de incerteza encolheu seu estômago e franziu o cenho, perguntando-se se era possível que seus olhos pudessem lhe provocar essas sensações. O brilho nos olhos do Jace foi tão fugaz que duvidava de havê-lo visto de verdade. A contra gosto, decidiu que deve ter sido coisa da luz que entrava pela janela. Ainda assim, deixou-a certa sensação de inquietação. Brilho ou não, ainda tinha um sorriso satisfeito pela luta.

Não lhe deu oportunidade de lhe responder que não se fizesse ilusões. Sem dizer mais, girou-se e se dirigiu para a sala de estar para recolher a caixa de ferramentas. Às escondidas, o viu ir-se. “Maldição, o homem sabia mover-se”, pensou e depois afogou um gemido quando se agachou para recolher suas ferramentas dispersas. A visão daquele pequeno e firme traseiro, coberto por um estreito jeans, dava-lhe água na boca. A contra gosto mudou sua atenção à conversa entre Bryn e Logan.

— A propósito, Jace está aqui. Arrumou a janela. Foi algo muito doce que te lembrasse. — Escutou um momento e Hayley sorriu quando observou como o rubor cobria as bochechas de sua irmã —. OH bem... Já pensarei nisso — respondeu Bryn com um leve ronrono na voz —. Sim, está aqui mesmo. Bem. Jace? Logan quer falar contigo.





Jace tomou o telefone que Bryn lhe oferecia e se retirou à sala de estar. Enquanto falava com o Logan, Bryn enfrentou Hayley.

— O que passa contigo? — perguntou-lhe.

— O que? Não sou eu, é ele!

— Começou você. E para sua informação, acredito que mais te vale te afastar dele. Não é precisamente um tipo comum.

— Não sou nenhuma virgem inexperiente, Bryn. Posso cuidar de mim mesma.

— Inclusive se fosse, estou segura de que Jace seria feliz de te ajudar com isso — disse Clare sarcasticamente —. Viu a maneira em que te olhou? Senti como o calor alagava tudo — disse, abanando-se.

Hayley sorriu pra Clare — aproveitando a ausência dele —, para ir direta para os fatos mais quentes da situação.

— Bom, pode economizar-se seu calor — lhes assegurou —. Estou maravilhosamente na temperatura.

— Estou de acordo com isso — interrompeu Jace —. Quente. — Devolveu o telefone a Bryn, que se despediu do Logan.

Os olhos do Jace capturaram os de Hayley. Brilhavam como turquesa suave, um brilho suave e sutil que prometia torna-se um inferno ardente se alimentado corretamente. Outro rubor se deslizou ao longo de todo seu corpo e Hayley se obrigou a permanecer direita, sem mostrar nenhum tipo de reação.

Jace dirigiu sua atenção para Bryn.

— Logan me pediu que faça uma minuciosa inspeção da casa. Dado que sua irmã vai ficar aqui, quer que esteja em perfeitas condições. Disse que me avisaria se houver algo em particular que necessite que se faça, ou se repare — lhe disse —. Se te parece bem, ficarei com a chave que me deu Logan. Amanhã trarei alguns homens para começar com o trabalho.

— Isso seria ótimo, Jace. Então retornaremos amanhã para recolher o resto de meus pertences. Passar-te-ei uma lista com as coisas que acredito que deveria revisar.

— Tudo bem — respondeu e, recolhendo sua caixa de ferramentas, dirigiu-se para a porta —. Senhoras foi um prazer, como sempre. — Lançou a Hayley um intenso olhar que lhe disse tudo—. Verei-te amanhã, Hayley.

— Bem, queira Deus que amanhã seja um bom dia para mim — respondeu sarcástica.



Reconhecendo claramente a atração que sentia pelo Jace, estava segura de que uma relação com ele seria muito provavelmente a mais perigosa. Jace seria uma dor que terminaria por padecer.

Jace soltou uma gargalhada e continuou até a porta.

Hayley lhe viu sair, com um cenho franzido desfigurando seu rosto. Algo naqueles endiabrados olhos lhe parecia terrivelmente familiar.

## Capítulo Dois

Bryn se deteve em sua casa e saiu do carro com a lista na mão. A caminhonete de Jace já estava estacionada na entrada da garagem e podia ver o movimento através das janelas da sala de estar. Subiu os degraus do alpendre e caminhou até a porta principal que permanecia aberta. Jace estava falando com dois de seus homens, tomando nota sobre diversos aspectos do estado da casa.

Vendo-a entrar, deu-lhe a boa-vinda com um sorriso e enviou a seus homens a fazer seus encargos.

— Que bom, Bryn, trouxeste a lista. — Logo jogou uma olhada pela porta aberta —. Vejo que Hayley decidiu que uma retirada era a melhor solução. Por agora.

Bryn riu entre dentes.

— Disse-me que lhe provocou dor de cabeça. Bom, a verdade seja dita, disse que foi um pé no saco e que ficava em casa para poder terminar um pouco de trabalho.

Uma sorriso fácil apareceu no rosto de Jace.

— Eu gosto de sua irmã mais nova. Diz tudo tal e como é.

O sorriso de Bryn decaiu.

— Jace, Hayley é adulta e pode fazer o que quiser, não me vou meter, mas acima de tudo é minha irmã. Não jogue com ela.

— Não estou jogando, Bryn. É minha.

Um pequeno tremor percorreu o estômago de Bryn.

— Estas seguro? — perguntou incrédula.

— Logan esteve seguro quanto a ti?



— Suponho que essa é uma pergunta tola. — Franziu o cenho e se mordeu o lábio —. OH meu Deus!, Isto é tão inesperado. Contou ao Logan?

Jace negou com a cabeça.

— É primeira e tem minha permissão para contar-lhe, e vou comunicar ao Cade. Como meu beta, tem o direito de ser informado, mas ninguém mais deve sabê-lo até que esteja arrumado.

Bryn assentiu.

— Jace, sabe que não será fácil. É diferente do fato que Logan escolhesse a uma companheira humana, embora suponha que escolher não é a palavra correta, pois a verdade é que não houve virtualmente nenhuma opção. A grande diferença é que ele não é alfa de uma manada. Você, por outro lado, é o alfa de Torre de Ferro. Não é muito provável que todos vão adorar aceitá-la como sua fêmea alfa, especialmente para algumas das outras mulheres. Não é segredo que algumas esperem ganhar essa posição.

— Não pense que já não pensei em todos estes problemas, Bryn, mas, como já te disse, nisto não tenho outra opção. Hayley é minha companheira. Reconheci-a assim que farejei seu aroma. Não é algo que se possa decidir, é uma situação que tem lugar devido a um reconhecimento físico e emocional. Qualquer expectativa que possa ter algum outro membro de minha manada, será solucionada em seu momento. Percebi que Hayley não é nenhuma covarde, e sua vontade é firme. Só tenho que lhe mostrar minha verdadeira personalidade e convence-la de que sou o homem de seus sonhos. Não tenho nenhuma dúvida de que poderá se ocupar do resto. — Um brilho sardônico iluminou os olhos de Jace.

— Isso vai ser muito divertido — riu Bryn —. É obvio, ontem tiveram um ótimo começo.

— É verdade, acredito que tivemos um grande começo. As boas relações começam sempre com um bom conflito, é uma reação subconsciente dos dois envolvidos, que os incita a lutar devido a suas carências e necessidades.

— Não sabia que era um psicólogo amador.

— Tenho muitos talentos — respondeu Jace com uma piscada.

Bryn suspirou e pôs os olhos em branco.

— Pobre irmãzinha. — Olhou com apreciação Jace, mas logo seu olhar se tornou repentina e mortalmente sério —. Sabe que se a ferir não terá que te enfrentar só com o Logan, mas também comigo, verdade?

Jace lhe agarrou a mão e a atraiu até sua bochecha, esfregando-a contra sua pele antes de



beijar seus nódulos.

— Se a ferir, tem minha permissão para me dar muitos chutes no traseiro, mas Bryn, isso não vai acontecer. Prometo-o, cuidarei dela. Eu... eu não...

Elevando sua mão lhe acariciou sua bochecha.

— Não é somente a imagem de solteiro despreocupado que projeta. É um bom homem, Jace, forte, confiável, protetor. — Sorriu, seus olhos brilhavam —. Têm meu consentimento para cortejar a minha irmã e pode ser que os dois desfrutem da perseguição, irmão.

Seu sorriso iluminou a habitação.

— Obrigado, irmãzinha. A propósito, mencionei que necessita um novo telhado?

— O que?

— Tem sorte, à família só faturei o custo dos materiais.

\* \* \* \* \*

*Suas coxas se abriram amplamente, arqueando-se para baixo para dar facilidade aos sensuais golpes da mão direita e da língua que exploravam seu tremulo sexo. O suor de sua pele, e a suave brisa que chegava do ventilador do teto fazia que seus mamilos fossem meros pontos escuros. Estirou a mão para alcançar seu duro pico e gemeu quando uma mão grande se deslizou por toda a longitude de seu corpo e se moldou contra o outro peito, copiando seus próprios movimentos com os dedos.*

*Gemeu de novo e empurrou para baixo quando ele chupou seus clitoris, sua língua acariciava devagar por cima do sensibilizado broto, muito brandamente.*

*— OH, fode-me! James, James, por favor — implorou ela —. Fode-me, Jace!*

— Jace? — exclamou Hayley dando ao botão de retrocesso rapidamente e adicionando o nome correto.

Aliviada depois de apagar toda evidência suspirou, esticou-se e apagou o laptop. Estava contente por ter conseguido escrever um grande número de páginas para seu último livro, apesar de sua tendência a distrair-se pensando em Jace. Inundar-se nas vidas de seus protagonistas a ajudava a eliminar durante um tempo todo tipo de realidades, mas o problema com a realidade era que sempre reaparecia.



O certo era que estava preparada para admitir que este espécime chamado Jace McKenna tinha deixado uma impressão bastante contundente nela. Fascinava-lhe a imagem de menino-mau, e seu corpo reagia em certo modo ante este fato, e claro que não podia negá-lo. Desejava-o. Hayley se retorceu na cadeira. As cenas de sexo que estava escrevendo sempre conseguiam aumentar seu desejo, mas colocar Jace na equação fazia que se queimasse por dentro.

— Demônios — sussurrou —. Quero algo mais que isso!

O sentimento era tão intenso que seu peito se comprimiu e as lágrimas reluziram em seus olhos. As varrendo com uma mão, sustentou-se o queixo para olhar fixamente pela janela. “Vá merda”, pensou. Definitivamente não era o tipo que estava procurando uma esposa, filhos e estabilidade. “Seguro que nem me escolheria”.

Hayley se sentou e pensou durante algum tempo, sem ser capaz de obter uma solução para seu dilema. A queixa brusca de seu estômago a fez sair de sua letargia. Decidiu ir para baixo procurar algo para comer. Ali encontrou Logan.

— Ei, irmão, que estas cozinhando? — disse em tom de brincadeira.

— Chega bem a tempo, irmãzinha — ele disse com um sorriso —. Bryn volta pra casa com costelas para fazer à churrasqueira e estou preparando uma salada para as acompanhar. Faça-me um favor e tira a forma de pão do forno.

Hayley obedeceu e logo se sentou na ilhota, para observar como Logan preparava eficazmente a salada.

— Logan — começou, mas então se deteve, não muito segura de como continuar.

— O que te ronda pela cabeça?

— Jace McKenna — disse bruscamente, depois se moveu inquieta na cadeira, com o rubor cobrindo suas bochechas.

— Já vejo. Bryn me disse que lhe conheceu ontem.

— Sim.

— Você gosta?

— Não sei se essa é a palavra que utilizaria. Não estou segura de como me sinto. Somente sei que agitou algo em meu interior e não tenho nem ideia de como reagir.

Logan sorriu e lavou as mãos antes de tomar assento a seu lado.

— Me permita que te conte um pequeno detalhe a respeito do Jace. Seu pai morreu quando tinha onze anos. Sua mãe ficou muito mal e Jace teve que crescer mais rápido que qualquer outro



menino dessa idade. Esforçou-se por ser o cabeça de família. Teve êxito. Cuidou de sua mãe e suas irmãs. Isto fez dele uma pessoa segura de si mesmo e muito responsável.

Hayley assentiu, fascinada ante a inesperada visualização do Jace.

— Quando tinha dezenove anos, sua mãe conheceu um homem, apaixonou-se e voltou a casar-se. Ela e as garotas se mudaram a dois estados de distância, para estar com ele. Jace decidiu ficar aqui. Pela primeira vez em oito anos não tinha que ser responsável por ninguém mais além de si mesmo. Não acredito que deva entrar em muitos detalhes quando digo que, como qualquer homem jovem e livre, Jace teve uma boa cota de bons momentos.

Hayley sacudiu a cabeça e lhe dirigiu um pesaroso sorriso.

— Compensou de sobra aqueles anos perdidos de sua juventude, mas ao mesmo tempo, estudou duro e fez algo de si mesmo. Teve êxito e conseguiu ser um arquiteto que sabe valorizar a responsabilidade e a formalidade. Sim, tem certa veia selvagem, mas quando quer algo o persegue, cuida-o e inclusive o alimenta.

— É duro de acreditar que todo isso esteja sob a superfície. Parece ser o típico moço amalucado que simplesmente só quer ter um bom momento.

Logan sorriu.

— Sei. Temo que parece o típico homem. Nós gostamos de aparentar que só nos preocupa nos divertir e não necessitamos nenhum tipo de estabilidade em nossas vidas. Mas tenho que te dizer, Hayley, que esse tipo de vida a valoramos muitíssimo.

— Ei, isso quem o diz, a voz da experiência?

— OH sim! Não tem nem ideia de quão feliz fui em encontrar a Bryn. Trocou minha vida de maneira que só podia imaginar. Não poderia estar mais contente.

— Acredita que Jace poderia estar procurando o mesmo?

— Nunca o admitiria, mas sim, acredito que o faz.

— Seria bom sabê-lo, estou indecisa... bom... assustada, de fazer qualquer tipo de movimento. Quero dizer, e se me ponho em plano sério e não lhe interessa?

Logan sorriu abertamente.

— Bom, pois aí é onde tem vantagem.

Hayley franziu o cenho.

— Não te sigo.

— Jace sabe que se te enganar e te ferir, vai ter que responder ante a Bryn e, sobre tudo,



ante a mim. Se lhe deixa saber que está interessada e ele não sentir nada por ti, a evitará para não ter nenhum conflito conosco. Mas se sentir que há algo especial entre vós, nada poderá lhe manter longe.

A compreensão limpou o olhar de Hayley e riu entre dentes.

— Poderia chegar a ser divertido.

Logan levantou uma sobrancelha.

— Por que tenho a sensação que a meu melhor amigo vai cair num problema dos gordos?

— Mas, Logan — Hayley lhe chateou um pouco mais —. Por que acreditas que lhe causaria algum problema, amigo?

Examinou-a, notando o brilho diabólico em seus olhos.

— OH sim, é claro que sim que está em problemas.

Os dois romperam a rir ao tempo que Bryn entrava pela porta da cozinha.

— Vá, o que perdi?

### Capítulo Três

O tempo tinha sido rude durante uns dias, até que por fim amanheceu brilhante e claro. Hayley se preparou para o próximo encontro com o Jace. Sabia, graças a Bryn, que estaria na casa trabalhando no novo telhado e decidiu que era hora de começar a levar suas coisas, dado que tinha terminado com as reparações do interior.

Bryn e Logan haviam insistido intensamente para que ficasse, mas queria lhes dar espaço; imaginava como se sentiria se tivesse que acomodar a sua irmã quando começava uma nova vida com o homem que amava. Isso somente iria eliminar a espontaneidade do romance. Não haveria nenhum encontro ardente diante do lar ou na mesa da cozinha se a irmã pudesse entrar a qualquer momento.

“Isso seria uma situação bastante desagradável”, pensou com uma careta.

Depois do café da manhã passou algum tempo carregando o carro com as caixas que seus pais a enviaram, depois de lhes telefonar para lhes comunicar sua decisão de mudar-se para Whispering Springs. Igual a Bryn, tinham suas dúvidas sobre que tivesse deixado seu trabalho, mas como de costume, deram-lhe todo seu apoio. Alegraram-se ao saber que suas filhas estariam



juntas na mesma localidade e que poderiam cuidar-se mutuamente.

Tendo deixado para o final seu precioso laptop último modelo, Hayley agarrou o estojo que lhe guardava e fez a última viagem à planta baixa. Logan e Bryn tinham estado ausentes todo o dia. Fechou a porta com chave e instalou seu laptop cuidadosamente no assento do passageiro, antes de situar-se atrás do volante.

Hayley se dirigiu para a casa com calma, relaxada, admirando a vista e permitindo que a antecipação tomasse as rédeas. Depois de seu bate-papo com o Logan, estava em brasas, perguntando-se qual seria o seguinte movimento por parte do Jace, se é que faria algum. Odiava a ideia de que ele não pudesse sentir nada além de desejo e, a verdade, isso seria uma grande decepção. Em conclusão, alegrava-se de que, de uma maneira ou outra, nos próximos minutos saberia com toda segurança.

Ao aproximar-se da casa, a imagem da caminhonete do Jace na entrada da garagem fez com que ficasse tensa. Estacionou seu carro ao lado, tentando tranquilizar-se. A primeira coisa que notou foi o som do tamborilar, mas sem ninguém à vista. Tomando seu laptop, avançou uns passos e subiu ao alpendre. Usando sua chave entrou pela porta dianteira.

Hayley pôs seu laptop no sofá e atravessou a cozinha, saindo pela porta traseira que estava aberta. Seguindo os rítmicos sons do martelo, desceu pela parte traseira do caminho e o cercado; uma vez que esteve um pouco afastada da casa se voltou para levantar os olhos para o telhado. Empoleirado sobre ele, trabalhando duro e aparentemente indiferente à altura, encontrava-se Jace, golpeando com um martelo um prego em uma tabela.

O coração de Hayley saltou assustado e seu queixo caiu. Em deferência ao calor, Jace tinha tirado a camisa. Seu torso brilhava lustroso com uma ligeira capa de suor, os músculos se esticavam com cada movimento e, quando ajustou sua posição voltando-se ligeiramente, pôde ver os esculpados músculos, as costas e o vale de seu peito. A parte superior de seu peito estava recoberto por um tapete escuro de pelo, que fez que os dedos de Hayley sentissem a necessidade de tocá-los.

Para ela, a única coisa manifestamente masculina, além do pelo do peito, era um membro duro e grosso. OH isto sim que não era justo!, pensou, enquanto automaticamente concedia o primeiro ponto ao Jace, em uma competição da que nem sequer era consciente. Com esforço manteve a boca fechada, dando-se ordem de respirar profundamente para poder lhe chamar a atenção.





— Yuhu! — gritou-lhe.

Jace voltou sua cabeça e sorriu quando a viu.

— Ei!, Que faz um dia estupendo?

— OH sim! — respondeu ela solitamente.

Jace sorriu amplamente, como se conhecesse a razão de sua veemência.

— Veio se instalar em sua nova casa?

— Sim, meus pais me enviaram algumas caixas e tenho um par de malas.

— Espera um segundo e te darei uma mão para carregar tudo.

Não pôde negar o prazer que sentia ao olhá-lo, Hayley esperou pacientemente enquanto nivelava os tabuleiros e colocava o prego, depois de martelar com bastante facilidade cruzou o maltratado telhado para a escada de mão que repousava a um lado. Jace desceu sem vacilar e pôde admirar seus movimentos seguros e firmes.

Assim que seus pés golpearam o chão caminhou para ela. Um calafrio involuntário a atravessou. De repente lhe viu como um predador preparado para a caça e Hayley desejou ser a presa. Permaneceu de pé fascinada, até que se deteve diante dela.

Seu olhar se fixou no seu e estendeu a mão, enquanto colocava um dedo sob seu queixo e a elevava brandamente.

— Melhor fechá-la, carinho. Nunca se sabe o que poderia entrar entre esses lábios tão deliciosos que tem.

Hayley se ruborizou furiosamente e fez um ruído quando a fechou bruscamente.

Jace sorriu, seus olhos cintilavam de diversão.

— Então, onde estão essas caixas?

Hayley se voltou e retornou para a casa.

— No porta-malas de meu carro, se quer me ajudar.

— Sem nenhum problema, estou aqui para ajudar. Em tudo o que necessite.

À frente dele, Hayley revirou os olhos e se recriminou silenciosamente. Estava perdendo rapidamente o terreno. O desdobramento sexy e imperturbável de Jace a tinha convertido em um esponjoso pão-doce com abundante nata e joelhos de gelatina. Reafirmando suas defesas, decidiu que chegaria o momento em que trocaria sua sorte.

Quando lhe guiou para o carro, pôde sentir seu silencioso escrutínio a suas costas. Somente para lhe dar mais material, oscilou um pouco mais seus quadris. Sorriu para si quando escutou



uma profunda inspiração. Aparentemente não era a única desfrutava da boa vista.

Ao chegar ao carro, fez desaparecer o sorriso mostrando-se séria e abriu o porta-malas. Quando se retirou e Jace se aproximou para tomar a primeira caixa, seu braço roçou acidentalmente na lateral de seu peito. Ao momento Hayley conteve a respiração, sentindo como se a tivesse percorrido um raio.

— Sinto-o — se desculpou secamente, e recolheu a caixa para levá-la ao interior da casa.

— Não aconteceu nada — reconheceu fracamente e se apoiou um momento contra o carro para respirar.

“Se alguma vez me tocar em um intento de sedução, é muito provável que termine desmaiando”, murmurou ultrajada, antes de abrir a porta traseira do carro para tirar uma de suas malas.

Estiveram passando um ao lado do outro durante um tempo indefinido, até que finalmente descarregaram o carro. Em cada uma das ocasiões nas que Jace se aproximava de Hayley, fazia que esta fosse extremamente consciente dele, com seus músculos esticando-se até fazer com que se sentisse como se caminhasse sobre um campo de minas, esperando a primeira explosão. Suspirou de alívio quando tudo acabou e notou que Jace esfregava seu pescoço. De repente, compreendeu que não era a única em padecer naquela tensão. E isso a fez sentir-se muito melhor, conseguindo relaxar-se quando lhe seguiu à cozinha.

Com familiaridade, Jace abriu um dos armários e tirou um copo.

— Importa-te? É que estou sedento.

— Claro que não me importa. Pode ficar desidratado se trabalhar sob o sol. Leva algum protetor solar?

Voltando-se, com o copo cheio de água na mão, Jace o aproximou dos lábios e bebeu. Claras gotas de água gotejaram do copo, indo parar a seu peito. Hayley olhou com extasiada fascinação como seguiam seu caminho pelo espesso bosque de seda negra de seu pelo. Uma gota intrépida escorregou por cima de seu arredondado peitoral e se posou na ponta de seu mamilo. Ali se balançou alegremente, antes de cair e aterrissar em uma coxa vestida com uns jeans que cobriam uma espetacular perna.

— OH merda — suspirou com brutalidade, depois tossiu para cobrir sua explosão.

— Estas bem? — perguntou Jace com preocupação —. Parece-me que poderia aproveitar a água para ti mesma.



Encheu o copo e o deu. Hayley terminou o conteúdo em tempo recorde, enquanto Jace permanecia diante com uma sobrancelha levantada. Elevou uma mão descuidadamente para esfregar as zonas úmidas de seu peito e as gotas errantes de mais abaixo. Quando as diminutas protuberâncias castanhas de seus mamilos se endureceram sob seu toque, a última gota de água que bebeu Hayley foi para o lugar errado e começou a tossir compulsivamente.

— Tome com calma carinho, há mais água de onde saiu essa — brincou ele, enquanto lhe dava suaves leves golpes nas costas —. Não há necessidade de ter pressa. A maioria das coisas é melhor quando se tomam com calma.

Hayley soltou um ofego final e lhe olhou através de seus olhos cheios de lágrimas. O homem era um perito em soltar indiretas ao tempo que as fazia parecer absolutamente inocentes.

— Estava sedenta — se defendeu fracamente.

— Já vejo. Retornarei agora mesmo. Eu gostaria que fizesse algo por mim, se quiser claro.

Felizmente para ela, não pôde ver o encantador sorriso que se formou no rosto do Jace quando este se afastava.

Com cuidadosa deliberação, pôs o copo vazio na pia e moveu a cabeça pesarosa.

*“Hayley Royden, que infernos te passa? Está realmente interessado e lhe estas convertendo em algum tipo de palhaça! Agora mesmo te controle antes que consiga parecer a idiota maior e jogue tudo a perder”*

O ver através da janela como retornava Jace com uma garrafa em sua mão, fez que se endireitasse de onde estava apoiada no mostrador. Este entrou pela porta e lhe sustentou a garrafa.

— Protetor solar, obrigado por me recordar isso, coloquei um pouco na frente faz tempo, mas não consegui na parte de trás. Certamente deixei zonas desprotegida, assim que... te importaria? — perguntou inocentemente, enquanto lhe dava o pote e dava a volta.

Hayley olhou fixamente toda essa larga extensão de carne masculina que tinha ante ela, em seu rosto se formou uma careta, mas inspirou fundo. “Posso fazer isto, posso fazê-lo”, pensou enquanto lhe respondia energicamente:

— Vá em frente, claro, eu adoraria te ajudar.

Abriu o pote e apertou, fazendo que saísse uma grande quantidade de creme branco sobre sua mão, logo colocou o pote no chão e se esfregou as mãos com ele, esquentando-a antes de estendê-la sobre o Jace. Ele deixou escapar um pequeno *hum* de prazer quando suas mãos



começaram a massagear com o creme em suas costas.

Sua pele era tão cálida e suave como parecia. Os músculos das costas eram sólidos e seus dedos riscaram facilmente os delineados vultos enquanto suas mãos se deslizaram por cima. Hayley inspirou profundamente e se perdeu no ritmo de sua massagem. Em vez de sentir desconforto ao tocar Jace, resultou como se fosse o mais normal do mundo. Uma conexão fácil e aberta se formou entre eles, até que ambos se sentiram capturados pelo ritmo das carícias daquelas mãos. Estas se moveram por seus ombros, massageando os músculos ali presente, até que um gemido rouco de prazer por parte do Jace rompeu o feitiço que os arrastava.

Hayley se tornou para trás. — Bom, acredito que já estas bem protegido — disse ofegante e deu outro passo até a pia para lavar as mãos.

Pôde sentir o olhar do Jace e soube o momento exato em que se moveu. Escutou sua voz a seu lado quando a falou com suavidade.

— Obrigado, Hayley, massageia muito bem, carinho. Sabe, de vez em quando tenho um torcicolo aqui atrás, acreditas que poderia te encarregar?

Hayley se voltou, com um sorriso em seus lábios.

— Volta a trabalhar, Jace.

— Ok, vale, mas não faz falta ser cruel.

Rindo entre dentes saiu pela porta.

Hayley continuou sorrindo enquanto lhe observava ir-se. Seus olhos se estreitaram ao tempo que idealizava um plano. Jace, definitivamente, tinha resultado o ganhador nesta rodada, mas a luta simplesmente tinha começado.

— Agora vamos ver quem ganha no segundo assalto — murmurou e foi ao dormitório para trocar-se.

\* \* \* \* \*

Jace retornou ao telhado, deixando que seu rosto adotasse a careta que não pôde reprimir nem um momento mais. Hayley era sua e lhe respondia sem nenhum tipo de dúvida. O encanto do antigo McKenna estava deixando rastro, pensou com ar satisfeito enquanto voltava a pôr as travessas no telhado e os cravava.

Rememorou o encontro com satisfação. Tinha permanecido tranquilo e crédulo, enquanto



Hayley estava claramente alterada, e era aí precisamente onde a queria ter. Sua própria calma quase veio abaixo, depois de roçar seu peito acidentalmente enquanto a ajudava a tirar as caixas do porta-malas de seu carro. Não foi o único afetado nesse incidente, mas tinha se recuperado com rapidez.

Quanto mais tempo estava em contato com ela, mais profunda era a necessidade primitiva que tinha em seu interior. Esta se centrava diretamente no lugar que albergava a seu lobo e seus instintos alimentavam a necessidade. Só sua força de vontade lhe mantinha afastado de Hayley, evitando que lhe dissesse o que queria e o que ela significava para ele. Mas sabia que era muito cedo, não queria arriscar-se e jogar tudo por cima do muro. O melhor que podia fazer era aparecer por ali a todas as horas, e assim Hayley demoraria menos em ser sua.

Captando um movimento pela extremidade do olho, olhou para baixo para encontrar Hayley saindo para a grama. Descalça, levava uma toalha grande sob um braço e havia trocado de roupa. Os olhos do Jace se aumentaram apreciativos. Estava vestindo umas calças extremamente curtas. Pôde apreciar um laço pendurando por suas costas nua e outro laço à parte posterior de seu pescoço. Enquanto a observava, esta se deteve, sacudiu a toalha e se inclinou para estendê-la sobre o chão.

Quando os shorts curtos subiram para revelar a carne cremosa que havia debaixo, ocorreram duas coisas. A primeira, o ritmo cardíaco do Jace aumentou, o sangue que percorria velozmente suas veias se amontoou repentinamente em seu membro, e este se elevou imediatamente. O seguinte golpe do martelo encontrou seu dedo polegar em lugar da ponta do prego que estava apontando e o sangue que tinha enchido seu membro abruptamente retrocedeu e se foi por onde tinha vindo.

— Filho da puta! — gritou, ao tempo que ficava de pé e agitava o dedo maltratado antes de embalá-lo em sua outra mão.

Hayley se deu a volta, e aí Jace conseguiu sua segunda surpresa. A camisa que levava, se é que se podia chamar assim, já que apenas a cobria. Era uma malha vermelha-cereja que só cobria o centro de seus luxuriosos peitos. Embalava generosamente essa carne firme, ocultando unicamente os mamilos, enquanto deixava uma boa porção da parte superior de seus peitos exposta.

— Filho da puta! — gemeu impressionado, enjoando-se quando seu sangue reaplicou de novo a direção, indo-se da cabeça e enchendo seu membro. Perdeu o equilíbrio.



Hayley gritou quando Jace se agitou para recuperar o equilíbrio, obtendo-o apenas, e terminou sentado no telhado com um duro golpe.

— Estas bem? — gritou ela, claramente preocupada.

Jace revirou os olhos, completamente aborrecido consigo mesmo.

— Estou bem, muito bem — grunhiu através dos dentes apertados.

— Me alegro. Na verdade pensei que você fosse cair. Não deveria brincar com essas coisas, já sabe.

— É um bom conselho, assegurar-me-ei de segui-lo de agora em diante.

— Agora não seja grosseiro. Não é culpa minha que seja um pouco descuidado.

— Não sou descuidado!

— Como queira. Vou ver se tomo um pouco de sol, se não te importar.

— Por que devia me importar?

— Por nada absolutamente. Já que interrompeste seu trabalho, se incomodaria de descer e me pôr um pouco de creme nas costas?

Jace a dirigiu um olhar longo, silencioso e muito penetrante.

— Não me tente, Hayley. Esse pode ser um jogo muito perigoso.

— O que quer dizer?

— Se desço aí e te ponho as mãos em cima, não me vou limitar a estender o creme por suas costas. Essa minúscula camisa que leva será a primeira coisa que sairá disparada — a informou, enquanto seus olhos se transformaram em brasas ardentes —. Logo serão esses shorts que desaparecerão, e se levar calcinhas, não será por muito tempo — prometeu —. Então sim começarei a te passar o creme. O primeiro lugar ao que minhas mãos irão será a essa doce e escultural bunda, logo subirei para cima em seu peito.

Hayley se ergueu chocada e silenciosa, seu corpo eletrizado por cada uma das palavras que Jace pronunciava.

— Não posso esperar para sustentar seus peitos em minhas mãos. São lindos, Hayley, um verdadeiro tesouro, e estou desejoso de te mostrar quanto os admiro. Tenho a intenção de fazer que desfrute enquanto lambo e sugo seus mamilos.

Ao pronunciar a palavra “mamilos”, estes reagiram e um calafrio involuntário percorreu toda sua pele. Endureceram-se e empurraram atrevidamente contra a malha que os ocultava.

Jace grunhiu, não existe outra palavra melhor para descrever o som que retumbou de seu



peito.

— Isso, carinho, simplesmente pensa no bem que te vais sentir quando te saborear.

— Jace, pare — murmurou sem forças. Sua respiração se converteu em um entrecortado ofego.

— Enquanto os sugo, minhas mãos terão plena liberdade para dirigir-se para seu quente, molhado e inchado sexo, Hayley. Volta a estar molhada, não está?

— Pare já! — gritou, quando uma onda de pura vertigem a percorreu por inteiro.

— Entre o creme e seus doces e quentes sucos, poderei escorregar um par de dedos dentro.

— Para já! Você ganhou. Certo? Você ganhou! Entro na casa, bastardo ultra competitivo. — Hayley se largou agitada.

Jace sorriu e murmurou para si.

— Nunca tente a um lobo, carinho.

Permaneceu ali de pé, fazendo caretas devido a seu maltratado polegar e esfregando o golpeado traseiro, enquanto se dizia que, apesar de todo o sofrido, tinha valido a pena se assim tinha podido observar o olhar que refletia o rosto de Hayley. Assobiando retornou a seu trabalho.

No interior da casa, Hayley se dirigiu a seu dormitório, deixou-se cair sobre a cama e soltou uma risada.

— OH sim, quer-me.

## Capítulo Quatro

Um par de dias mais tarde, enquanto estava sentada ante seu laptop, soou o telefone. Agarrou-lhe, mas antes de poder perguntar nada, disseram:

— Estas preparada para te divertir?

Riu ao escutar a voz de sua irmã.

— Bryn, já sabe que nestes momentos não estou interessada nos trios — brincou.

— Não tem tanta sorte, querida irmã — respondeu Bryn com um bufo —. Logan nos convida a sair. Se te interessar, podemos nos encontrar com ele no Morgan's. É um dos botequins da localidade, um lugar verdadeiramente tranquilo. O dono não permite nenhum tipo de briga. O que te parece?



— Parece divertido. Posso me permitir uma noite livre.

— Imaginei. Empregaste-te a fundo, verdade?

— Tenho que conseguir certa estabilidade, Bry. Estou totalmente decidida a ter êxito nisto.

— Já sabe que me alegra ver-te tão profundamente interessada em algo. Sempre tive a impressão de que não chegava a ser totalmente feliz com nenhum dos trabalhos que realizava.

— Tem razão. A maioria das vezes, a única razão para aceitar um trabalho era pelo dinheiro que conseguiria. Essa não é uma motivação suficiente como para que o trabalho me satisfaça. Mas escrever? É divertido, Bryn. Satisfaz-me de uma maneira que não sabia que necessitasse.

— Me alegro profundamente por ti, Hayley. Agora deixemos este tema tão sério a um lado, pegarei-a às seis e quarenta e cinco. Logan nos espera ali a sete.

— Estarei preparada. Quanto ao vestuário?

— Estritamente informal. Com um par de jeans é suficiente.

— Isso é fácil. Vejo-te em um momento.

— Adeus.

Hayley pendurou o telefone e se dirigiu ao dormitório para desenterrar seus jeans favoritos, que conjuntaria com um Top de algodão vermelho. Depois de tomar uma ducha rápida e secar o cabelo, colocou um sutiã de renda vermelho e umas calcinhas a jogo. Aplicou-se a maquiagem com mão perita, uma ligeira base com um pouco de rímel. Uma vez vestida, guardou-se nos bolsos sua carteira de motorista, algum dinheiro, um pente, as chaves de sua casa e um lápis de lábios.

Calçou um par de sandálias, e acabava de agarrar uma jaqueta de camurça vermelha intensa, pois começava a esfriar, quando escutou a buzina de Bryn no caminho de entrada.

— Bem a tempo — comentou com um sorriso e se dirigiu à porta da rua. Saiu, assegurou-se de fechar bem com chave e se uniu a sua irmã no carro.

A viagem foi curta e chegaram num prazo de dez minutos. Morgan's estava situada aos subúrbios da cidade. Estava flanqueada a um lado por um posto de gasolina, convertida em uma loja de vinte e quatro horas, e ao outro por uma pista de boliche. Por ser cedo, o estacionamento estava medianamente livre. Morgan's era um lugar muito frequentado, sobre tudo, e com o desconhecimento de Hayley, pelas duas manadas de homens lobos da localidade. David Morgan, o dono, membro de Torre de Ferro, dirigia e controlava o lugar de maneira muito diplomática. Não se permitia nenhum tipo de disputa; se alguém rompia as normas, era expulso sem nenhum tipo de rodeio e não lhe voltava a permitir a entrada. Como não queriam perder seus privilégios, a





maioria dos clientes encontravam a maneira de manter a paz.

As duas irmãs atraíram muitos olhares de admiração quando atravessaram a porta. A gente do lugar conhecia a Bryn e sabiam que era a companheira do Logan Sutherland, além de ser a co-proprietária da Livraria Whispering Springs. E as intrigas da pequena cidade já tinham dado a notícia da chegada de sua irmã Hayley.

David captou sua chegada de detrás do balcão e o rodeou para aproximar-se e as saudar com um sorriso de boas-vindas.

— Bryn, me alegro muito de ver-te. Logan virá?

— Sim, já deve estar chegando. David, eu gostaria de te apresentar a minha irmã, Hayley. Hayley, este é David Morgan. É o dono deste estupendo local.

David ampliou seu sorriso.

— Prazer em conhecê-la, Hayley.

— O mesmo digo — respondeu lhe devolvendo o sorriso.

— Me sigam senhoras. Tenho um reservado vazio esperando por vocês.

David lhes mostrou o caminho até um dos reservados maiores, e depois de que se sentassem tomou nota do que queriam beber.

— Para mim somente Coca-Cola — disse Bryn, depois de que Hayley pedisse uma cerveja suave.

Hayley observou o lugar, enquanto movia o pé ao ritmo que marcava a alta música ambiental. Era bastante espaçoso, com reservados e mesas grandes a uma distância prudente, para que os clientes não se sentissem amontoados. Inclusive havia uma pequena pista de baile diante da máquina de discos, para aqueles inclinados a realizar um pouco de exercício. O lugar, em seu conjunto, era todo uma imitação das cabanas rústicas. Ao fundo se divisava um desvão ao que se chegava mediante umas escadas laterais. Tinham colocado umas mesas para quem quisesse uma vista panorâmica da planta baixa ou um pouco mais de privacidade.

Em sua imaginação, Hayley pôde imaginar-se este lugar como uma típica cena da Alaska durante a febre do ouro. Estaria cheio de garotas de salão e rudes mineiros gastando o ouro em busca de uma boa farra. Sorriu e tomou um gole de sua cerveja.

—Você gosta? — perguntou Bryn.

— É precioso — respondeu —. Estava pensando em quão bem ficaria como cenário em um livro.



— Eu também o vejo — aceitou Bryn.

Seguiram conversando e tomando suas bebidas enquanto os minutos passavam. Bryn olhou seu relógio.

— Chega tarde, espero que tudo esteja bem.

— Estou segura de que o está. Não se preocupe, irmãzinha, virá.

Ao momento, uma sombra caiu sobre a mesa. Ambas levantaram a vista esperando ver o Logan, mas em troca encontraram a um estranho de pé ante elas. O homem era alto e de constituição forte, com uns toscos traços sob uma abundante barba. Hayley estava segura de que provavelmente o homem se acreditava atraente. Seus olhos desprendiam uma espectadora arrogância, por isso se sentiu instantaneamente incomodada. Por isso e pelo fato de que sua roupa descuidada e o aroma que desprendia indicavam uma carência total de higiene pessoal.

Ele dirigiu sua atenção para Bryn.

— Hey, pequena, você quer dançar?

— Não, obrigado — respondeu Bryn friamente —. Estou esperando a meu casal.

— Oooh, seu casal, está bem que lhe espere. Mas estou seguro de que não lhe importará que dance enquanto o faz. Vamos, você gostará de estar com um homem de verdade.

Estendeu a mão com a intenção de agarrar o braço de Bryn. Hayley lhe golpeou como um relâmpago, segurou seu pulso enquanto se elevava, levantando do reservado e lhe obrigando a dar um passo atrás.

— Não toque na minha irmã — ordenou aparentemente tranquila, com um olhar duro e direto. Liberou-lhe e às escondidas se limpou a mão na calça —. Te disse que está esperando a alguém. Por que não volta para sua mesa?

— Bom, não há nenhuma necessidade de que esteja ciumenta. Tenho em abundância para as duas — a olhou com lascívia e se agarrou pela entreperna, esfregando-se obscenamente —. Quem quer ser a primeira em prová-la?

De novo estendeu a mão, esta vez dirigindo-a para o peito de Hayley. Sem nenhum tipo de vacilação, o segurou o braço, deu um passo ao lado e com um movimento totalmente inesperado e harmonioso, varreu os pés do briguento, lhe enviando estrondosamente ao chão. Enquanto caía, escutou-se um ruidoso rasgão; devido a que ainda estava segurando a sua jaqueta, tinha-lhe rasgado a costura do ombro, deixando-a solta.

Hayley se manteve de pé sobre o homem. Inclusive despenteada, com o rosto ruborizado e a



metade de seu sutiã visível através de sua jaqueta rasgada, era muito mesmo a imagem de uma vingativa Amazona. O que não sabia era que no mesmo momento que lançava ao homem ao chão, a porta da rua se abria e Logan, acompanhado de Jace, entravam bem a tempo de vê-la em ação.

Durante uma fração de segundo, a sala inteira se congelou. O único som era o contínuo rum-rum do toca-discos. Tão rapidamente como se congelou, a sala se descongelou e um zumbido de conversações varreu a multidão. David Morgan apareceu, no mesmo momento que Logan e Jace, empurrando, abriam-se caminho entre a gente.

— Que demônios passa aqui? — exigiu Jace.

— Este imbecil tentou ultrapassar-se com o Bryn. Quando lhe pedi educadamente que partisse, tentou me agarrar — explicou Hayley.

David passou o olhar do Logan ao Jace e viu tempestades gêmeas surgirem.

— Ocupar-me-ei disto — lhes disse, enquanto se formavam em suas bocas coléricas protestos dirigidos para ele. Não lhes deu nenhuma só possibilidade para opor-se —. Aí fora, sua palavra é a lei e a respeito. Mas esta é minha casa, são minhas regras e não há nenhuma exceção. Esta merda não merece os problemas que uma lição privada de maneiras poderia trazer. Sentem-se. Cuidem de suas senhoras. Todas as bebidas que tomem esta tarde vão a conta da casa.

Fez um gesto a dois de seus garçons. Eles seguraram ao homem, cada um de um braço, e partiram para a porta. Outros dois homens se levantaram de sua mesa e seguiram a seu desafortunado amigo para o exterior. Uns minutos mais tarde se escutou o som de três motos se afastando do estacionamento.

— Bryn, Hayley, sinto o acontecido, isto não é algo que ocorra frequentemente. É óbvio que esses três não conheciam as regras — se desculpou David.

— Está bem, David, não foi tua culpa. Tudo ocorreu muito depressa. Por sorte, minha irmã é algo assim como uma professora ninja — lhes comunicou Bryn com um amplo sorriso.

— Tolices — se ruborizou Hayley. Deslizou-se no reservado e se sentou com um suspiro, mas imediatamente se esticou ligeiramente quando Jace se situou a seu lado. Logan e Bryn tomaram seus lugares frente a eles.

— Está sangrando — comentou Jace baixinho, com a voz vibrante pela cólera suprimida e a frustração.

Estirando o pescoço, Hayley tentou ver do que falava.

— Não posso vê-lo — se queixou.



— Aqui, te gire um pouco.

Jace tomou um guardanapo e a molhou em uma das taças de água que lhes tinham levado a mesa, junto com os refrescos que tinham pedido Bryn e Hayley, e as cervejas para o Logan e ele mesmo. Sua mão cobriu o ombro de Hayley e limpou brandamente o avermelhado arranhão que danificava a cremosa pele de sua garganta.

Hayley vaiou ante o gentil contato de seu toque, enquanto a limpava o arranhão e o secava com suaves leves golpes. Amavelmente, colocou sua ombreira rasgada sob a tira de seu sutiã, com um movimento que a fez tremer.

— Já está, não sangrará mais, mas vale que ponha alguma pomada antibacteriana quando chegar em casa. Se não tiver uma, comprarei uma na loja que há ao lado, de fato, talvez deveria fazê-lo agora — se ofereceu, e fez o gesto de levantar-se.

— Jace, sente-se. Não vai procurar a esse tipo — ordenou Logan.

Jace se calou; seus olhos cor turquesa estavam tempestuosos mostrando seu protesto, enquanto lutava por controlar-se.

— Tocou-a. A fez mal. — Jace falou com frases entrecortadas e roucas pela emoção.

— Sei, mas está bem. Hayley, diga ao Jace que está bem. — A voz do Logan era apaziguadora e a ordem foi pronunciada brandamente.

Hayley franziu o cenho e olhou do Jace ao Logan e de novo ao Jace. Estava ocorrendo algo, mas não tinha nem a menor ideia do que podia ser. O olhar do Logan estava cheio de preocupação, claramente dirigida para o Jace. Sua expressão declarava evidentemente que ela tinha que fazer algo a respeito.

Girou seu olhar para Bryn, que fez um gesto afirmativo como estímulo. Encolhendo-se de ombros, voltou-se em seu assento para lhe encarar.

— Jace, estou bem. Sericamente que o estou.

Um leve ofego escapou de seus lábios quando ele voltou sua atenção para ela. Os olhos do Jace estavam iluminados. Não havia nenhuma dúvida. Não havia nenhum raio de sol ou luz de uma vela ou de um abajur que pudesse causar aquele fogo interior. Fascinada, inclinou-se para diante, aproximando a mão à bochecha dele.

Imediatamente capturou sua mão e girou a palma para aproximá-la a seu nariz, inalando profundamente seu aroma. Fechou os olhos no que pareceu um agradado êxtase e sua língua se deslizou sensualmente até tocar a palma de sua mão.



Hayley tremeu enquanto seu fôlego se acelerava. Quando Jace abriu os olhos, o brilho tinha desaparecido.

— Está segura de que te encontra bem, carinho? — perguntou brandamente, com sua acariciante voz envolvendo-a com calor.

Como tinha ficado sem fala, só pôde afirmar com a cabeça, aturdida pela intensa preocupação de Jace por ela.

A tensão desapareceu nele. Pôde ver como seu corpo tomava uma postura mais relaxada.

— Bem. — Liberou sua mão, agarrou uma das cervejas e tomou vários goles —. Agora é quando me conta onde aprendeu esse pequeno truque que usou com aquele tipo.

Ela piscou. De repente tudo tinha voltado para a normalidade. Era quase como se tivesse feito uma mini-viagem a outra dimensão e de repente estivesse de volta à realidade. Ninguém comentou o estranho comportamento do Jace ou o incrível fato de que seus olhos se iluminaram como lanternas chinesas. Logan e Bryn lhes olhavam com complacente aprovação, sem o menor desconcerto pelo que tinha acontecido momentos antes.

— Eu faço isso, se me contar por que lhe brilhavam os olhos ainda agora.

— Ah, isso — riu Jace — Isso é algo que somente me acontece quando estou alterado. Isso é uma... bom... é algo que forma parte de mim. Explicar-lhe-ei isso mais detalhadamente um dia, mas não agora, de acordo?

Motivada por uma inesperada súplica em sua voz, fez um gesto afirmativo.

— Sua vez.

— Um, frequentei a algumas aulas de defesa pessoal. Pensei que poderia me ser útil, sabe?

— Certamente foi útil esta noite — comentou Logan —. Obrigado por cuidar de Bryn.

Hayley riu envergonhada e se encolheu de ombros.

— É minha irmã, sempre cuidamos uma da outra.

— Sim, é certo — disse Bryn com um sorriso —. Se lembra de quando éramos pequenas e Johnny Tebbits tentou nos roubar o dinheiro do sanduíche? Era um valentão do primário, estudava em uma série na minha frente e duas na de Hayley — disse aos meninos —. Pensou que ia ser fácil aterrorizar a um par de moças. — riu com vontade —. Hayley e eu saltamos sobre ele. Não voltou a nos incomodar!

— Logan, acredito que nos sentamos com um par de atrevidas e ousadas mulheres. Deveria tomar cuidado, companheiro.



— OH, eu não o necessito. Bryn já me tem onde quer. Acredito que é você o que deveria tomar cuidado. Hayley nos acaba de mostrar como dirige aos homens que não sabem comportar-se.

Jace fez uma pausa, com um olhar pensativo e especulativo em seu rosto.

— É certo, mas eu gosto de lutar com minhas companheiras.

— Eu não luto, e nas aulas nos ensinaram que o melhor método para submeter a um macho inconveniente era ir diretamente a seu testículo.

— Ouch. — Jace se retorceu em seu assento —. Acredito que te concederei este assalto. — Levantou sua taça em um brinde, enquanto Logan e Bryn riam entre dentes e Hayley lhe dirigia um sorriso satisfeito.

Passaram o resto da tarde desfrutando da agradável atmosfera, as bebidas e a conversação. Quando não jogava a “ser todo um homem”, Hayley percebeu que Jace era bastante inteligente. Estava muito bem informado sobre as últimas notícias e dava suas opiniões com uma meticulosidade que dava amostras de que havia algo mais em sua cabeça além das medidas corporais das mulheres. Apesar das bebidas serem grátis, limitou-se a duas cervejas, igual a Logan. Tinha que lhes admirar por isso. A maior parte dos homens se aproveitariam dessa oportunidade.

— Gosta de dançar?

— Hmm? — respondeu Hayley, compreendendo que se perdeu em seus pensamentos, sem prestar atenção à conversação que seguia a seu redor.

— Dançar? — repetiu Jace.

— OH, bom...

— Vá, Hayley. Você gosta de dançar — a animou Bryn com um levado sorriso.

Hayley entrecerrou os olhos e lançou uma careta em sua direção. Pensar em dançar com Jace, ou ter qualquer tipo de contato físico com ele, fez com que sentisse os joelhos débeis.

Jace se deslizou fora do reservado e estendeu a mão.

— Vamos, carinho. Sei que não é nenhuma covarde.

Incapaz de pensar em uma desculpa viável, tomou sua mão, deslizou-se através do assento e lhe deixou conduzi-la até a pequena pista de baile, diante do toca-discos. Vários casais ocupavam já parte do espaço, coisa que agradeceu. Ao menos não se sentiria observada por ser o único casal de baile. A seleção do toca-discos escolheu aquele momento para, com um estalo, trocar a uma canção lenta e de ritmo sensual. Jace a tomou espertamente em seus braços e começou a mover-



se.

Hayley seguiu automaticamente seus movimentos, seu corpo captou seu ritmo, acomodando-se a ele. Olhou-o fascinada, observando como o vibrante turquesa se transformava em resplandecente fogo. Seus olhos refletiam suas emoções com absoluta clareza. Além de seu inequívoco desejo, via-se florescer algo mais, algo que provocou que uma descontrolada esperança crescesse nela, da mesma maneira que a fez temer. Incapaz de manter o contato visual, Hayley girou a cabeça e a apoiou em seu ombro. Jace suspirou e a aproximou um pouco mais, até que não houve nenhum espaço entre eles.

Enterrou o rosto em seu cabelo e Hayley pôde sentir o movimento de seu peito quando inalou profundamente.

— Cheira diabolicamente bem — grunhiu —. Faz-me sentir coisas. Nunca me tinha passado antes. — Sua voz estava carregada de assombro.

Hayley tremeu ante o tom rouco e se aproximou mais, sentindo a inequívoca dureza de sua ereção sobre o ventre. Longe de ofender-se, deleitou-se ante seu próprio poder como mulher. Seus mesmos desejos aumentaram na mesma proporção e Hayley lhes deu as boas-vindas, reconhecendo-os como verdadeiros, apropriados e naturais — como uma resposta a esse homem que fazia um lugar em sua vida.

Dançaram juntos em um mundo próprio, cheio de calor e necessidade, moderado pela paciência, o desejo e a esperança, junto com a compreensão do caminho que empreendiam. Quando a música terminou, fizeram-se a um lado e se sorriram o um ao outro. Cada um deles sabia, sem necessidade de perguntas, que o outro compreendia exatamente o que aconteceria. Jace posou um suave beijo sobre sua bochecha e empurrou seu traseiro em direção à mesa.

Hayley tomou assento e se girou para Jace enquanto este se deslizava a seu lado.

— A propósito, o que faz aqui? Ninguém me disse que viria.

Jace riu.

— Mais ou menos me convidei quando Logan me disse que tinha marcado com Bryn e você.

— Já vejo — respondeu —. Por alguma razão em particular?

— Pergunta com alguma intenção, carinho?

— Somente por curiosidade.

— Uh-huh. Necessita que te explique detalhadamente por que estou aqui? — Jace lhe dirigiu um olhar que derreteu suas vísceras até as deixar como manteiga.



Hayley trouxe com força.

— Acredito que seu olhar me diz tudo o que tenho que saber.

Ao outro lado do reservado Logan sorriu e lançou uma piscada pra Hayley, com uma expressão que lhe dizia claramente “já lhe disse isso”. Hayley se encolheu de ombros timidamente, mas estava satisfeita.

Quando a tarde chegava a seu fim, Bryn começou a bocejar e Logan declarou que era hora de ir-se. Era muito atento com ela, ajudou-a a levantar-se, colocou um braço por cima de seus ombros e a aproximou de seu lado. Hayley viu a líquida calidez que iluminava os olhos de Bryn quando elevou a vista para ele, e suspirou quando Logan se inclinou para posar um suave beijo sobre seus lábios.

Jace já se levantou e ela se deslizou fora do reservado para encontrar-se com seu olhar e uma solene expressão em seus olhos. Ele se girou para o Logan.

— Por que não leva a Bryn pra casa em seu carro? Eu poderia levar a Hayley. Se estiver de acordo — a perguntou.

Hayley fez um gesto afirmativo, sentindo como uma única mariposa provocava uma leve agitação em seu estômago. Não estava segura do que aconteceria, mas ao mesmo tempo se sentia inexplicavelmente segura a seu lado.

Como todos estiveram de acordo com a distribuição, despediram-se no estacionamento. Jace conduziu Hayley para sua caminhonete e abriu a porta do passageiro para que entrasse. Instalou-se e prendeu seu cinto de segurança enquanto ele dava a volta pela parte dianteira da caminhonete e se sentava ao seu lado.

Jace sintonizou a rádio em uma emissora de música suave e, pelo fato de não conversarem durante a viagem, Hayley pôde relaxar-se. Recostou a cabeça no assento de couro e fechou brevemente os olhos.

— Está cansada? — perguntou Jace brandamente quando dirigiu a caminhonete para a entrada de sua casa.

— Um pouco. Foi uma tarde muito interessante.

— É certo — concordou e desligou o motor, deixando ligado o rádio —. Como está o arranhão?

— Arde um pouco.

— Me deixe ver.





Inclinou-se sobre ela, girando-se para poder vê-lo. As gemas de seus dedos passaram brandamente pela zona exterior do arranhão.

— Sangrou outra vez. Me deixe que te cure — suspirou.

Sem compreender o que pretendia, Hayley ficou sem fôlego quando ele aproximou sua boca a sua pele e sua língua se deslizou úmida e lentamente ao longo de todo o arranhão. Expulsou o fôlego com leves ofegos e gemeu brandamente quando repetiu o gesto uma e outra vez.

Jace se retirou ligeiramente, seus olhos reluziam com a brilhante luz, agora tão familiar.

— Sente-se melhor?

Ela fez um gesto afirmativo, incapaz de falar.

— Senti-me verdadeiramente alterado quando te vi lançar ao chão aquele tipo. Pareceu-me que te tinha falhado, que deveria ter estado ali para te proteger. Odiei o fato de que te fizesse mal. Não voltará a acontecer, Hayley. Prometo-lhe que ninguém voltará a te fazer mal.

Hayley se estremeceu ante a profunda emoção que mostravam seus olhos.

— Jace... eu...

— Shh, não diga nada por agora. Limite-te a sentir, carinho.

Tomou-a em seus braços e procurou sua boca. Sem nenhum tipo de pensamento ou vacilação, Hayley abriu a boca quando a paixão explodiu entre eles. A língua de Jace entrou nela e a recebeu com atrevidas e insistentes carícias, que extraíram um gemido do mais profundo de sua garganta.

Seus braços lhe rodearam os ombros, enquanto que ele estreitava fortemente suas costas. Suas mãos se deslizaram lentamente acima e abaixo, aproximando-a mais, até que seus seios ficaram pressionados contra seu peito. Jace se recostou, em nenhum momento interrompeu o contato com sua boca enquanto arrastava Hayley com ele. Ela terminou meio sentada em seu colo, com as pernas estiradas sobre o assento do passageiro.

Seguiram explorando as cálidas e úmidas bocas um do outro. Jace retirou um dos braços de suas costas e se moveu para a frente de sua blusa, puxando o tecido amassado que tinha metido sob a tira de seu sutiã. O suficientemente consciente para compreender para onde se dirigia ele, fez uma profunda inspiração, descobrindo seu olhar interrogativo.

Seu olhar transmitia um incrível calor, paixão e necessidade, tudo isso unido a uma vontade de ferro. Sua mão puxou ligeiramente, para baixo, a vermelha tira de seu sutiã.

— Não pode imaginar quão intrigado estou por esta pequena e delicada coisa que leva. Suas



calcinhas também são de renda vermelha?

Hayley se ruborizou.

— A verdade é que eu gosto bastante dessa cor... e sim, são.

— OH, carinho, eu também gosto dessas coisas tão bonitas. Sobre tudo eu gosto de quem as está vestindo. — Sua mão continuou o percurso até que se deteve sobre um seio, moldando a mão a ele. Hayley gemeu e se aproximou mais para aumentar a pressão de seu tato —. Calma, carinho, te deixe levar pelas sensações.

Jace se inclinou sobre ela para apoderar-se com a boca, da pequena rigidez de seu mamilo que se apertava contra o sutiã. Com a língua movendo-se sobre o suave sutiã começou a sugar. Hayley se esticou, empurrando-se contra ele, lhe oferecendo até mais. Sua respiração ofegante, junto com seus desesperados gemidos, encheram o habitáculo, e seus quadris começaram a mover-se com um ritmo que mostrou sua crescente necessidade, fazendo com que ele deslizasse a mão por seu torso até chegar a suas coxas ligeiramente abertas.

Perdida no sensual fogo e procurando o orgasmo que rapidamente se formava em seu interior, Hayley se abriu pra ele. Um gemido animal reverberou nela quando a mão do Jace começou uma firme e acariciante fricção, que provocou uma crescente quebra de onda de calor. Arqueou-se contra ele, ofegando, quando liberou seu mamilo com um agudo beliscão. Uma vez mais colocou a boca contra sua garganta, utilizando os lábios e a língua de tal maneira que a fizeram tremer. Jace ascendeu um pouco mais. Com um movimento que fez com que seu estomago se esticasse e vibrasse de necessidade, lambeu o sensível oco sob seu ouvido antes de exercer uma suave sucção.

Suas costas se arquearam.

— Mmm, Jace, por favor.

— Isso, doçura. Tão boa e tão selvagem, para mim. — O enrouquecido tom de sua voz, enviou vibrações através de suas terminações nervosas —. Um dia, muito em breve, vou ter-te em minha cama. Vou estender estas deliciosas coxas e afundar meu membro profundamente em seu interior. Diretamente aqui. — Jace acentuou suas palavras aumentando a pressão entre as coxas de Hayley —. Diretamente aqui, carinho. Foderei-te até que grite.

Hayley se sentiu subir com uma intensidade insuportável de prazer. Com um gemido gozou; seus quadris se arquearam com uma série de movimentos entre lentos e rápidos, que extraíram cada grama de prazer, graças ao seguro toque do Jace. Toda a tensão que se acumulou em seu



corpo durante a tarde desapareceu enquanto se recostava sobre ele, descendendo lentamente do pináculo ao que tinha subido. Exalou profundas e estremecidas inspirações que, depois de uns minutos, voltaram para a normalidade. Quando isto ocorreu, a realidade se abriu voltou de repente e se esticou em seus braços.

— Isto foi maravilhoso — murmurou ele —. Foi lindo te olhar, Hayley, simplesmente lindo.

Ela se relaxou ligeiramente, mas não pôde deter a onda de confusão e a multidão de emoções que a percorreram.

— Jace, sinto muito. Não deveria tê-lo feito. Sei que queria que eu... lhe devolvesse isso, mas...

Jace a fez calar com um suave beijo.

— Posso-o querer, mas não o espero. Ainda não está pronta e, por muito que lamente admiti-lo, tampouco eu estou preparado. Ao menos não para algo além do físico. Só estou preparado para isto. — riu entre dentes —. Estou tão preparado que me dói, mas há algo mais entre nós, e você e eu precisamos de tempo. — Ajudou-a a se sentar em seu lugar e a arrumar a roupa —. Há algumas coisas que deveria saber sobre mim, coisas que são... complicadas. Mas agora vou acompanhar-te até a porta de sua casa e te dar um beijo de boa noite, tudo bem?

Hayley fez um gesto afirmativo, afetada por sua sensibilidade. Esperou enquanto ele saía da caminhonete, lhe observando dar a volta para abrir sua porta. Quando saiu, passou-lhe um braço por sua cintura e deu boa-vinda ao calor e a segurança que a transmitiu. Andaram até o alpendre e Jace esperou pacientemente a que procurasse no bolso as chaves de sua casa.

Ao abrir a porta, a débil luz do abajur que descansava sobre a mesa do corredor se derramou para o exterior. Iluminou uma zona do alpendre e lançou seu suave brilho sobre eles. A expressão na face de Jace era grave.

Ele estendeu a mão e acariciou sua bochecha.

— É uma mulher de mentalidade aberta, Hayley?

— Eu gosto de pensar que o sou — respondeu brandamente, perplexa ante a pergunta.

— É bom sabê-lo — reconheceu Jace e se inclinou para beijá-la. Foi um beijo suave e doce, carregado com um amortecido fogo e promessas —. Boa noite, amor.

— Boa noite — murmurou e lhe observou dirigir-se à caminhonete.

Não pôde evitar o sorriso que curvou seus lábios quando lhe escutou resmungar e reajustar-se dissimuladamente as calças. Quando saltou em sua caminhonete, ela se despediu agitando as



mãos e fechou a porta, jogando a chave no interior.

Mais tarde, aquela noite, Hayley despertou devido a diversas dores musculares. Gemeu e se girou saindo da cama. Ficou de pé balançando-se ligeiramente e sua mente, ainda emaranhada pelo sono, advertiu-lhe que deveria ter estirado seus músculos depois de tombar a aquele bastardo briguento no Morgan's. Com uma murmurada maldição e meio atordoada arrastou os pés até o banheiro, encheu um copo de água e engoliu um par das pastilhas mais fortes que tinha para a dor.

Ainda meio dormindo, lançou-se de novo à cama, deslizando-se sob as mantas e imediatamente adormeceu. Em nenhum momento se perguntou sobre o fato de ser capaz de ver com perfeita clareza na total escuridão de seu dormitório.

\* \* \* \* \*

No dia seguinte, Hayley se sentiu estranhamente desconfortável, como se não estivesse a vontade com sua própria pele. De vez em quando inquietantes sensações pareciam percorrer seu corpo, pondo-a intranquila e incômoda. Estranhos mas convincentes sonhos tinham povoado sua mente durante a noite. Um particularmente vívido se sobrepunha ao resto e ficou pensativa enquanto bebia relaxadamente uma taça de café na mesa da cozinha. Jace tinha ligado a primeira hora para lhe dizer que tinha uma reunião com um cliente. Não havia nada que distraísse sua atenção da lembrança.

Estava escuro e se encontrava caminhando pelo bosque. Quando levantou a vista, observou o céu claro e a lua brilhante através de um espaço que deixavam os ramos das árvores. A opalescente luz, combinada com a suave brisa, deixavam ver umas estranhas e ameaçadoras sombras dançando no mato. Deveria ser atemorizante, mas Hayley sentiu uma estranha mescla de paz e alegria. Uma parte dela sabia com firme certeza que naquelas sombras não havia nada que pudesse feri-la. Pertencia aquele lugar, até poderia converter-se ela mesma em uma sombra se o quisesse.

Franzindo o cenho, Hayley depositou a taça de café e fechou os olhos. No sonho apareciam mais coisas das quais tinha pensado e lentamente estavam retornando.

Recordou que tinha andado procurando algo ou alguém. Não tinha medo de estar sozinha, mas sentia que algo não estava bem. Estavam-na esperando e seu lugar era com eles.



— Eles? — sussurrou Hayley tremula. Algo neste sonho o fazia parecer quase real. Mantendo os olhos fechados, suspirou e se relaxou, abrindo-se às imagens de sua mente, que se revelavam ante ela.

Acelerou o passo, procurando continuamente algo que lhe mostrasse o caminho. Encontrou-o. Um aroma que roçou suas fossas nasais. Era estranho, mas de uma maneira estranhamente familiar. Puxou-a dela, provocando-a, até que fez o seu caminho através da vegetação rasteira lotada, entrando em um espaço livre. Reunida ali, misteriosamente tranquila e silenciosa, havia uma manada de lobos. Percebia-se neles um ar de antecipação e Hayley soube que a estavam esperando. Eram “eles”. Era onde ela pertencia.

Hayley percebeu que ofegava ligeiramente. Lutou por apartar toda distração e permanecer no sonho.

Os lobos eram formosos, lustrosos e ágeis sob suas pelagens, que se estendiam em diferentes matizes, do cinza ao negro, avermelhado e marfim. Observavam-na com olhos de um amarelo pálido, passando por uma variedade de cores que ia dos dourados escuro aos marrons. Por alguma razão não se surpreendeu ao ver também diferentes matizes de verde e azul, embora algo lhe dissesse que não era natural nos lobos.

Do outro lado da clareira, os lobos se moveram. Lentamente, a manada se dividiu para deixar um atalho entre Hayley e o lobo que tinha entrado na clareira na frente dela. O reconhecimento a transpassou. Já tinha visto esse lobo. Era o lobo negro que lhe apareceu no lago na primeira noite que passou em Whispering Springs. Seus olhos turquesa atraíram sua atenção. Seus próprios olhos se dilataram quando os dele cobraram um suave resplendor. Hayley, fascinada, caminhou para ele através do corredor deixado pelos lobos.

Até que se encontrou só a uns poucos metros de distância não compreendeu algo estranho. Não estava olhando para baixo, nem a ele nem a qualquer um dos outros lobos. Seus olhos estavam ao mesmo nível que os deles. Deteve-se e olhou para baixo. Onde deveriam ter estado os pés só havia patas. Patas grandes, cobertas por cabelos e largas unhas, parecidas com umas negras garras. Com o coração acelerado, Hayley elevou de novo a cabeça. Uns olhos cor turquesa estavam concentrados nos seus. A cabeça do lobo começou a apagar-se e os traços de um homem apareceram sobre aquele focinho coberto de cabelo.

—Jace.

Com esse suave murmúrio, Hayley rompeu seu atordoamento. Sentou-se tensa na cadeira,



piscando e observando fixamente a mesa. Inspirou profundamente e, com uma estremecida exalação, conseguiu mudar seus olhos para a luz do sol que entrava pela janela da cozinha. Lentamente começou a relaxar-se.

— Demônios, já sei que tenho uma imaginação muito fértil, mas vamos. Jace pode ser que seja um lobo, mas é um totalmente humano — murmurou.

Levantando-se da cadeira, levou sua xícara à pia e derramou o café frio pelo ralo. Hayley abandonou a cozinha e se preparou para sair.

Satisfeita ante a ideia de que era seu subconsciente o que criava aqueles contos deixou a casa, entrou em seu carro e se dirigiu para a livraria e para Bryn.

Por alguma razão se encontrou impaciente por ter companhia. Estar sozinha simplesmente lhe parecia... mau.

## Capítulo Cinco

Os dias seguintes passaram sem nenhum problema. Jace continuou trabalhando no telhado, ao mesmo tempo em que entravam na fase de agradável companheirismo, que incluía fazerem-se brincadeiras mutuamente e um óbvio aumento de seu afeto. Não voltou a repetir a intensa sessão que teve lugar na caminhonete. Jace não ocultou o fato de que tinha sua total e luxuriosa atenção posta em Hayley, mas que acima de tudo tinha uma paciência levada até limites extremos. Suas ligeiras carícias e beijos eram, em certo modo, amostras doces e apaixonadas que só faziam que seu desejo se acendesse e a chamuscasse por dentro.

Pelos indícios que dava, Hayley sabia que estava se abrindo, mas a sua maneira, para lhe contar coisas sobre si mesmo. Não podia negar que este fato a intrigava, mas também percebeu que estava sendo extraordinariamente paciente.

Os dois se propuseram de maneira muito clara a construir os alicerces para um compromisso, ficando de acordo, embora só fosse por um curto período de tempo, em controlar o desejo que lhes consumia, desfrutando de sua mútua companhia sem nenhuma pressão e permitindo que a relação fosse tomando seu ritmo. Na superfície pareciam tranquilos, mas no mais recôndito de seu interior seguiam borbulhando seus sentimentos. Sabiam que só era questão de tempo até que esta trégua se rompesse e, a verdade, os dois pareciam determinados a



desfrutar da tensão que crescia a cada momento.

Uma tarde, vários dias depois do incidente no Morgan's, Hayley estava na livraria esperando para almoçar com o Bryn. Sentada em um dos cantos onde os clientes podiam relaxar, começou a pensar quanto adoraria compartilhar com Bryn o que estava ocorrendo entre ela e Jace, e como progredia sua relação. Por um lado queria gritá-lo aos quatro ventos, mas pelo outro, queria abraçar esta trêmula alegria para si.

Não lhe ocorreu que o persistente sorriso que levava estampado era mais que delatador. Bryn e Clare levavam todo o dia dando-se cotoveladas e intercambiando sorrisinhos ante a muita óbvia distração de Hayley. Bryn tinha passado toda a manhã contando a Clare sua aventura no Morgan's e o que parecia uma incipiente relação entre sua irmã e Jace.

O som da campainha da porta anunciou a entrada de outro cliente e Hayley saiu de seu distraído sonho ante o som da voz de Bryn. O habitual tom de boas-vindas resultou ser neste caso uma fria pergunta.

— No que lhe posso ajudar?

— Bom, pois é maravilhoso que me pergunte isso. Não foi você muito amistosa a outra noite.

— Senhor, recordo-lhe que este é um estabelecimento comercial. Se não houver nenhuma leitura que lhe atraia, sugiro-lhe que saia.

— Alguma leitura, hmm? Tem revistas pornô?

— Não vendemos esse tipo de literatura neste estabelecimento.

— É muito finório para esse tipo de leitura, né, putinha?

O insulto do homem atraiu a atenção de Hayley e Clare, que se aproximaram para defender Bryn. Cada uma lhe flanqueou um lado, apresentando uma frente unida contra os três homens que enfrentavam Bryn no balcão.

— Lhe larga agora mesmo — ordenou Clare friamente.

— E se não o fazemos? — desafiou o líder.

— Encarreguei-me de ti na outra noite. Não me faça repeti-lo — ameaçou Hayley.

— Não há necessidade de chegar a esse extremo — disse Clare, enquanto mostrava o telefone em sua mão —. Já chamei o 911.

O líder ficou olhando fixamente para Hayley.

— Lhe devo isso, cadela, e sempre pago minhas dívidas. — as amaldiçoando



fervorosamente, o homem fez um gesto a seus companheiros e saíram.

— O que acontece com esse tipo? — perguntou Hayley, sacudida pelo medo, mas decidida a pôr cara de valente.

— Seu ego saiu mal parado a outra noite e agora está tentando demonstrar algo. Está tentando recuperar o terreno perdido — respondeu Bryn.

— Esse foi o tipo que Hayley tirou a outra noite do Morgan's? — perguntou Clare com os olhos arregalados pela preocupação.

— Sim. Realmente chamou o 911? — perguntou Hayley.

— Não, mas não deveríamos fazê-lo? Possivelmente não seria tão má ideia que o notificássemos à polícia. Esse tipo e seus companheiros poderiam ser perigosos.

Bryn franziu o cenho.

— Não quero remover mais o problema. E não quero que Logan se inteire disto. — Elevou a mão, tentando acalmar o protesto de Clare —. Se acontecer algo mais, chamaremos à delegacia de polícia e o informaremos. De acordo?

Clare esteve de acordo a contra gosto.

— Agora, sobre esse almoço. Hayley, parece-te bem que peçamos algo e o comamos aqui ou o deixamos para outro dia? Não acredito que retornem, mas eu não gostaria de deixar Clare sozinha.

— Sabem, se estes tipos continuarem com suas intenções, não me sinto o suficientemente forte para nos defender — confessou Hayley.

— Mas como?

— Devo ter algum músculo prejudicado. Tentei ignorá-lo, mas este pequeno episódio me deixou mais tensa. Acredito que me machuquei em algo quando atirei ao tipo a outra noite.

Sua confissão atraiu um coro de ahhs compassivos, e lhe deram uma série de conselhos para conseguir algum alívio. A ideia que propôs Clare de que se desse um bom banho quente preparado pelo Jace produziu um coro de gargalhadas. Hayley saiu com um sorriso em seu rosto ligeiramente ruborizad. Enquanto conduzia para sua casa, não notou o carro que a seguia a uma distância prudencial.

Quando estacionou na entrada de sua garagem, ao lado da caminhonete de Jace, o carro continuou lentamente seu caminho. Atraída pelo movimento, dirigiu-lhe um olhar distraído, notando que as janelas estavam obscurecidas, mas descartou qualquer estranheza enquanto se





girava para a casa. Quão único desejava nesse momento era fazer um novelo na cama, tampada com sua manta elétrica.

Dirigiu-se para a parte de atrás, só para jogar uma olhada rápida para o telhado, mas não havia sinais do Jace, a não ser pela escada de mão que ainda permanecia apoiada contra a casa. Subindo as escadas posteriores, abriu a porta e entrou na cozinha para encontrar Jace de pé em frente ao fogão, removendo algo em uma caçarola.

— Ei, carinho, pensei que estava almoçando com Bryn.

O dia tinha amanhecido fresco e nublado, por isso Jace estava totalmente vestido. A roupa suja evidenciava o duro trabalho que tinha realizado e uma mancha indefinível danificava seu másculo queixo. Até em seu estado atual estava estupendo, e Hayley foi muito consciente da crua masculinidade que projetava. Uma irracional irritação consigo mesma se manifestou ao lhe ver.

— Houve mudança de planos — respondeu brevemente.

— Melhor, assim pode almoçar comigo.

Mordendo-a língua e lutando por permanecer civilizada, Hayley começou a caminhar afastando-se dele.

— Não tenho fome.

Jace estendeu a mão, tomou seu braço e a atraiu.

— Não estará zangada porque estou utilizando a cozinha, verdade?

Sua réplica mordaz morreu imediatamente. Os olhos de Jace se escureceram com uma expressão que nunca tinha visto, a da vulnerabilidade. Soube instintivamente que neste momento, com a guarda baixa, poderia lhe ferir, e era algo que não queria fazer.

Inspirou profunda e tranquilizadamente.

— Não estou zangada contigo. Não me importa que utilize a cozinha. Pode fazer o que quiser.

— Algo? — perguntou com olhos cintilantes e mantendo uma expressão de brincadeira.

— Quase algo — respondeu fazendo uma careta, como se uma dor indefinida escolhesse esse momento para fazer com que se retorcessem suas vísceras.

— Estas bem, Hayley?

— Não, por isso, se não te importar, vou me deitar.

— O que você tem? — perguntou Jace preocupado, enquanto a seguia para seu dormitório.

Hayley revolveu no armário até que encontrou sua manta elétrica. Logo se dirigiu a um lado



da cama e se inclinou para desenrolar o cordão e assim poder conectá-la na tomada que havia na parede ao lado do cabeceira.

— Suponho que forcei alguns músculos a outra noite, nada mais. Estarei bem. Jace, por favor, volte para a cozinha e coma ou trabalhe ou faça algo, ok? — Suas últimas palavras foram uma súplica.

A preocupação acendia seus olhos.

— Há algo que possa fazer? Possivelmente deveria ver um médico.

Hayley não pôde evitar que um sorriso se formasse em seus lábios. Agachando-se um pouco mais tirou os sapatos.

— Não necessito nenhum médico. Se incomodaria de me trazer um copo de água?

— Muito bem — disse e se apressou a sair da habitação, sem dar-se conta de que o bebedouro mais próximo estava no banheiro.

Hayley aproveitou sua ausência para tirar rapidamente as calças jeans e a camisa. Trocou-os por uma camiseta de cor lavanda clara e uma calcinha combinando. Quando Jace voltou com a água, estava deitando-se sob a manta.

— Poderia me trazer um frasco de ibuprofeno do estojo de primeiro socorros. Por favor?

Jace lhe aproximou o frasco, olhando como o abria e deixava cair duas pastilhas na palma da mão. Deu-lhe um copo de água e Hayley as engoliu.

— Obrigado — disse com um suspiro, tombando-se de lado e lhe dando as costas —. Desejaria ter dois como este — murmurou —. Minhas costas está me matando.

— Iria te ajudar se te desse uma massagem?

Hayley voltou sua cabeça e o olhou em silêncio.

— Possivelmente, mas sem jogar, Jace, realmente não me sinto muito bem, ok?

— Sem nenhum tipo de jogo — prometeu e se sentou na cama.

Jace dobrou a manta, expondo a larga linha de suas costas.

— Onde te dói? Aqui? — Tocou a parte central de suas costas.

— Um pouco mais acima.

Fez que seus dedos se arrastassem para cima.

— Aí.

— Certo, agora só tem que te relaxar. Vou levantar a camiseta.

Depois de avisá-la, elevou a parte de atrás da camiseta, expondo sua pele lisa e pálida.



Hayley se moveu ligeiramente, enquanto enrugava a parte dianteira para lhe dar melhor acesso. Pondo as mãos em suas costas começou a lhe dar uma suave massagem, sorrindo ante o gemido de prazer de Hayley.

— OH sim, isto é tão boommmtttttt!

— Me alegro de que você goste — comentou enquanto continuava massageando suas costas.

Podia sentir como a tensão de seus músculos ia desaparecendo enquanto os trabalhava. Com uma mão continuava sua massagem na área maltratada, permitindo que a outra mão vagasse até se localizar-se em seus ombros e na nuca. Seu contato era firme, mas seus movimentos resultavam suaves, rítmicos e hipnóticos. Desfrutando da percepção do corpo de Hayley sob suas mãos, demorou um bom momento em perceber que esta tinha flutuado até chegar ao mundo dos sonhos.

Continuou com sua ligeira massagem, aliviando-a com seu suave contato, até deter-se por completo. Puxou sua camiseta para baixo e com cuidado a cobriu com a manta. Sentou-se ao seu lado silenciosamente, permitindo que seus olhos vagassem por seu adormecido perfil. Seu aroma tinha trocado. Era mais forte, vibrantemente amadurecido e premente. Pensando nisso, compreendeu que suas fortes reações da noite anterior não só se deveram ao fato de que Hayley fosse sua companheira, mas, além disso, estava ovulando. Se a outra noite tivessem tido sexo sem algum tipo de proteção, agora mesmo estaria levando a seu filho.

Essa ideia agitou algo em seu interior, o desejo de ter o que realmente não tinha pensado nunca. Filhos. Nunca tinha tido muito contato com os meninos. Seu beta, Cade, educava aos jovens da manada, lhes ensinando certa educação, boas maneiras e o que significava ser parte da manada. Sempre lhes tinha observado com divertida tolerância.

Tinha crescido com duas irmãs e, depois de que seu pai morrera, passou anos sentindo-se responsável por sua comodidade. Possivelmente foi por isso que nunca pensou na paternidade. Quando sua mãe voltou a casar-se, a responsabilidade familiar caiu sobre outro. Foi livre para comportar-se como o resto dos jovens, e o fez com bastante intensidade. Durante muito tempo não tinha querido que ninguém dependesse dele.

Foi tremendamente cuidadoso com todas as aventuras que tinha tido com as mulheres. Embora lhe resultasse impossível engendrar um filho com uma mulher que não fosse sua verdadeira companheira, tinha tomado precauções. Sempre usava camisinhas, lhes dizendo dessa



maneira que só estava passando o tempo com elas por pura diversão e entretenimento. Nada sério, e sem nenhuma expectativa.

É óbvio, tinha crescido com a compreensão de que ter certas responsabilidades trazia suas próprias recompensas. Era líder por natureza. E ninguém poderia segurar esta posição sem assumir um vasto manto de responsabilidades.

Esta situação fechava o círculo. Tinha deixado de ser um moço muito carregado de responsabilidades para ser um homem jovem dedicado a desafogar-se tudo o que podia. Agora, sendo um homem adulto, o suficientemente duro e forte, procurava as responsabilidades das que uma vez tinha escapado. Centrou seu olhar em Hayley e imaginou-a grávida, levando a seu filho. Inesperadamente, seu membro começou a elevar-se. “Abaixo, moço, ainda não chegou seu momento”, pensou ele. Compreendeu que esse momento chegaria, e quando ocorresse estaria preparado. Estaria preparado para Hayley e para tudo o que suportaria tê-la em sua vida.

Uma cálida onda de antecipação e satisfação lhe atravessou. Agachou-se e a beijou brandamente na têmpora. Ela se revolveu, resmungando.

— Shh, carinho, dorme — sussurrou, ergueu-se e muito silenciosamente saiu do quarto.

\* \* \* \* \*

Hayley se esticou e bocejou enquanto despertava lentamente. Inspirando profundamente, sorriu. Jace ainda estava na casa. Pôde cheirar seu distintivo e masculino aroma quando inspirou profundamente de novo e manteve o ar em seu interior durante um momento, antes de permitir-se exalar. Um ligeiro cenho marcou sua frente. Como era possível que pudesse perceber seu aroma desta distância? Deixou essa pergunta de lado, apesar de que lhe criasse um pequeno grau de inquietação. Devia ser a essência que permanecia desde que esteve antes em seu dormitório.

Podia ouvir o débil murmúrio da televisão, junto com um delicioso aroma que enchia a habitação. Obviamente, Jace tinha estado cozinhando algo.

Seu estômago protestou quando rodou pela cama e se sentou. Desligou a manta elétrica e a deixou a um lado. Permaneceu de pé um segundo, atenta a qualquer sinal que pudessem emitir seus doloridos músculos, mas suas dores tinham desaparecido. Um suspiro de alívio brotou de seus lábios; caminhou para o banheiro para lavar as mãos, o rosto e passar uma escova pelo cabelo.



Colocou um roupão curto, saiu ao corredor e entrou na sala ao mesmo tempo em que Jace saía da cozinha. Obviamente tinha ido em casa para trocar-se. A mancha de sujeira de seu rosto tinha desaparecido. Estava barbeado e vestia um par de jeans limpos, dos que se via um botão branco por debaixo de sua remetida camisa, e umas sapatilhas de esporte brancas.

— Ouvi que te levantava. O jantar está preparado. Tem fome? — perguntou com um sorriso curioso.

— Estou esfomeada. De verdade cozinhou?

— Algo.

— Algo?

— É minha panela rápida.

Hayley sorriu.

— O que é isso?

— Compro um frango assado na loja de comida preparada, o ferver e ponho na panela, jogo-lhe brócolis, queijo ralado e caldo de arroz; depois o meto no forno junto com alguns pãozinhos, os tiro aos vinte minutos, e tchanram, jantar preparado — explicou orgulhosamente.

— Muito destro — riu entre dentes —. Cheira deliciosamente.

— E o está — afirmou resolutamente —. Já o verá, carinho.

Jace a conduziu a cozinha e pegou uma cadeira para ela. Já tinha posto a mesa com os pratos, a baixela de prata e as taças. Inclusive uma toalha limpa e uma vela acesa colocada no centro.

— Fantástico, isto ficou maravilhoso, Jace — lhe felicitou Hayley quando se sentou.

Com um floreio, Jace pôs no prato uma porção do conteúdo da panela que já tinha levado a mesa e adicionou o cesto coberto que continha o pão.

— Não acreditei que tivesse vontade de cozinhar, e como perdeu o almoço pensei que o melhor seria te alimentar antes de ir. Está muito pálida, carinho.

Hayley baixou os olhos ao sentir-se repentinamente um pouco envergonhada. — Queria te agradecer por antes, fez-me sentir melhor.

— De nada — respondeu —. A propósito, sabe que roncas?

— Não ronco!

Jace riu.

— Somente era uma brincadeira. Agora venha, prove-o.



O olhou com o cenho franzido quando se precaveu da grande porção que tinha servido em seu prato. Hayley agarrou seu garfo, levou uma pequena quantidade a sua boca e a mastigou precavidamente. Logo sorriu.

— Não mentiu ao dizer que estava bom.

— Claro que não.

Jace encheu suas taças de limonada gelada e logo se sentou. Passaram a manteiga nos pãezinhos. Também tinha esquentado milho tenro em conserva, e Hayley lhe confessou que era sua verdura favorita. Desfrutaram de um jantar relaxado e conversaram amigavelmente. Hayley perguntou ao Jace sobre seu trabalho e vice-versa.

O tempo passou agradavelmente e mais rapidamente do que acreditavam possível. Havia algo doméstico e acolhedor na forma de comportar-se de ambos, e o desfrutaram imensamente.

Jace olhou seu relógio.

— Vou recolhendo tudo isto. Tenho que ir dentro de um momento. Fiquei de ir esta noite para uma reunião de negócios.

— Com Gracie Stevens? — disse Hayley bruscamente e, continuando, desejou ter se mordido a língua ao ver a expressão no rosto do Jace.

Este ficou de pé e recolheu os pratos vazios silenciosamente, pondo-os na pia. Quando se girou lhe dirigiu um olhar firme.

—Não, a entrevista que tenho é por um assunto do município. Estamos desenhando uns planos para ampliar a biblioteca.

Abriu a torneira da água e encheu a pia antes de voltar a falar, enquanto se mantinha de costas a ela.

— Sei que tipo de reputação tenho, Hayley. Não o nego. Fiz por merecê-la, sei. — Fez uma pausa e franziu o cenho como se procurasse as palavras certas —. Nunca cozinhei para outra pessoa. Nunca toquei a uma mulher com a simples finalidade de aliviar sua dor. Quando estive com uma mulher, sempre foi com uma meta na mente. Sexo.— Jace se girou para encará-la —. Mas não me interprete mal, também quero sexo contigo. Rápido, lento, forte, úmido, de qualquer forma e maneira em que possamos ter sexo, mas quero algo mais. Quero fazer amor contigo. Nunca quis fazer amor com uma mulher. Tampouco quis outras coisas.

— Que coisas? — sussurrou Hayley, agitada ante sua veemência.

— Coisas das quais ainda é cedo para falar — respondeu brandamente —. Mas quero que



saiba que vou a sério. Não quero sexo ocasional. Merda! — girou-se para a pia e começou a lavar a baixela com movimentos bruscos —. Isto é importante e não encontro as palavras adequadas para expressá-lo. Estou fazendo tudo ao contrário!

Hayley permaneceu sentada em silêncio durante uns momentos, o coração lhe pulsava velozmente, o ar entrava agitadamente em seus pulmões e as lágrimas lhe ardiavam nos olhos. As palavras do Jace a emocionaram tão profundamente que estava muito perto de sentir-se tão afligida como ele. Obrigou-se a acalmar-se e permitir que seu olhar se deslizesse por todo seu corpo.

Estava obviamente tenso; os músculos de seus ombros se avultavam com cada um dos movimentos que fazia ao lavar a baixela. Sentindo que a sacudida da declaração do Jace minguava, Hayley permitiu a si mesma relaxar-se. Com o relaxamento chegou a aceitação, o afeto e a necessidade de fazer com que se sentisse tão tranquilo quanto ela.

Levantou-se e andou até colocar-se atrás dele. Levantando as mãos, colocou-as sobre seus ombros e sentiu como se esticava sob as gemas de seus dedos.

— Sinto muito — se desculpou brandamente e começou a massagear seus músculos duros —. E me parece que encontrei as palavras perfeitas para expressá-lo, Jace.

Hayley deslizou as mãos para baixo, por cima de suas costelas, até rodear seu corpo, e então colou seu corpo ao dele, lhe abraçando fortemente. Sentia o trovejar do prazer vibrar através dos dois, e com um sorriso elevou sua bochecha para descansá-la contra suas omoplatas. Elevando-se sobre as pontas dos pés, colocou sua boca sobre sua nuca, lhe atormentando com beijos ardentes.

Um tipo diferente de tensão se formou no corpo do Jace. Sorrindo satisfeita, vagou com as mãos por seu peito. As gemas de seus dedos encontraram e acariciaram os endurecidos pontos de seus mamilos e Jace gemeu; notou como começava a respirar com dificuldade e como seus pulmões aceleravam seu trabalho.

Uma mão se dedicou a excitar um de seus duros mamilos, permitindo que a outra fosse para baixo, até chegar ao botão de seu jeans. Seus dedos desabotoaram o primeiro botão habilmente, logo o segundo, e estava alcançando já o terceiro quando a mão do Jace se fechou sobre a sua.

Segurando-a, girou-se entre seus braços.

— O que está fazendo, Hayley? — grunhiu.

— Te acariciando — ronronou.

— Não tem por que fazê-lo.



— Lógico, isso já sei — respondeu como se falasse com um tolo —. Se tivesse que fazê-lo não seria tão divertido.

— Se está fazendo isto pelo que acabo de te dizer, não quero que o faça. É como se estivesse me premiando por ser um bom menino — resmungou.

Hayley suspirou.

— É uma contradição, Jace McKenna. Agora me escute. Sim, eu gostei do que me disse. Sim, eu adoro que cozinhe para mim. Sim, pareceu-me delicioso que me desse uma massagem e que me fizesse sentir melhor. Mas é algo mais que tudo isto, eu... Sinto algo por ti. Incomoda-me e faz que meu coração pulse mais rápido, algumas vezes desejaria te dar uma patada no traseiro e em troca outras simplesmente te daria beijos até te deixar louco. E agora mesmo, neste momento, na única coisa em que posso pensar é no doce e sexy que é, e que preciso te tocar. Deixa-me fazê-lo, por favor?

Percebeu o movimento da garganta do Jace ao tragar e uma luz brilhante encheu seus olhos até se transformarem em uma luz abrasadora, propagando-se por suas profundidades.

— Diria-te “tome, sou teu”, mas este é um desses momentos sérios, certo?

Hayley sorriu abertamente e riu entre dentes.

— Muito sério. — Jogou uma olhada ao redor como se considerasse todas as possibilidades, então lhe empurrou para trás, contra o aparador — Este será o sinal de saída — murmurou e iniciou seu assalto com um beijo úmido, que cobria sua boca com os lânguidos movimentos de sua língua.

Jace gemeu e se abriu para ela, saindo ao encontro de sua língua, emulando seus lentos e sinuosos movimentos. As mãos de Hayley se deslizaram para seus ombros e braços, enquanto acariciava os duros músculos que se amontoavam sob sua camisa. Continuando com o beijo, moveu suas mãos sobre seu peito; começou por acima, desabotoou sua camisa e a tirou do cinto e do seu jeans. Abriu a malha para expor seu peito e introduziu os dedos entre o sedoso e escuro pelo que encontrou ali.

— Quis fazer isto desde o primeiro dia que te vi sem a camisa. Tem ideia do quanto condenadamente sexy que estava? — murmurou contra seus lábios, enquanto as gemas dos dedos roçavam toda sua superfície peitoral.

— Não sabia, mas agora sei — respondeu brandamente, enquanto a boca dela se movia para morder ligeiramente os diminutos mamilos —. Maldição, carinho — gemeu.





— Mmm, eu gosto que seus mamilos sejam tão sensíveis. Quando toca os meus, parece como se pequenas descargas me percorressem até chegarem a minha vagina — sussurrou ela —. O sente aqui? — perguntou, levando sua mão a crescente protuberância entre suas pernas.

— OH sim! — gemeu e empurrou para sua mão, pressionando-se.

— Bom, quero saber tudo o que te faz sentir bem.

Começou a lhe beijar de novo enquanto suas mãos se ocupavam de desabotoar os últimos botões de seu jeans. Logo os empurrou para baixo, deixando descoberta sua deslumbrante cueca. Rompeu o beijo para arrastar seus lábios ao longo de sua mandíbula, mordeu-lhe e olhou para baixo para ver sua resposta.

Claramente visível através de sua cueca, a membro estava totalmente ereto, rogando por sua liberação.

— OH meu Deus, agora sei por que o chamam “o caminho para o tesouro” — comentou reverentemente, enquanto as pontas de seus dedos flutuavam para baixo, seguindo o sedoso caminho de seu pelo que guiava para seu ávido membro. Os músculos do estômago do Jace se esticaram sob sua ligeira carícia e sua respiração começou a ser mais trabalhosa.

Hayley segurou a cintura de sua cueca com ambas as mãos e a baixou, revelando a grossa e dura longitude de Jace.

— Aqui esta o grande prêmio — suspirou e sorriu ante a risada ofegante e involuntária do Jace.

Deslizou as mãos ao redor de seu corpo e empurrou os jeans e cueca para baixo, até terminar as posando sobre os tensos glúteos, assegurando-se de conseguir uma boa quantidade desses tentadores músculos. Agachando-se, desatou seus sapatos e os tirou.

— Sobe na bancada — pediu.

Jace arqueou uma sobrancelha, mas obedeceu sem perguntar. Hayley puxou seu jeans e cueca retirando-os totalmente de seu corpo, depois colocou toda a roupa sobre a cadeira mais próxima.

— Mmm, perfeito — murmurou Hayley, colocando-se entre suas coxas.

Jace se agachou para lhe dar um beijo, aceito ansiosamente por Haley. Sua boca encontrou de novo a dele e os beijos se intensificaram até alcançar temperaturas extremas; a dança das línguas nublou as mentes e tornou o desejo em um febril caos. Quando rompeu o beijo sua boca baixou, encontrando o caminho que guiava ao seu tesouro e seguiu-o, procurando conseguir seu



prêmio. O membro de Jace se ergueu completamente e com alturas inimagináveis, observando sua audaz aproximação; Hayley sorriu descaradamente ante esse desdobramento masculino.

Umedeceu seus lábios e se inclinou até encontrar a grande cabeça em forma de cogumelo; o beijou prolongadamente, molhando-a e deslizando sua língua por cima e ao redor de toda a área, antes de abrir a boca e tomá-la em seu interior. Jace gemeu, saltou sobressaltado e se apoiou para trás, golpeando-a cabeça com o armário que havia a suas costas.

Hayley se retirou e se endireitou. Estendendo a mão, apalpou a parte posterior de sua cabeça.

— Estas bem, carinho? — perguntou, enquanto lhe dava uma ligeira massagem no couro cabeludo.

— Estou bem — respondeu, com voz grave e rouca.

— Então, posso continuar com o que estava fazendo? — disse-lhe brincando.

— Por favor — respondeu Jace, mostrando o desespero em sua voz.

Hayley mal pôde reprimir seu sorriso quando se agachou e tomou de novo o membro em sua boca. A percepção dele era incrível. Zumbidos de prazer atravessavam sua língua e sua boca ao perceber os sabores e texturas do Jace. Podia notar as nodosas veias que envolviam sua longitude e sentir o pulsar de seu coração no sangue que o enchia. Sua pele era suave cetim, um contraste afiado com a dura coluna de ferro que cobria. Acariciou toda a extensão de cima abaixo para logo soltá-la e deslizar a língua com urgência para a parte inferior, direta a seu testículo.

Seu corpo exalava calor, e com ele seu aroma. Hayley enterrou o rosto entre suas coxas e respirou profundamente a irresistível mescla de almíscar e testosterona. O aroma inebriante fez com que sua cabeça desse voltas e sua vagina se convulsionasse com força, exalando um profundo gemido do mas recôndito de seu peito. Suas mãos se deslizaram mais agressivamente por suas coxas ao tempo que sua língua se deleitou longamente em seus carregados testículos, antes de tomar um em sua boca fazendo-o rodar, para logo chupá-lo, lambê-lo e soltá-lo. Tomou o outro dentro de sua boca e repetiu o mesmo procedimento. Jace gemia como um possesso, suas coxas se esticavam instintivamente enquanto seus quadris se elevavam em busca de sua hábil boca.

De novo deslizou a língua pela larga longitude de seu membro e, ao elevar os olhos, encontrou-se com seu olhar quente e faminto. Seu rosto era o desespero personificado ao tentar manter a raia o prazer. Hayley tomou em seu interior e gemeu, entreabrindo os lábios para deixar escapar sutis ofegos e pequenas expressões de prazer. Seus quadris ondularam ritmicamente, lhe



permitindo escorregar seu membro ao interior de sua boca à velocidade desejada. Deslizando-o completamente fora, substituiu a boca pela mão mantendo um ritmo constante e acariciante, para assim poder aproximar seus lábios dos dele, em um beijo abrasador. Suas línguas se encontraram e acoplaram, retorcendo-se em um baile úmido e sensual.

Um profundo gemido gutural vibrou entre eles, e Hayley tragou o som antes de soltar seus lábios.

— Hayley, carinho, vou gozar — disse mordiscando-a com dureza.

Hayley se inclinou com ansiedade e engoliu a palpitante ponta vermelha, acariciando-a e lambendo a muito sensibilizada parte inferior de seu membro. Sentiu como se engrossava ainda mais, antes que a primeira descarga de seu quente e cremoso sêmen tocasse sua língua. Engoliu a primeira doçura salgada que a encheu e depois as sucessivas fervuras que foram entrando em sua boca. Jace se estremecia e gemia perdido no prazer, suas mãos seguravam seu cabelo, sustentando-se, seus dedos a apertavam e soltavam convulsivamente.

Hayley o sustentou brandamente em sua boca. Sabendo como de sensível estaria depois de gozar, aplicou uma série de leves golpes com sua língua para que terminasse, logo, lentamente, soltou-lhe. Jace deixou que suas mãos caíssem frouxas e Hayley se elevou para lhe olhar o rosto. Seus olhos estavam fechados, sua intensa expressão se relaxava lentamente até a normalidade. Com os olhos ainda fechados, estendeu uma mão e buscou ela, procurando o contato com sua boca.

Hayley gemeu brandamente ante o prazer de sentir sua língua explorando-a enquanto procurava e saboreava. Gostou que não lhe importasse saborear-se a si mesmo e se aconchegou contra ele, lhe dando gostosamente tudo o que queria.

Jace se apartou e se moveu com esforço lançando um suspiro satisfeito, abriu os olhos e se encontrou com os seus. Hayley viu como seus olhos se abriam um pouco mais surpreendidos, mas se recuperou rapidamente.

— Passei-me? — perguntou ela.

Jace a abraçou fortemente.

—Não, de fato, estive malditamente bem. Mas e você? Está bem?

Ela assentiu, lhe devolvendo o abraço e olhando a hora no relógio que estava sobre a geladeira.

— A que hora era a reunião?



— Às oito.

— Pois ficam dez minutos para chegar lá.

— Merda!

Jace a jogou de lado e saltou da bancada, se vestindo febrilmente e calçando os sapatos. Hayley lhe olhou, com um sorriso divertido curvando seus lábios.

— Huh, acredita que isso seja engraçado? — perguntou-lhe, entrecerrando os olhos e olhando-a enquanto fechava o último dos botões.

— Sim — confessou com uma risada.

Elevou-se, a tomou entre seus braços e a beijou com dureza.

— Quando lhe devolver isso, vais querer ir ao inferno, carinho. — Deu-lhe um golpezinho nas costas e se dirigiu para a porta. Fez uma pausa antes de sair e se deu a volta para olhá-la —. Hayley. Eu... Demônios! Amanhã teremos uma conversa bastante séria, ok?

Ela fez um gesto afirmativo, e percebeu uma mescla entre excitação e preocupação nos olhos dele; um pequeno calafrio de ansiedade subiu por suas costas, mas conseguiu escondê-lo e sorrir.

— Já sabe onde me encontrar.

Jace retrocedeu, dando-a um beijo rápido e furiosamente possessivo, antes de sair disparado para a porta. Hayley fechou com chave quando partiu e se mordeu o lábio, pensando o que seria o que ocupava a mente desse homem, e sabendo que estaria intranquila até que o revelasse.

## Capítulo Seis

Jace se sentou atrás do volante de sua caminhonete, cravou durante uns momentos os olhos na casa e arrancou o motor para dirigir-se para a reunião. Alegrava-se de que Logan também estivesse ali. Este repentino giro dos acontecimentos lhe tinha sacudido, lhe enchendo de júbilo, mas ao mesmo tempo lhe ameaçando com o afundamento total se Hayley não aceitasse o que tinha que contá-la.

Seu estômago estava tenso ante esse pensamento.



— Por favor, Deus, não deixe que me rechace. Demônios, como diabos ocorreu isto? — murmurou.

Chegou à prefeitura e se dirigiu para o escritório do vereador de urbanismo, percebendo que era o último a chegar. Todos os presente lhe saudaram enquanto se sentava junto ao Logan.

— Chegou tarde — comentou Logan em um murmúrio quando começou a reunião.

— Ocorreu algo inesperado.

— Posto que não está nada contente, devo assumir que também está cansado?

— Se enganou de profissão. Deveria ter sido cômico — comentou Jace acidamente.

Logan sorriu amplamente.

— É o mesmo que me diz Bryn. Terei que pensar sobre isso.

Jace revirou os olhos.

— Brincadeiras a parte, tenho um problema sobre o que preciso falar contigo. Implica Hayley.

Instantaneamente Logan ficou sério.

— Depois da reunião?

— Sim.

Não houve mais tempo para bate-papos quando Jace se inclinou para frente para revisar os projetos e explicar detalhadamente as renovações planejadas para a biblioteca. A reunião foi rápida, já que estavam nas etapas finais de aprovação do projeto. Cada um deles se alegrou de chegar a um acordo tão cedo e unânime.

Quando a reunião terminou, o marido de Clare, Brian Harrelson, aproximou-se de Logan e Jace, e sem nenhuma preliminar lhes soltou.

— Temos um problema.

— O que acontece? — perguntou Logan, assumindo que era um tema da reunião.

— O tipo que deu problemas a Bryn e a Hayley no Morgan's se apresentou esta manhã na livraria com um par de amigos. Meteu-se com as garotas. Ameaçou a Hayley, disse-lhe que tinha uma dívida com ela e que sempre pagava suas dívidas.

— Filho da puta. Bryn não me disse nenhuma palavra. — Logan jogava fumaça.

Jace permaneceu calado, a cólera e o alarme lhe dominavam tão profundamente que não podia falar.

— Clare não queria me contar isso, mas me dava conta de que algo a preocupava assim que



chegou em casa. Conheço-lhes, sei que vocês não gostam disso mais do que eu gosto. Acredito que deveríamos falar com o chefe de polícia para que tenha um olho nesses meninos.

Jace encontrou a voz.

— Certo. Brian poderia te ocupar disso? Enquanto isso vou pedir alguns favores, para ver se podemos localizar onde param. Acredito que é hora de lhes mostrar o inoportuno de sua presença em Whispering Springs.

— Somente uma coisa mais — acrescentou Brian antes de ir-se —. Se encontrar a esses tipos, quero estar presente.

— Compreendido — aceitou Jace e lhe deu uma palmada nas costas. Girou-se para encontrar o olhar penetrante que lhe dirigia Logan —. O que passa? Não me diga que não quer lhes arrancar algo.

Tinham chegado ao estacionamento e os olhos do Logan reluziam claramente na escuridão.

— Já sabe que minha primeira reação foi de arrancar a cabeça desse tipo. — Inspirou profundamente e as chamas de seus olhos se transformaram em vacilantes rescaldos —. Mas essa é a razão de que seja o elo entre as manadas. Não sigo minha primeira reação, a diferença de alguns exaltados alfas que conheço.

Jace fez uma careta, passando-se, inquieto, uma mão pelo cabelo.

— Caralho, Logan, já sabe que intento manter o controle. Quando foi a última vez que comecei algo que te visse obrigado a arrumar?

— Faz muito, e não pense que não o aprecio, mas temos que manter nossas cabeças limpas. Embora fosse me deixar extremamente feliz dar um fim neles, já sabe a classe de problemas que isto conduziria. — Logan elevou a mão antecipando o protesto do Jace —. Mas isso não significa que não possamos assustá-los a morte — sugeriu com um malvado sorriso.

Jace sorriu amplamente ao notar o brilho nos olhos do Logan, reavivado por seu entusiasmo. Isto lhe recordou seu atual problema.

— E sobre o problema que tenho com o Hayley?

— Continua.

— Está se transformando em uma dos nossos.

Logan uivou e deu uma forte palmada ao Jace nas costas.

— Felicidades. Contou para a Bryn?

— Esse é justo o problema — respondeu, dirigindo um incômodo olhar ao Logan —. Não



contei para a Hayley.

— O que? Que diabos significa isso? Quando pensa contar-lhe? Transformou-a sem dizer a ela nenhuma só palavra?

— Não! Não é nada disso. Não sei como passou. Estávamos, hum, nos divertindo, e quando terminamos, os olhos de Hayley estavam iluminados. Sobressaltou-me diabolicamente.

— Esclareçamos algo, de que tipo de diversão estamos falando? De uma relação sexual?

— Não, nada disso, Logan. Ainda não nos acasalamos. — confessou Jace, um pouco ruborizado ante seu surpreendido olhar —. Lhe dei um tempo para que me conheça — explicou, deixando de lado o fato de que precisava conseguir a coragem suficiente para dizê-la que era um homem lobo —. Nos beijamos, tocamos e, ultimamente, também temos feito alguma outra coisa oral, mas nada que implicasse dentadas nem acoplamentos, nem nada mais.

— Jace, isto não tem sentido. Em algum momento, enquanto Hayley estava ovulando, sua saliva tomou contato com sua corrente sanguínea.

De repente, Jace se sentiu como se tivesse sido golpeado por um raio.

— OH, meu Deus! — sussurrou quando a lembrança apareceu ante seus olhos —. Aquela noite, no Morgan's, quando lhe fizeram aquele arranhão na garganta. Ao levá-la a casa, notei que tinha começado a sangrar de novo. Lambi a ferida para limpar-lhe. Agora me dou conta de que poderia ter estado ovulando. Lembro pensar que podia ser a causa de minha forte reação aquela noite. — Olhou para o Logan com crescente horror —. Não pensei nisso. Simplesmente reagi ante a ferida. Quis fazê-la sentir-se melhor. Troquei-a sem sua permissão! Sem sequer dizê-la quem e o que sou, sem dizê-la que é minha companheira. Cristo, Logan! O que tenho feito? Se não aceitar isto, vai odiar-me.

Logan permaneceu silencioso durante um momento pensando sua resposta, depois colocou uma mão sobre o ombro do Jace e lhe deu um apertão antes de lhe liberar.

— Quer Hayley?

— Certamente. Como me pode perguntar isso? Agora ela é tudo para mim.

— O que acredita que sente por ti?

Jace pensou um momento antes de responder.

— Estou bastante seguro de que sente um pouco parecido.

Logan assentiu com a cabeça.

— Então ainda não usemos a pistola. Você a ama, ela começa a te amar. Dê-lhe uma



oportunidade para que funcione, mas o primeiro que tem que fazer é dizer-lhe.

— Sei, estive trabalhando nisso, mas já sabe, por experiência pessoal, quão difícil é. Se rechaça minha outra natureza, estou fodido. Nada de amantes, nem esposa e nem meninos. Poderia viver sem os meninos, mas não quero viver sem Hayley — confessou —. Nunca em minha vida lamentei ser um homem lobo, mas quase o poderia fazer agora.

— Bom, isso não vai ocorrer, portanto faz o que melhor te dá. Luta por ela. Mostra toda a magia que supõe ser um de nós. Se isso não a persuadir, seu amor por ti deveria fazê-lo.

— Desejo com todas minhas forças que tenha razão.

— Resolverá, Jace.

— É pelo que estou preocupado. Que resolva mal.

Logan fez um gesto negativo.

— Sei. Escuta, vou para casa. Tenho uma companheira a que repreender muito seriamente por guardar segredos.

Jace lhe dirigiu um sorriso pouco entusiasta.

— Sua co-conspiradora também ganhou algum castigo.

Logan riu entre dentes e lhe deu uma palmada nas costas.

— Boa noite, Jace. Se houver algo que possa fazer por ti, já sabe como me localizar.

— Obrigado, Logan. Boa noite.

Os dois amigos se separaram, subiram a seus respectivos carros e partiram. Enquanto conduzia de novo para a casa de Hayley, Jace repassou os acontecimentos dessa tarde; em sua mente se formavam redemoinhos, a confusão, a ansiedade e a cólera. Temia pensar em contar a Hayley a verdade sobre sua natureza e a reação que provocaria. Esse sentimento de insegurança lhe tinha perturbado muito. Jace não se sentia covarde. Fazia frente a cada situação difícil que lhe tinha apresentado, até chegar a esta. Sentiu uma crescente irritação consigo mesmo.

Agora não só tinha que tratar com as consequências de sua indecisão — depois de, acidentalmente, transformar Hayley, tinha que tratar com um vagão de culpa. E à cabeça de tudo estava o que mantivera secretos. Segredos que poderiam pôr em perigo sua vida. A contra gosto, reconheceu o fato de que não estavam na etapa em que Hayley devia saber que podia confiar nele para que a protegesse. Ainda assim, injustificadamente, sentiu-se como se ela desconfiasse de sua capacidade para fazê-lo. Sua negativa a ir lhe fez sentir como se lhe tivesse julgado inadequado para dirigir a situação.





Aquela linha de pensamentos se afiançou em suas emaranhadas emoções, aumentando sua cólera até tal ponto que, quando chegou à casa de Hayley, não estava seguro de como confrontá-lo. Estava diabolicamente zangado e preparado para uma briga. Saindo da caminhonete, subiu a grandes pernadas as escadas do alpendre, alcançou a porta e esmurrou duramente aquele trememente painel.

Como tinha ouvido a chegada da caminhonete, Hayley estava já na porta.

— Ei! Mantenha a calma com a porta, amigo — brincou quando abriu para lhe deixar passar.

Com gesto sério, Jace entrou e muito deliberadamente fechou a porta.

— Acreditou realmente que não me inteiraria? — perguntou asperamente, com os olhos brilhando como lava ardente.

Hayley franziu o cenho.

— Inteiraria do que?

— De que teve companhia na livraria.

— OH! Isso não tem importância.

— Não tem importância? Não tem importância? Esse homem tem toda a intenção de te fazer mal e pensa que não é importante? — Jace lhe dirigiu um desconfiado olhar —. Por que não me diz a verdadeira razão pela que não queria que soubesse, Hayley?

— Ok, de acordo — disse mordendo as palavras, com seus próprios olhos começando a arder —. Bryn e eu sabíamos que Logan e você reagiriam de maneira exagerada, justo como o está fazendo. Suponho que Logan estará fazendo a terceira guerra mundial a Bryn neste exato momento.

— Está no certo. Logan não vai aguentar que sua companheira lhe oculte segredos e posso dizer o mesmo.

Hayley franziu o cenho.

— O que quer dizer com isso de companheira?

O aborrecimento do Jace se deteve momentaneamente, mas se recuperou com rapidez.

— Somente é uma palavra, Hayley, outro termo para nomear à esposa ou a amante. Não tente me distrair. Você e eu sabemos que não tinha medo de que reagisse exageradamente. A verdadeira razão de que não me falasse do homem que te ameaçou é porque não confia em mim. Não acredita que seja suficientemente homem para dirigi-lo por ti.

— O que? Isso é uma tolice e sabe, Jace McKenna. Não acredito isso de ti. Apresenta-te aqui,



furioso e indignado, para me fazer acreditar que tenho feito algo mal, quando a única coisa que quer é que agrade seu ego. Acreditei que era um homem e não um adolescente.

Uma onda de fúria varreu toda a sensatez da cabeça de Jace. A segurou pelo braço, fechando o espaço que lhes separava.

— Tudo o que eu queria era agradá-la e já teve esse benefício faz umas horas, carinho. Seus sentidos devem estar com problemas, se não pode dizer que foi a um homem que chupou.

O rosto de Hayley empalideceu, respirando com suspiros trêmulos.

— Saia daqui! — ordenou-lhe.

— Com muito gosto — respondeu Jace amargamente. Liberando seu braço, girou sobre seus calcanhares e abriu a porta, fechando-a com um golpe atrás dele. Ao chegar a sua caminhonete saltou dentro, arrancou o motor e acelerou antes de soltar o freio de mão, levantando uma poeirada no caminho de entrada. Dirigiu-se diretamente ao Morgan's.

\* \* \* \* \*

—As fodidas duas e quarenta e três da manhã — grunhiu Cade D'jorlin quando olhou o relógio ao lado de sua cama —. Se um desses cachorrinhos tornou a se meter em problemas, juro que vou esfolá-lo vivo. — Agarrou o estrondoso telefone —. D'jorlin.

— Cade, sou David Morgan.

— Filho da puta. O que aconteceu desta vez, Dave?

Dave riu entre dentes.

— Bom, em realidade, é nosso alfa.

— Jace?

— É a ele o que acontece.

— Já vou.

Cade rodou fora da cama e, nu, dirigiu-se ao banheiro, mostrando um leve indício de claudicação. Cômico na escuridão, utilizou o vaso sanitário, lavou as mãos e se salpicou o rosto com a água, antes de agarrar o enxaguante bucal e lhe dar um gole. Fez uns gargarejos, depois o cuspiu no lavabo e abriu a água para limpá-lo. Agarrou sua escova, deu-lhe um par de passadas a seu loiro e curto cabelo — não precisava penteá-lo muito. Cade mantinha o cabelo curto devido a um hábito adquirido em seus tempos como marine.



Retornou ao dormitório e agarrou os jeans que tinha deixado cair no chão, ao lado da cama. Sabendo que estavam limpos os pôs sem cueca, pois gostava de sentir o tecido dos jeans contra sua pele. Endireitou-se, foi ao armário e tirou uma jaqueta verde e uma camiseta que se passou pela cabeça, cobrindo seu musculoso torso.

Pegou as chaves no aparador e atravessou a casa, deteve-se de novo para calçar os sapatos e depois continuou sua marcha até a garagem. Só então acendeu a luz e parou para poder admirar o brilho de seu bebê. Um Corvette vermelho e negro modelo de 1982 lhe esperava, e não perdeu tempo em sentar-se atrás do volante. Suspirou com prazer. O assento se ajustava como uma luva.

— Ao menos obtenho algum prazer depois de que me levantem da cama em metade da noite — resmungou enquanto tomava a direção que levava ao Morgan's.

Cade fez a viagem em quinze minutos; ao aproximar-se, notou que a caminhonete do Jace e o carro do Dave eram os únicos veículos presentes. Estacionou junto à caminhonete e saiu, fechando a porta atrás dele. Suficientemente familiarizado com o Morgan's, entrou e, ao ver que não havia ninguém pelos arredores, dirigiu-se ao escritório situado na parte de trás. Dave estava ali sozinho, concentrado em algumas faturas.

— Hey, Dave, onde está?

— Vamos. Alegro-me de que esteja aqui, Cade. — levantou-se e lhe conduziu para a frente do local —. Não estava tão preocupado que conduzisse (já sabe quão rápido desaparecem os efeitos do álcool entre nós, e podia esperar a que lhe tivessem passado), mas sim porque há algo que lhe preocupa. Não me disse isso, mas acredito que precisa falar e, quem melhor que Logan ou você para fazê-lo?

Cade lhe seguiu até que se detiveram diante da escada. Uma vez ali, deu-lhe uma amistosa palmada nas costas de Dave.

— Já me ocupo. Obrigado.

— Não há problema. Vou pra casa. Feche quando partirem, certo?

— Feito.

Cade subiu a escada. Era a primeira vez que o fazia sem o uivo do toca-discos, e sorriu ante quão rangidos até agora lhe tinham passado despercebidos. Seus ouvidos também captaram o suave som de uma canção. Ao menos supunha que fosse uma canção.

O pequeno Jace estava dando a nota, pensou com um sorriso irreverente.

Chegou à planta de cima e lhe divisou vadiando no reservado mais longínquo. A mesa estava



coberta com os restos de guardanapos e garrafas vazias. Parecia que tinha começado com cerveja e depois continuou com o uísque, tomando-o diretamente da garrafa, de fato, de várias garrafas.

Com os olhos turvados, Jace descobriu ao Cade.

— Ei, Cade!, Meu querido camarada. Sente-se irmão lobo e toma algo. Tenho para escolher. É certo. — Soltou um arrote e uma risada de bêbado.

Cade se aproximou do reservado e retirou algumas garrafas antes de tomar assento frente à Jace.

— Ei, chefe!, Como está?

— Fodido e, por Deus, é a simples verdade.

Cade elevou as sobrancelhas. Estava surpreso de que Jace confessasse tão facilmente ter um problema. Tinha pensado que lhe levaria um momento conseguir surrupiar-lhe — Por quê não me contas qual é o problema?

— Qual é o problema? A solução não é recorrer a isto — indicou, percorrendo com o olhar as garrafas vazias.

— Eu fodi, Cade, eu fodi tudo. Fiz mal a Hayley e estou seguro de que agora me odeia. Minha companheira me odeia. — Com os braços sobre a mesa, Jace deixou cair a cabeça em cima, afundando os ombros.

— Por que não me conta o que passou?

Jace começou, ao princípio sua explicação resultou um pouco confusa, mas quando terminou estava mortalmente sóbrio.

— Bom, foi uma briga. Está realmente apaixonado. Quando se trata de mulheres, normalmente é o resumo do senhor Carinhoso — sorriu Cade —. Mas esta vez estragaste tudo. Demônios! Você chegou ao fundo.

Jace gemeu.

— Isso não vai me ajudar.

Cade riu entre dentes.

— Direi-te algo. Pensa nisso. Está aqui, sentindo-se diabolicamente culpado e te castigando por fazer mal a Hayley. Não é certo?

Jace fez um gesto afirmativo.

— Parece-me recordar que ela também te disse algumas palavras bastante duras, algo como que «pensei que fosse um homem». O que quer apostar que ela também se sente culpada?



— Você acha? — perguntou Jace esperançado.

— OH, sim! Olhe, as mulheres, a diferença dos homens que saem correndo e se embebedam, começam a pensar no que ocorreu. Analisam cada palavra e cada gesto, para tentar compreender no que se equivocaram. Obcecaram-se até que estão seguras de ter espremido cada pequeno dado que podem recordar. E nesse caso, a não ser que seja uma puta feita de ferro e sem coração, que esteja determinada a te culpar de tudo, apostaria o que queira a que se sente tão mal quanto você.

Jace pensou uns momentos nas palavras do Cade, então a realidade lhe fez mostrar um sorriso.

— Como sabe tanto a respeito das mulheres?

— Em certa ocasião estive apaixonado. O problema é que resultou ser uma puta mais dura que uma barra de ferro.

— Não me contaste isso nunca.

— Algumas coisas é melhor esquece-las. Está preparado para voltar pra casa?

— Sim.

Ambos se deslizaram para fora do reservado e se dirigiram à parte baixa do local. Cade puxou a porta, assegurando-se de que ficava bem fechada. O sol começava a elevar-se quando se dirigiram a seus respectivos veículos. Uma fresca brisa atraiu os aromas matinais para seus sentidos superdotados. Jace suspirou, limpando os últimos restos que emaranhavam sua cabeça.

— Obrigado, Cade. Lamento te haver tirado da cama tão cedo.

— Não há problema, chefe. A propósito, a próxima vez que tentar cantar algo, me avise e te trarei um balde. Embora duvide que isso ajude.

Jace grunhiu.

— Muito engraçadinho. Logan e você deveriam formar uma equipe. Seriam um grande dueto de comediantes.

Cade riu.

— Terei que comentá-lo com ele.

Introduziu a chave na porta de seu carro, abriu-a e se deslizou dentro. Com um gesto de despedida iniciou seu caminho. Jace se sentou em sua caminhonete e permaneceu uns momentos pensando nas palavras do Cade, fazendo planos. Com uma expressão esperançada arrancou e se dirigiu a casa.



\* \* \* \* \*

Hayley tinha estado fazendo o previsto por Cade. Repassou a discussão detalhadamente. Depois que Jace saiu, sentiu-se tão enfurecida que amaldiçoou cada cabelo de sua cabeça. Cada vez que pensava no duro comentário que a lançou sentia uma dor aguda em seu interior. Da mesma maneira que não poderia esquecer uma dor de dente, era incapaz de esquecer o incidente. Sua mente o percorreu desde o começo até o fim, uma e outra vez, até que se sentiu enjoada.

Finalmente preparou uma xícara de chá, obrigou-se a sentar-se no sofá e realizou alguns exercícios de respiração que tinha aprendido para aliviar a tensão. Uma vez que se relaxou e se concentrou, pôde esclarecer suas ideias, podendo pensar tranquilamente no acontecido. Não só isso, também pôde pensar em Jace, a respeito do que era e o que conhecia dele.

Começava a descobrir que nunca lhe faria mal de maneira deliberada. O que disse foi como resultado de sua descontrolada língua. Em lugar de focar no verdadeiro problema tinha soltado o primeiro lote de insultos, provocando a deterioração da situação atual.

— Maldição — murmurou, e se sentiu abatida ante a lembrança do que ocorreu.

Jace estava alterado porque a tinham ameaçado e não o tinha contado. Olhando-o friamente, supôs que se podia interpretar como se não confiasse nele para que a ajudasse a solucioná-lo, mas que ele pensasse que não lhe acreditava suficiente homem lhe parecia absurdo. O homem não estava utilizando sua inteligência, e ela começava a perguntar-se por que lhe acontecia isso.

Decidiu que precisava falar com alguém; agarrou o telefone e marcou velozmente o número de sua irmã.

— Hey! — disse-lhe quando Bryn desprendeu —. Está ocupada? Jace e eu tivemos uma briga. Preciso falar. — Escutou um momento —. De acordo, estarei ali em uns minutos.

Vinte minutos mais tarde se sentava na cozinha de Bryn e Logan com uma taça de café, relatando os detalhes mais sórdidos da discussão. Depois lhe olhou espectadora.

— Bom — disse Bryn —. Montaram um bom espetáculo.

— Sei. E não tem que me dizer que iniciei uma discussão que terminaria mal. Em nenhum momento devia ter tido o que eu disse. Agora me dou conta de que Jace estava preocupado por



mim. Essa é a principal razão de sua irritação. O que não consigo compreender é como pode ter pensado que eu não lhe acreditaria o suficiente homem para enfrentar-se com algo.

— Quando um homem está apaixonado nem sempre se comporta de maneira racional. O processo mental às vezes se torce um pouco — exclamou Logan.

Bryn e Hayley giraram para ele seus olhares, com os olhos muito abertos.

— Apaixonado? — perguntou Hayley —. O que te faz pensar que está apaixonado?

— Além do fato de que tenha me contado isso, e de passagem, eu não te disse nada disto, acredito que é bastante óbvio. É preparado e sensato; é um tipo que se mostra seguro e se faz cargo de qualquer situação. Mais ainda quando há uma mulher implicada. Chega você, e de repente atua como um idiota. — Hayley sorriu e Bryn riu entre dentes —. O amor é o único capaz de fazer isto a um homem.

— De verdade disse que me ama?

Logan fixou o olhar em Hayley, mostrando sua preocupação.

— Na realidade precisa ouvir de Jace. Só lhe contei isso por que acredito que nestes momentos necessitam um pouco de ajuda. Incomoda-me ver que fazem mal um ao outro. — Os olhos de Hayley se cobriram de lágrimas —. Espero que seja um incidente no qual ambos aprendam. Quando tiverem algum problema, têm que falá-lo e tratá-lo de maneira coerente, não insultando um ao outro.

Hayley fez um gesto afirmativo, criticando-se a si mesma, enquanto Bryn olhava para Logan, mostrando com total clareza o orgulho e o amor que a embargavam.

— Não deixa de me assombrar — lhe disse brandamente —. vais ser um pai maravilhoso.

O sorriso do Logan resultou quase tímido.

— Espero-o com verdadeira ânsia.

— Antes que isto acabe em algum tipo de celebração — comentou Hayley com um sorriso —, tenho uma pergunta mais. — Depois de captar sua atenção, prosseguiu —. Jace fez um estranho comentário durante nossa discussão. Disse, e cito textualmente, “Logan não vai aguentar que sua companheira lhe oculte segredos e posso dizer o mesmo”. — Notou o olhar que cruzaram Bryn e Logan —. O que quis dizer com isso?

— Que não deveria ter escondido de Logan o que nos ocorreu — disse Bryn —. O qual, reconheço, foi um equívoco — acrescentou considerando seu incisivo olhar.

— Isso não é ao que me refiro. Estou falando da palavra “companheira”.



— É uma expressão muito comum. Algumas pessoas se dirigem a seu marido como companheiro.

— Sei, mas me deu a impressão de que o dizia com outro significado, como se fosse um pouco mais transcendente. Especialmente se tivermos em conta que não estamos casados.

Logan se levantou de sua cadeira, levou sua xícara à pia e enquanto a esclarecia comentou.

— Isso é algo que tem que falar com o Jace. Acredito que Bryn e eu já interferimos o bastante. Não te parece, carinho?

— Sim, é certo — concordou, levou sua própria xícara à pia e depois de enxaguá-la se apoiou em Logan. Passou um braço ao redor de sua cintura e fez uma frente unida a ele, fazendo que Hayley captasse a indireta.

— De acordo, falarei com o Jace. Depois de que esclareçamos coisas. — passou-lhe a xícara de café a Bryn que a enxaguou e a pôs junto às outras. Levantou-se e deu um abraço em cada um —. Obrigado por me escutar e impedir que esquecesse algum detalhe.

— Já sabe que sempre me tem feito feliz poder te mostrar os enganos de sua conduta — brincou Bryn.

— Que irmã mais perfeita tenho! — burlou-se Hayley enquanto saía da cozinha e se dirigia à porta da rua. Logan e Bryn a seguiram, despedindo-se dela enquanto a viam partir.

— Acreditas que esses dois conseguirão unir-se? — perguntou Bryn, apoiando as costas no peito do Logan.

— Acredito que aprenderam uma lição muito importante. A chave é a comunicação, não a reprimenda. E falando de conseguir estar unidos... — Se inclinou e acariciou seu pescoço com o nariz, mordendo esse lugar entre o pescoço e seu ombro que sempre a fazia tremer —. Que tal se fizermos precisamente isso?

Ela empurrou seu traseiro contra ele, pressionando sensualmente contra o crescente vulto de seu jeans.

— Estou nisso.

Logan fez que se girasse e a agarrou. Embalando-a em seus braços, subiu as escadas em direção a seu dormitório.

— Na realidade, serei eu o que o faça — murmurou contra seu ouvido, antes de morder o lóbulo de sua orelha.

Bryn gemeu.





— Parece-me bem, mas vamos depressa.

Logan se apressou, alcançando a planta de acima e cruzou a grandes passos o dormitório. Imediatamente, os únicos sons que se escutaram foram suaves sussurros, gemidos e o rítmico ranger da cama.

## Capítulo Sete

Às nove e de meia da manhã soou um golpe na porta principal de Hayley. Esta se levantou de seu escritório com o estômago duro, pensando que podia ser Jace. Quando abriu a porta, encontrou um entregador sujeitando um grande buquê de flores dentro de um jarro de cristal. Aceitou as flores e depois de agarra-las as levou para o interior, as depositando sobre seu escritório. Havia um pequeno cartão. Abriu-o e leu: “Perdoa-me? Jace”.

O ramo era uma bela mescla de flores coloridas, rosas rosadas, brancas, crisântemos amarelos, margaridas brancas com o centro amarelo, pálidos definidos rosados e uma outra pequena flor de lavanda que lhe era pouco familiar. Sorriu enquanto as olhava, sentindo-se um pouco emocionada. Jace se tinha desculpado e ela também queria ter essa oportunidade. Ali sentada, sentiu a profunda necessidade de fazer algo. Agarrando o telefone, fez seu próprio pedido à floricultura.

Duas horas mais tarde soou o telefone. Hayley o recolheu e disse “olá”.

— Entregaram-lhe as minhas flores?

— Sim, entregaram. Chegou a minha planta?

— Sim, chegou. Isso quer dizer que estou perdoado?

— Sim. E você me perdoa?

— Não há nada que perdoar, carinho. Está completamente esquecido.

— Jace, eu comecei. Nunca deveria ter dito o que te disse.

— Eu não deveria ter ido a sua casa estando de mau humor, mas me tinha preocupado.

— Sei por que veio e me faz sentir muito bem saber que te importo. Deveria ter te contado o que aconteceu.

Houve uma pausa significativa e ambos riram.



— Parece-me que ao final concordamos em algo — comentou Hayley.

— Vê, sabia que aconteceria se colocássemos um pouco de interesse.

— Acredito que tem razão.

— Hayley, carinho, estou desesperado pela necessidade que tenho de vê-la. Se pudesse, estaria aí agora mesmo em vez de te chamar por telefone. Mas me encontro no trabalho e estou na etapa mais complicada de meu projeto.

— Está bem. O mais importante é saber que tudo se solucionou entre nós.

— Entendo o que quer dizer. Sinto-me muito melhor agora. Espera um segundo. — Hayley pôde ouvir a conversa entre o Jace e outro homem.

— Carinho, tenho que desligar, estão me voltando louco. Falarei contigo logo, ok?

— Sim. Adeus.

Hayley pendurou o telefone e suspirou. Tinha sido sincera quando lhe disse quão importante era para ela que as coisas estivessem bem entre eles, especialmente depois do que lhe havia dito Logan a noite anterior.

— Paciência, garota, paciência — disse a si mesmo e voltou a trabalhar.

\* \* \* \* \*

Hayley apagou a televisão e se espreguiçou. Eram onze e meia, e as notícias acabavam de terminar. Estava debatendo-se entre escrever uma nova cena que tinha em mente para seu seguinte livro ou deixar de trabalhar quando soou o telefone. Levantou o fone. O número que aparecia lhe era desconhecido, mas mesmo assim respondeu.

— Diga?

— Hayley?

— Jace! Olá.

— Olá. Não te despertei, verdade carinho?

— Não. Precisamente acabava de desligar a televisão. Estava sentada tentando decidir se devia trabalhar um pouco mais ou ir pra cama.

— E se em troca fala comigo?

— Ok, acredito que também poderia fazer isso — brincou Hayley com um sorriso complacente curvando seus lábios —. Como vão as coisas?



— Bastante bem, agora que consegui reunir ao cliente e a sua esposa para esclarecer algumas coisas. É um pouco difícil decidir como atuar quando lhe atiram em duas direções diferentes. Especialmente quando querem alterar os planos a metade do trabalho.

— Meu Deus, isso não soa nada bem.

— Acredite-me, não o é. Quando o trabalho alcança certo ponto, é impossível realizar algumas mudanças. Agora me diga você, como estas?

— Estou bem. — Hayley se reclinou no sofá —. Trabalhando no novo livro e perdendo o tempo no jardim. Plantei na parte dianteira algumas mudas de íris e um par de arbustos em flor. As flores de íris vão estar lindas na próxima primavera.

— Não tão bonitas quanto você.

— Obrigado. É realmente doce, sabe?

— Essa é a intenção.

— Se tentas agradar meu lado bom, o estas conseguindo. E você, como estas? Parece um pouco cansado.

— Estou-o um pouco. Estava, uhhh, vendo um pouco a televisão.

Houve uma leve pausa na voz do Jace, que fez que a curiosidade de Hayley se revolvesse.

— O que estas vendo?

— OH, hum, simplesmente um filme.

— É bom?

— Bom, estava bom.

— Hmm. — De repente imaginou o filme que Jace podia estar vendo.

— O que?

— Jace McKenna, está vendo um filme pornô?

Houve uma leve pausa antes que Jace respondesse.

— Está bem, pegou-me. Sim, é.

— Sabia — alardeou Hayley —. Então repito-o. Está bem?

— Hayley, é pornô. Não é um material exatamente digno para um Oscar.

Hayley riu entre dentes, encantada ante a leve vergonha que mostrava a voz do Jace. Sem pensar muito mais nisso perguntou:

— Esteve se tocando enquanto o via?

A linha ficou completamente silenciosa.



— Jace, está aí?

— Um momento. Acredito que quase engoli a língua.

Hayley soltou uma gargalhada.

— Mas como? Não me diga que te envergonhei?

— Quer a verdade? Sim! Primeiro me obriga a confessar que estava vendo um filme pornô, logo quer saber se gozei ao observá-lo. Carinho, te direi uma coisa, você sim que não é nada tímida.

— E isso está mau? — Hayley se mordeu o lábio, preocupada por ter ido muito longe.

— Não, a verdade é que não. Parece-me excitante.

— Estas seguro? Parece-me que também é algo excitante. Quero dizer, ver o filme e tocar-se.

— OH merda! — queixou-se Jace, com a voz rouca —. Carinho, se pudesse, atravessaria a maldita linha telefônica até chegar a ti. Tem-me muito duro outra vez. Pus este filme com a intenção de ter a cabeça ocupada e não dar mais voltas ao que me fez na cozinha. Não sou capaz de esquecê-lo, e o simples fato de pensá-lo me faz estar continuamente excitado.

— Umm, céu. Eu gosto como isso soa — ronronou Hayley —. Então, no filme, o tipo tem o cabelo tão escuro como você?

— Sim, por quê?

— E a garota? É loira?

— Sim.

— Imaginou que ela era eu, e que ele me fodia?

— Infernos não! Imaginei que era eu quem lhe fodia. Ninguém mais te vai tocar, Hayley. Ninguém. Nem sequer em uma fantasia — grunhiu Jace.

Sua possessividade enviou a Hayley um tremor ao longo da coluna vertebral e ao centro de sua luxúria, umedecendo seu sexo.

— Sabe, realmente tem uma veia muitttoooo possessiva. É tão erótico. Faz-me sentir como se me quisesse de verdade.

— OH, carinho, quero-te. E não é somente sexo. Não lhe tinha deixado isso claro?

— Pois sim, mas é possível que me encontre um pouco insegura com esta situação. Ninguém me fez sentir da forma em que você o faz — confessou Hayley.

— Hayley, carinho, não tem por que te sentir insegura. No caso de que não tenha se dado



conta, tem-me ao redor só movendo seu dedo mindinho.

— Jace. — Hayley se mordeu o lábio, saboreando a admissão do Jace —. Carinho, não quero que esteja ao redor de meu dedo. Quero que me rodeie, inteira.

— OH e agora que posso fazer. Vale-te que o faça logo que chegue a sua casa?

— Sim, mas enquanto isso, como conseguiste me esquentar, acredito que seria justo que fizesse algo a respeito.

— Que consegui te esquentar? Ei, não deveria ser ao contrário?

— Bommm, aceitamos navio como animal aquático — falou Hayley arrastando as palavras — . Mas de todas formas, não deveria fazer algo por mim?

— O que?

— Goze para mim.

— OH, merda!

— O que?

— Aí está essa linguagem de novo.

A risada de Hayley foi suave e sensual.

— Isso é um sim ou um não?

— Depende.

— Do que?

— De que se vai se despir e brincar com seu doce sexo para mim ou não.

— Ohhh — exalou — Isso, Hayley, de engolir a língua está se tornando contagioso.

Esta vez foi a vez de Jace rir.

— Dois podem jogar mesmo jogo, já sabe. De fato, é um jogo no que absolutamente se requerem dois participantes.

— Completamente de acordo. Um, deixa que me prepare.

— Onde está?

—Dirijo-me ao dormitório e vou me despir. Se formos levar a cabo esta função, prefiro estar cômoda.

— Mmm, pensar que estas na cama, mais exatamente, nua na cama. Faremos muito bom casal.

— Isso quer dizer que está na cama, também nu?

— OH, sim!



— Ummm, isso não é justo. Está jogando comigo.

— Eu estou jogando? Olhe quem fala, Senhorita “mosca morta”, mas te masturbe para mim, por favor.

— Ouça! A “mosca morta” não é única que disse o de masturbar-se, que eu me lembre, você também o disse.

Jace gemeu.

— Ei! Isso não é justo. O vais pagar, sabe, não?

— Mmm, tenho a esperança de que o cumpra, mas espera um momento. Não fale. Estou tratando de tirar a roupa.

Hayley riu entre dentes quando escutou outro gemido, soltou o telefone e se despiu rapidamente. Retirou a colcha, depois o lençol e se deslizou na cama. Removeu-se até ficar cômoda e, agarrando o telefone, o colocou de novo na orelha.

— Muito bem, já estou preparada.

Um silêncio cheio de antecipação caiu entre eles. Tendo alcançado esta etapa, Hayley não estava muito segura de como proceder. Até agora só tinha havido brincadeiras entre eles, nada de caráter sensual. Moveu-se inquieta, não muito segura do que dizer a seguir.

— Estas nervosa por mim, carinho?

— Por que o pergunta? —perguntou ela a sua vez

— Porque de repente ficaste calada.

— Bom, já sabe... não estou acostumada a fazer este tipo de coisas frequentemente.

— O mesmo digo. E, a verdade, estou um pouco decepcionado.

Hayley sentiu como se um grande peso caísse sobre seu estômago.

— Por quê? — perguntou ela cuidadosamente. “Se odiar esta série de coisas. Por que tive que sugerir algo tão tolo? Agora vai pensar que sou idiota”.

— Não consigo descobrir o que está vestindo.

Um sorriso de alívio curvou os lábios de Hayley.

— Seu bobo.

— Ouça! Assim é como ocorre nos filmes.

— Estou te escutando. Isso não faz com que desapareça o mórbido assunto?

— Não, tenho a intenção de trabalhar nisso mais tarde. De fato — a voz do Jace caiu um decibel —, poderia me fazer um favor?



— Qual?

— Simplesmente te relaxe e não diga nada durante um momento. Quero que feche os olhos e respire ao mesmo ritmo que eu. — Hayley tremeu ante o timbre rouco de sua voz —. Imagina que estou convexo a seu lado e como se sentiria se te tocasse, e vá, faça-o. Imagina que sou eu quem o faz.

O silêncio caiu entre eles. Hayley fechou os olhos e relaxou. Uma imagem de Jace, ajeitado nu entre os suaves lençóis brancos, encheu sua mente. Seus lábios se abriram, sua mão se deslizou lentamente por seu próprio torso. Moveu-a em círculos lentos, acariciando-a pele, tremendo ante a suavidade da carícia.

Em sua cabeça podia ver o Jace fazendo algo muito similar, e repentinamente a quietude se converteu em algo maior.

— Quando te vi pela primeira vez, a única coisa que pude pensar foi em quão bonito era e quanto me desgostava que estivesse lambendo a essa condenada colher. Queria que fosse a mim, que você estivesse lambendo. — Um tremor atravessou a pele de Hayley depois de admitir tal coisa.

— Não sabe que quis o mesmo? Quando te vi atravessar a porta, fiquei aturdido. É tão bela. Apoiei-me no mostrador para evitar cair de joelhos. Desejava-te desesperadamente. Naquele exato momento, ali mesmo.

— Sonhei em como te tocar, como deslizar minhas mãos sobre sua pele. Por favor, faça-o para mim, Jace. Carinho, por favor. — A repentina necessidade foi tão lhe esmagadora, que Hayley logo quase não podia respirar.

— Estou-o fazendo, Hayley, estou-o fazendo.

— Onde? O que estas tocando?

— Minhas mãos estão onde mais calor tenho. Somente me estou acariciando a pele.

— Sobe. Toca um de seus mamilos. — O corpo de Hayley se esticou ante o gemido apenas audível do Jace —. Você gosta disso?

— OH sim!

— O mamilo está duro?

— Mmm-hmm.

— Se estivesse aí contigo o lamperia, chuparia-o. Seria tão maravilhoso sentir essa dureza contra minha língua. Eu adoro seus mamilos, são tão sensíveis quanto os meus. Eu gosto de ver as



mudanças que se produzem em seu corpo quando te toco. Faça-o e sinta como seus mamilos ficam duros — ofegou Hayley —. Quero observar como seu suave membro fica duro. Quero senti-lo crescer em minha mão. É algo tão assombroso, tão belo.

— Os membros não são belos, carinho — Jace estava sem fôlego.

— OH, nisso te equivoca, céu! E o teu é magnífico. E sabe, delicioso. O teu é doce. Não sabia? Quando gozou em minha boca o sabor foi muito bom, um pouco doce e salgado, que me enfeitiçou. Eu adorei te sentir em minha boca. Não posso explicar quão bom foi te ter entre meus lábios e minha língua enquanto tomava. A pele em seu pênis é tão suave como veludo ou seda. Em contraste com a dureza que há debaixo. Todo calor e força nessa dura barra. Quando te sujeitei na boca pude sentir o batimento de seu coração em minha língua. Toque seu membro para mim, Jace.

O forte gemido de Jace fez com que se contraísse o estômago de Hayley. Todo o tempo que tinha falado percorreu seu próprio corpo com a mão. Seus dedos passaram por cima das cristas de seus mamilos e os apertou brandamente. Seu gemido transpassou as milhas que os separavam.

— O que me está fazendo, Hayley? Fala comigo, amor.

— Estou me tocando o peito. Imaginando que é você quem me toca. Sabe quanto eu gosto como cheira? Quando estávamos na cozinha, te tendo em minha boca, podia te cheirar. O perfume de sua pele é puro almíscar, e o exala quando estas excitado. Quando por fim estejamos juntos na cama, vou passar pelo menos uma hora simplesmente inalando esse perfume, enquanto chupo e lambo seu pau.

— Merda! Vais me deixar louco, carinho.

— Só quero que saiba o que sinto quando estamos juntos. Acaso esta mau? Quero sentir sua respiração sobre minha pele. Quero sentir seu calor e seu peso quando te enfiar com força e foder-me. Preciso suas mãos e sua boca sobre mim. — Hayley se moveu sobre o colchão, ante o incremento de sua necessidade.

— Logo, prometo-lhe isso, carinho, muito em breve. Mas por agora, só isto. Escute-me. Desliza a mão até seu sexo. Quero que jogue com o pelo. Somente passa os dedos por cima.

Hayley obedeceu, seu fôlego cada vez mais rápido. Abrindo até mais as coxas, fez o que Jace lhe tinha pedido. Um arrepiou percorreu sua coluna vertebral.

— O que sente?

— Faz-me cócegas. Mais. Diga-me mais.





A risada afogada do Jace a esticou.

— Estende as pernas para mim. Agora me escute. Quero que abra os lábios inchados de sua boceta e te toque com um dedo, da mesma maneira que o faria meu membro se deslizasse em seu interior. Está úmida?

— Síiiiiimmmmm, muito úmida.

— Isso é ótimo, carinho, muito bem. Com a ponta do dedo, esfrega ao redor da entrada da sua boceta. Assim, só essa zona.

— Mmmm, Jace, isso é tão gostoso.

— Imaginava que você gostaria. Agora desliza a ponta de seu dedo para cima e te toque o clitóris. Da mesma maneira que quando quer gozar. Joga com seus clitóris um pouco e logo retorna à entrada. Vá de um lado ao outro, carinho. Você gosta?

Hayley se contorceu na cama, arqueando-se para trás, sua mão se localizava entre suas coxas. Ter Jace dirigindo seus movimentos era extremamente excitante, seus sentidos estavam sentindo seu delicioso toque. O prazer estava aumentando, o interior de suas coxas se esticou quando ela as abriu mais amplamente.

—Síiiiiimmmmmmmmmmmmmmm. Jace, está tocando seu membro? Acaricia-te?

— Sim, o estou acariciando. É incrível.

— Lembro a sensação e seu sabor.

— Tenho a intenção de te saborear dentro de pouco. Vou enterrar o rosto entre suas coxas. Usarei a língua como está utilizando os dedos neste momento. E enquanto estiver fazendo deslizarei os dedos em sua boceta e lhe foderei. Você gostará disso?

— Sim, eu adorarei. Quero que me possua com os dedos, a língua e seu membro. Mas agora quero seu membro. OH Deus, Jace! É tão bom, é uma sensação tão boa. Vou gozar.

— Isso, carinho. Goze comigo. OH merda!

O grunhido baixo e gutural do Jace, cravou-se como um arpão em Hayley. Ela gemeu com força ante o rápido e duro prazer que a alagou. Ondas de puro prazer irradiaram através de seu corpo, as cavalcando, enquanto seus quadris ricocheteavam e fincava os calcanhares sobre o colchão. Uma primeira culminação, uma segunda e uma terceira liberaram cada uma das sensações que seu corpo era capaz de produzir. Parecia que ia continuar até a eternidade. Perdeu qualquer noção da realidade, situando-a em algum lugar longínquo, que não tinha nenhum poder sobre a destrutiva liberação que percorria todo seu corpo.



Pouco a pouco, e indevidamente, tudo voltou para a normalidade; a envolvente nuvem de sorte se foi dissipando muito lentamente. Deu-se conta de que ainda ofegava, embora mais devagar. Escutou os pequenos gemidos que emitia sua garganta. Sentiu o corpo completamente relaxado, mas estranhamente vigorizado, como se cada um de seus poros se abrisse, permitindo que o ar a alcançasse.

Inspirou lentamente e estremeceu.

— Obrigado meu Deus, pelos orgasmos múltiplos.

A risada afogada do Jace retumbou em seu ouvido. Ela sorriu ante o som e somou uma suave gargalhada a dele.

— Isso quer dizer que não tenho que perguntar se estava bom?

— O que te parece?

Jace soltou um bufado e lhe pergunto rindo:

— Você não me pergunta?

Um preguiçoso sorriso curvou seus lábios.

— Para ti esteve bom, carinho?

— Nem que o diga. Tenho restos até no queixo.

— Vá por Deus. O que teria gostado de saboreá-lo se estivesse aí.

— Quer que o saboreie em seu lugar?

A boca de Hayley se abriu surpreendida, sua língua lambeu seus lábios.

— Sim. — Esperou um momento para assim escutar a reação de Jace.

— Mmm, é tal como disse. Um pouco doce e um pouco salgado.

Imaginar o quente sêmen do Jace em seus dedos fez com que Hayley se retorcesse.

— Quanto tempo mais vai estar fora?

— Um par de dias.

— Me convença de que um par de dias não são tão longos.

— Não acredito que possa. Estou pensando que este par de dias serão os mais longos de minha vida.

— Huh, acreditas que sobreviveremos?

— Sim carinho, tenho trabalho a fazer.

— É, eu sei. Não esperava menos de ti. — Hayley se espreguiçou e bocejou —. Umm, céu, esgotou-me.



— Acontece o mesmo comigo. Esta preparada para dormir?

— Mmm-hmm.

— Te cubra muito bem com as mantas e pense que sou eu te abraçando. Antes que te dê conta, estarei fazendo.

— Assim o farei. Boa noite, Jace.

— Para ti também, amorzinho.

Hayley pendurou o telefone e mordeu os lábios. Tinha estado perto de lhe dizer que lhe amava.

\* \* \* \* \*

Os seguintes dois dias foram os mais compridos que Hayley tinha sofrido em sua vida. Seu estado de ânimo vacilou entre o desejo quase doloroso de ver Jace e o nervosismo de pensar em estar realmente com ele. Chamou-a por telefone em várias ocasiões, simples chamadas rápidas para saudá-la e lhe contar como progredia seu trabalho. Não houve nenhuma repetição de sexo telefônico.

Dava a impressão de que tinham dado um passo atrás em sua relação. Jace se mostrava bastante reservado em suas conversações. Retornou a sua habitual maneira de ser e deixou claro seu afeto por ela, mas não fez nenhum tipo de declaração de amor, por isso Hayley se alegrou enormemente de não ter expressado impulsivamente o que sentia. Por muito que o quisesse, não tinha chegado a hora.

Depois de passar o dia na livraria, Hayley estava com um autêntico mau humor quando não encontrou o único livro que lhe serviria para sua pesquisa, pois estava esgotado. Ligou para a biblioteca do povoado mais próximo, Hibberd, e descobriu que o tinham e que o guardariam. Tinha planejado deitar-se logo para madrugar e assim fazer a viagem a primeira hora, por isso decidiu parar e comprar comida chinesa para levar.

Uma vez que chegou em sua casa, acomodou-se e comeu diante da televisão, observando um documentário sobre a fauna selvagem. Em certo momento se encontrou com os olhos cravados na tela, fascinada por como uma manada de lobos perseguia um velho cervo. Em lugar de estar horrorizada, sentiu que seus músculos se esticavam ante uma estranha e irracional necessidade de estar ali. Observar à manada alimentando-se depois da matança lhe trouxe água à



boca. Olhou a caixa de papelão com frango agridoce com pouco entusiasmo. O desejo repentino de ter diante um bife mal passado fez com que seu estômago grunhissem.

Hayley negou com a cabeça e franziu o cenho. Trocou de canal para ver alguma comédia e acabou a comida com uma disposição de ânimo menos carnal. Quando terminou, atirou ao lixo as caixas de papelão e comprovou a porta principal e depois a traseira, assegurando-se de que ambas estavam bem fechadas.

Franziu o cenho com preocupação quando comprovou que a porta traseira não permanecia fechada. A posição do fechamento indicava que deveria fechar bem, mas quando puxava a porta esta se abria sem problema algum. Agarrou a lista telefônica de seu escritório e se sentou para procurar algum chaveiro. Marcou um telefone. Não houve resposta, algo que não a assombrou dada a hora que era.

Suspirando chateada, marcou o número do Logan e Bryn, esperando que conhecessem alguém que pudesse vir arrumar o ferrolho. Respondeu Bryn.

— Ouça, irmãzinha, sou eu — disse Hayley, tentando ocultar a irritação em sua voz.

— O que acontece?

— O ferrolho da porta traseira está quebrado e não sou capaz de encontrar a um chaveiro que trabalhe a estas horas.

— Pois sim, isso não está nada bem.

— Ouça, que não é uma brincadeira. Suponho que poderia encaixar uma cadeira sob o trinco da porta.

— Como fez quando mamãe e papai nos deixaram sozinhas pela primeira vez?

Hayley bufou.

— Aff, algum dia vai me deixar esquecer isso?

— Não. Mas não se preocupe por isso. Não direi a ninguém que é uma galinha.

— Córcholis, obrigado. Suponho que não conhecerá alguém que possa vir arrumá-lo esta noite?

— Este é seu dia de sorte, irmãzinha. Por acaso eu conheço um tipo que é perito nestas porcarias. Enviarei ele agora mesmo.

— OH genial, maravilhoso! Muito obrigada, Bryn. Devo-te uma.

— Me conformarei com uma comida em O'Neils.

— Dá-o por feito.



Despediram-se e Hayley se dispôs a esperar a seu salvador. Não passou muito tempo antes que lhe chegasse o som de um veículo entrando pelo caminho. Olhou pela janela e ficou surpreendida, depois desiludida e por último zangada ao ver Jace. Perguntou-se por que não lhe havia dito que estava de volta a cidade. Caminhou para a porta quando escutou sua chamada, preparando-se para a batalha. Abrindo-a, o encontrou ali de pé, com um grande sorriso no rosto, presumido, arrogante e OH, tão delicioso! Este homem tinha tudo o que uma mulher poderia querer, ao menos fisicamente. “E finge que não sabe”, pensou ela.

— Ouvi dizer que me necessitava. — Suas palavras se referiam tanto a suas necessidades físicas como à fechadura quebrada.

— Necessito um chaveiro. Não necessito a ti, mas já que está aqui, quero que...

— Ah, bom, querer é quase tão bom como necessitar. Talvez inclusive melhor.

Hayley lhe dirigiu um penetrante olhar.

— Pare de me interromper. Eu gostaria que te encarregasse do ferrolho da porta traseira.

Jace sorriu ante a mudança na escolha de suas palavras. Dirigiu-se para a porta, deliberadamente não lhe deu tempo para que se retirasse, a fim de poder roçar seu corpo com o dela.

— O que aconteceu com o ferrolho? — perguntou bruscamente. Seu contato lhe tinha provocado uma brusca contração em seu interior, e sua fragrância alcançou seu nariz, uma nuvem de ambrósia que lhe deixou esfomeado.

— Se soubesse, o teria arrumado sozinha.

Ele percebeu o delicado rubor que alagou suas bochechas e escutou seu tom ligeiramente ofegante. Indevidamente, seu membro começou a endurecer-se. Sem nenhuma preliminar, tomou-a entre seus braços e a beijou brandamente.

— Por que esta zangada, carinho? — murmurou com ligeireza.

— Quando retornaste? — perguntou ela, e Jace pôde escutar um diminuto indício de dor.

— Fará uma hora. Tinha que discutir algumas coisas com o Logan e depois ia vir a sua casa para te fazer uma surpresa. Estava ali quando chamou a Bryn e ela me contou da fechadura de sua porta. — Jace esfregou delicadamente suas costas —. Não acredita que ia retornar à cidade e não ia dizer-te nada, não é?

Hayley encolheu os ombros e Jace a enfrentou, tomando firmemente seu queixo com a mão.

— Não é? — perguntou de novo, procurando seus olhos.



— Não — respondeu timidamente.

— Ok. Agora arrumemos esse ferrolho. Há algumas coisas das quais quero falar contigo.

Sentindo-se inquieto e com os nervos atíçados, retirou-se e passou pelo meio da sala de estar até a cozinha. Hayley lhe seguiu e quase tropeçou inesperadamente com ele quando se deteve abruptamente.

Um perfume assaltou suas fossas nasais e nelas obteve a resposta, e imediatamente seus instintos mais baixos se elevaram. Reconheceu o aroma azedo do homem que tinha acochado Bryn e Hayley no Morgan's. Uma quebra de onda de fúria e de incredulidade lhe percorreu de cima abaixo.

— Que diabos estava fazendo esse homem aqui? — Sua pergunta foi lacônica e acusadora quando se deu a volta para encará-la.

Hayley sentiu como um tremor a percorria de pés a cabeça ante o resplendor furioso e possessivo de seus olhos. A sua vez, sua cólera se elevou como resposta a tal agressão.

— Que homem? Se esta for sua ideia de uma piada, não tem graça.

Jace deu um passo para aproximar-se mais dela.

— Não estou brincando. Para que veio, Hayley?

Olhou-lhe carrancuda ante o tom mortalmente sério de sua voz e sentiu como sua ira se aplacava.

— Jace, estou te dizendo a verdade. Não veio ninguém aqui em casa, exceto você. O que te faz pensar que houve alguém mais?

Piscou ante a sinceridade e a perplexidade que se denotavam em sua voz. Ela realmente não sabia.

— Estou cheirando-o.

Elevou as sobrancelhas e inspirou profundamente. O assombro fez com que seus olhos se abrissem surpreendidos.

— Eu também lhe cheiro. Por que não o notei antes? Pensei que estava brincando.

— Não com algo tão sério — respondeu e atravessou a cozinha para examinar a fechadura da porta —. No que se refere a por que não o notou, pode ser que o aroma de sua comida chinesa o camuflasse. — Em um momento passou do arrepiante alarme a uma fúria completamente gelada que alagou todo seu ser —. Este ferrolho foi manipulado. Como sabia que não funcionava? Vê-se normal.



Hayley se moveu até ficar ao seu lado.

— Sempre comprovo as portas uma vez que as fecho. — Sentiu-se incomoda durante um momento, mas decidiu compartilhar o que a tinha acontecido, e pelo que Bryn tinha brincado com ela fazia um momento —. Quando era adolescente, nossos pais saíram de viagem durante um fim de semana. Era a primeira vez que nos deixavam sozinhas e estava muito emocionada, ao menos na aparência. Não o disse a Bryn, mas também me sentia um pouco inquieta. — encolheu-se de ombros.

— Mamãe e papai nos proporcionavam segurança, e pela primeira vez não estavam conosco. Tive um pesadelo a primeira noite que estiveram fora. Sonhei que fechava a porta principal, mas que voltava abrir-se. Que algo mau aconteceria. Não importava quantas vezes a fechasse, não havia maneira de que permanecesse fechada. — Lhe dirigiu um sorriso sardônico —. Despertei e, como não podia dormir, coloquei uma cadeira sob o trinco da porta principal. Voltei para a cama e dormi como um tronco. De qualquer maneira, acostumei-me a comprovar as portas depois de fecha-las e, precisamente, esta vez se abriu sozinha. O que te faz pensar que foi manipulada?

— Estes arranhões são marcas de ferramentas. Alguém manipulou este ferrolho para assegurar-se de que não se fechasse completamente. — Olhou a Hayley, a preocupação estava claramente impressa em seus olhos —. Está segura de que ninguém tem remexido entre suas coisas? Não perdeste nada?

Surpreendida, e um pouco alarmada, Hayley olhou ao Jace, com o ânimo totalmente pelo chão, e uma vulnerabilidade claramente visível em seus olhos.

— Não notei nada. Se alguém esteve em casa não desordenou nada.

Ver a preocupação nos olhos dela lhe fez sentir como se lhe tivessem dado uma patada em pleno estômago. Jogou uma olhada a seu relógio de pulso.

— A loja de ferragens está fechada. Não poderei conseguir as coisas que necessito até amanhã, o que quer dizer que das duas uma: Ou vai pra casa comigo esta noite, ou fico aqui.

— Não vou pra sua casa! Fico aqui — respondeu alterada, sem lhe gostar da ideia de que a jogassem de sua própria casa —. Quem sabe o que poderiam fazer se eu não estivesse.

— Então fico contigo, o sofá parece cômodo. — Jace entrou no espaço pessoal de Hayley —. Por muito que queira, não compartilharei uma cama contigo. Não sob estas circunstâncias. Se este tipo aparecer, quero lhe apanhar e me distrairia. — apoiou-se sobre seu corpo e lhe deu um



apressado beijo nos lábios.

O estômago de Hayley se contraiu com força e sentiu uma corrente de sangue transladar-se até seu sexo em resposta a seu contato e sua doce admissão. Não podia dizer nada, porque seu orgulho queria manter o controle e, é obvio, porque ele não disse nada mais. Deu um passo para trás e inconscientemente lambeu os lábios. O sabor do Jace quase lhe fez trocar de opinião, mas se manteve firme.

— Não recordo te haver pedido que compartilhasse minha cama — comentou elevando arrogantemente o queixo. Mas se encontrou com algo que não esperava. A ideia do Jace em sua cama trouxe de volta a sua cabeça o ocorrido a outra noite e o que compartilharam ao telefone. Inclusive antes dessa noite tinha tido sonhos de uma decadente sedução e de corpos contorcendo-se, nos quais Jace ocupava o papel principal. Simplesmente o pensar em todo isso fez com que começasse a suar.

Jace ainda não tinha mencionado a palavra que começava pela letra “A”, e Hayley não estava ansiosa por começar outra relação que não fosse a nenhuma parte. Isto era muito importante para que Jace tomasse à ligeira. Ficavam muitas perguntas sem responder. A indecisão que sentia entre o que lhe dizia sua cabeça, o que queria seu coração e o que seu organismo exigia, fazia com que sua cabeça desse voltas.

O doce sorriso do rosto de Jace deu lugar rapidamente a uma expressão totalmente séria.

— Acredito que essa seja uma questão da qual nos ocuparemos muito em breve, mas agora não, alguém quebrou o ferrolho de sua porta. Esse homem te ameaçou. Acredite ou não, o importante é que essa pessoa não o fez para te roubar nada. Isso me induz a pensar que o que verdadeiramente quer é te agarrar de surpresa em alguma ocasião em que esteja sozinha. — Olhou intensamente os azuis olhos de Hayley —. Se acreditas que vou permanecer com os braços cruzados e deixar que isso aconteça, esqueça, bonita. E se for me dizer que não faz falta que fique, te economize a saliva. Não vou te deixar aqui sozinha.

Ela sentiu como a percorria uma cálida onda de amor. Jace estava verdadeiramente interessado nela e não podia evitá-lo, adorava esse pensamento.

— Te trarei um travesseiro e uma manta — respondeu, cedendo de maneira tolerante.

Jace sorriu.

— Muito bem, esperava que dissesse isso. Não quero brigar contigo, só quero estar aqui quando esse bastardo retornar. — Abriu a porta e saiu um momento ao terraço situado na parte





traseira da casa —. Vou estacionar minha caminhonete na garagem, desta maneira, quem passa pela frente pensará que esta sozinha.

— Esse conhecimento o adquiriste depois de todas essas aventuras amorosas que tiveste com as senhoras de Whispering Springs?

— Um cavalheiro nunca comenta essas questões — respondeu ele, e lhe dirigiu um sorriso claramente impudico.

Com uma desagradável carranca em seu rosto Hayley o observou dirigir-se para seu carro, então se deu a volta para retornar à cozinha. Ao sentir uma pressão no peito, por fim cedeu à verdade ante si mesma, aceitando definitiva e completamente seus sentimentos. Estava apaixonada por Jace McKenna.

O pensamento de que ele estivesse com outra pessoa era inquietante. Sabia que tinha tido relacionamentos ocasionais antes de começar sua relação, assim como ela tinha feito no passado uma ou duas vezes. Esquecendo esse tema, encolheu-se de ombros com resignação, passando pela sala de estar e indo pelo corredor até seu dormitório. Uma vez ali, tomo uma manta e um travesseiro extra para que passasse a noite.

\* \* \* \* \*

Jace não podia dormir. Para apanhar ao possível intruso tinham decidido deitar-se muito cedo e apagar todas as luzes. Depois de várias horas sem incidentes Jace ainda permanecia completamente acordado. O sofá não estava mau. Era suficientemente cômodo para o que necessitava, e o suficientemente largo para poder esticar-se. Como tudo permanecia tranquilo tirou suas roupas, pois normalmente dormia nu. Ao princípio vacilou pensando em que deveria deixar-se um pouco posto, mas decidiu que não importava se permanecia ou não vestido. Com roupas ou sem elas podia apanhar ao tipo facilmente, e se precisava trocar apressadamente não teria que preocupar-se em despir-se.

O problema era que a ligeira manta e o travesseiro que Hayley lhe tinha proporcionado estavam impregnados por seu delicioso perfume. Estava lhe voltando louco. Seu membro não tinha minguado nem sequer um pouquinho desde que endureceu a primeira vez. Em vez de estar em repouso, estava duro e orgulhosamente ereto, declarando seu esplendor ao mundo. Insistia em permanecer com a haste elevada até que o alívio lhe fosse dado.



«Merda, como se a gente não quisesse!»

Não ajudou que pudesse ouvir Hayley movendo-se pelo dormitório. O primeiro que captou sua atenção foi o momento em que entrou no banheiro. Escutou correr a água da ducha. A imagem de seu corpo totalmente nu, com a água caindo sobre sua acetinada pele, levou-lhe de volta à primeira noite que a viu em seu lago, iluminada pela lua. Pensar que estava na ducha fez que gemesse ao imaginar suas mãos perambulando sobre seu corpo enquanto se ensaboava. Podia imaginar com total clareza seus exuberantes peitos, escorregadios pelo espumoso sabão. Sua imaginação continuou o caminho de suas mãos enquanto vagavam por seu torso, seu ventre e chegavam à zona inferior de seu corpo. Os lábios de Jace se abriram quando sua respiração se agitou ao visualizar a imagem de suas mãos deslizando-se até suas coxas. Lhe acariciaria o sexo e se dedicaria um bom momento a essa tarefa.

Sua imaginação entrou na fase de descrever como se daria esse prazer; seus dedos ensaboados esfregariam muito habilmente seus clitóris, deslizando por todo seu sexo a cálida nata de sua lubrificação. Jace inspirou com força e se retorceu inquieto quando percebeu o som que fez Hayley ao meter-se na cama. Sem saltar uma pulsação, sua imaginação trocou o cenário, e de novo aparecia Hayley dando-se prazer. Esta vez tombada em sua cama, com as coxas totalmente abertas e seus peritos dedos tocando em cada um de seus pontos mais sensíveis.

O fato de que estivesse inquieta só ajudava a alimentar sua imaginação. Cada vez que a ouvia mover-se podia fingir que se retorcia do prazer que experimentava enquanto se masturbava em sua imaginação.

Resmungando um juramento, Jace jogou para trás a manta, endireitou-se e pôs os pés no chão. Reclinando-se, percorreu com o olhar cada parte de seu corpo e silenciosamente contemplou sua grossa longitude; a cabeça de seu membro lhe devolvia o olhar com seu único olho. Cedendo ao inevitável, colocou os dedos ao redor da base e pressionou, para logo deslizá-los até a ponta avermelhada e volta a começar.

\* \* \* \* \*

No quarto, Hayley tinha um problema similar. Saber que tinha que madrugar para ir à livraria do Hibberd pegar o livro que necessitava não a ajudava. Tinha tomado uma ducha quente esperando que a relaxasse, mas ainda se sentia tensa e necessitada. Removeu-se nervosa e tratou



de encontrar a posição para dormir, mas lhe era impossível. Sua cama, normalmente confortável, converteu-se repentinamente em inóspita e pouco acolhedora.

Sabia por que estava incomodada. E era o fato de que Jace estivesse só a uns quartos de distância e provavelmente meio nu. Só pensar nisso fez com que rodasse para uma nova posição. Ao final ficou com o olhar perdido no teto. Já lhe tinha imaginado tirando a camisa antes de deitar-se, e isso a fez ofegar.

À beira de ceder ante os mais malvados pensamentos que povoavam sua cabeça, Hayley escutou um ruído e ficou quieta. Ansiosa por saber se alguém aparecia durante a noite tinha deixado entreaberta a porta do dormitório. Levantou-se e se deslizou fora da cama, aproximando-se silenciosamente à porta. Outro som apagado chegou a seus ouvidos e franziu o cenho, intrigada por este último. Não soava como uma luta, mas bem era como se Jace tivesse um pesadelo ou possivelmente falasse em sonhos.

Como precisava satisfazer sua curiosidade, passou a porta e atravessou o corredor. Manteve-se perto da parede a fim de ficar fora da vista de quem estivesse na sala de estar. Por que, não estava segura, mas algum instinto lhe dizia que o fizesse assim e não ia discuti-lo. Quando alcançou o final do corredor se deteve e escutou um momento, ouviu o som de uma profunda respiração. Franzindo o cenho, jogou uma olhada da porta e logo que pôde manter a boca fechada.

Apoiado descuidadamente contra o respaldo do sofá, com as pernas ligeiramente abertas, Jace não só estava completamente nu, mas também estava se masturbando! Com os olhos abertos desorbitadamente, deu-se conta de que era a imagem mais eletrizante que alguma vez tivesse visto, e sentiu como uma onda de puro ardor crescendo em seu sexo, derretendo-a até formar um atoleiro de cremosa umidade.

Havia milhões de homens de aparência agradável no mundo, mas para Hayley, nenhum era como Jace. Tinha algo evasivo que gotejava por cada célula de seu ser, fazendo-a lhe desejar ardentemente. Seu corpo era magnífico. Já tinha visto seus largos ombros e seus musculosos braços. E seu peito, com esses magníficos peitorais delineados, cobertos por uma película de pelo escuro. Seus dedos a picaram ante o desejo de passá-los por suas costas e pelo sedoso cabelo de seu peito.

Seus músculos estavam tensos e cinzelados, eram os melhores que já tinha visto. Viam-se apetitosos, e podia imaginar-se percorrendo com sua língua aqueles vales e musculosas colinas. Os



mamilos rígidos e masculinos, rodeados por auréolas de cor cobre escuro, estavam à vista, e fechou os olhos em um esforço por abster-se de gemer quando Jace elevou um braço para beliscar-se um dos duros bicos.

Ele gemeu, um grunhido profundo que pôs seu coração a cem por hora, ao tempo que se retorcia pela umidade que alagava seu sexo. Nunca se tinha encontrado molhada assim em tão pouco tempo. Era gratificante e desconcertante ao mesmo tempo, especialmente quando sentiu uma diminuta umidade molhar o interior de suas coxas.

Devolvendo sua atenção a Jace, seus olhos seguiram o rastro do pelo escuro de seu peito, que se movia com o ritmo agitado de sua respiração, dividindo-se ao redor de seu umbigo, para logo descer por um sulco tentador até a parte inferior, onde se transformava em um pelo mais denso que rodeava a base de seu membro. Hayley teve problemas para seguir respirando quando canalizou toda sua atenção em seu sexo. Embora o tivesse visto antes, ainda lhe tirava o fôlego.

Grossa, dura e larga, a longitude se elevava facilmente além de seu umbigo. A cabeça grossa e sedosa filtrava seu sêmen e a fazia brilhar brandamente. Sob a mão que utilizava para acariciar-se podia apreciar as inchadas veias que a percorriam embaixo da acetinada pele vermelha escuro. Era o mais belo que tivesse visto, e se estremeceu de desejo ao pensar em montar esse magnífico eixo.

Jace era moreno, seu corpo inteiro resplandecia como ouro puro. O pelo escuro de suas pernas e braços ia ao mesmo tempo da maravilhosa pele de seu peito; fazia que Hayley quisesse esfregar contra ele como uma gata no cio. Parecia tão gostoso, recostado sobre o sofá com os olhos fechados. Sua mão livre tinha chegado lentamente à altura de seu torso, e de novo beliscou o broto rígido de seu mamilo, enquanto sua outra mão se passeava lentamente por toda a longitude de seu membro.

Quando seu punho retornou acima se atrasou no terço superior de sua ereção. Sua mão se ateu com força e realizou um pequeno golpe que causou que seu membro se endurecesse ainda mais; uma vez que seus quadris empurravam para cima e sua respiração se acelerava, novas gotas de líquido pré-seminal apareceram pela abertura da engrossada cabeça. Eram quase transparentes, a pouca luz disponível a permitiu ver como escorregavam, deixando um rastro fresco de umidade. Com a boca aberta, teve que fechar momentaneamente seus lábios, depois sua língua se deslizou para o exterior para deslizar-se sensualmente por seu lábio inferior.

Cada um dos movimentos que lhe via realizar fazia com que Hayley estivesse mais perto de



gemer em voz alta, especialmente quando outro rouco gemido ressonou nas profundidades de seu peito. Logo se precaveu de que tinham sido os gemidos de prazer do Jace os que a tinham levado a sala de estar.

“E te agradeço meu Deus, ter estado acordada para escutá-los!”, pensou.

Com um olhar de admiração percorreu o resto de seu corpo, suas coxas, panturrilhas e pés. Não podia evitar estar maravilhada por seus pés. Compridos e elegantes, eram classicamente belos, como se lhes tivesse dado forma um escultor.

Ele continuou o movimento repetitivo de sua mão e, um momento mais tarde, seu corpo pareceu enrijecer, seus músculos se esticaram e flexionaram. Observou o rítmico acariciar de seus dedos sobre a grossa coluna que palpitava em seu punho. Foi acelerando o impulso lentamente, concentrando o contato cada vez mais na parte superior de seu membro. Sua respiração se fez mais rápida, até que um feroz e quebrado grunhido saiu de sua garganta.

Hayley respirava com ele, e jurou que seu membro era até maior uns momentos antes que estalasse em um abundante e branco jorro de sêmen que se derramou sobre seu torso. Várias fervuras voaram contundentemente até seu peito e ventre, deixando-os cobertos com linhas e gotas da quente e aromática semente varonil. O corpo do Jace foi relaxando lentamente e exalou o que pareceu ser um satisfeito suspiro.

A respiração de Hayley permanecia agitada, fazendo seus pulmões trabalharem tenazmente, especialmente agora que se deu conta de que Jace não tinha nada com que distrair-se. Ia ter que ser duplamente precavida para silenciar sua volta ao dormitório. Antes que pudesse dar o primeiro passo, Jace falou alto e ela levou um susto.

— Gostou de me observar, Hayley?

Ficou sem fôlego, avermelhando instantaneamente de mortificação ao ser apanhada. “OH merda!”

— Sinto muito — gaguejou, e deu um passo à frente, tremendo sob seu acalorado controle —. Ouvi um ruído. Na realidade não tinha a intenção de te espiar.

— Não se preocupe, me alegro de que me observasse. Tornou tudo muito mais excitante — confessou Jace, enquanto com seu dedo indicador percorria o quente sêmen que cobria seu corpo. Recolheu um pouco com o dedo e o levou aos lábios, sua língua saiu para prová-lo antes de introduzir-lhe e chupá-lo.

Com a boca aberta, a própria língua de Hayley saiu por entre seus lábios, desejando lhe



substituir, observando-o com entusiasmada fascinação e inveja.

— Quer um pouco? — perguntou-lhe com voz rouca.

Hayley inclinou a cabeça afirmativamente, sem poder negar a verdade, mas antes queria uma resposta.

— Como sabia que te observava?

— Ouvi um movimento no corredor.

— Por que não parou?

— Não queria, mas ainda não respondeu a minha pergunta. Gostou de me observar?

A expressão nos olhos do Jace era urgente, seu resplendor brilhante fez com que Hayley tremesse de novo. Moveu-se inquieta, a reação de seu corpo estava se tornando insuportável. A honestidade inata lhe impediu de mentir-lhe.

— Sim. Eu gostei de te observar. Muitíssimo.

Jace estendeu uma mão para ela.

— Venha aqui, carinho.

Sua voz era grave e suave, tenra, mas claramente dominante. Encontrou-se caminhando para ele, sua mão tratando de alcançá-lo. Seus dedos se tocaram, suas palmas se deslizaram juntas e seus dedos se entrelaçaram. Jace a fez sentar-se em seu colo. Perdida em uma névoa de desejo e fome arrasadora, Hayley se deixou guiar voluntariamente. Sua mão livre procurou seu rosto e a atraiu para sua boca, fazendo-a exalar um gemido pelos lábios entreabertos.

Sem deixar a oportunidade passar, Jace deslizou a língua em sua boca, e emitiu seu próprio gemido quando seu sabor explodiu dentro de sua boca com uma força que o deixou tonto.

Ele explorou, e Hayley respondeu a sua necessidade com a dela, até que suas línguas se enredaram ansiosas uma com a outra. Sua mão se deslizou de seu rosto a sua garganta e baixou para moldar seu inchado peito. O broto de seu mamilo era um ponto duro que se apertava insolentemente na palma de sua mão, enquanto ele o massageava com suavidade. Hayley ficou sem fôlego, retorcendo-se em seu colo e pressionando-se ainda mais contra os dedos que a percorriam.

Deixando a tentação de seu peito, moveu-se sobre seu abdômen e desceu pela longitude da coxa até encontrar a barra de sua camisola. Deslizou os dedos por debaixo. O calor de sua pele queimava contra sua mão e riscou o irresistível caminho ascendente, procurando seu febril centro.

Perdida em seus beijos e na exploração sensual de suas mãos, Hayley recuperou o



conhecimento com uma sacudida de percepção, quando sua mão estava somente a uns centímetros de seu sexo.

— Jace — sussurrou, lhe cobrindo a mão e segurando-a contra sua coxa. Cravou nele os olhos cheios de incerteza.

— Precisa-me — grunhiu brandamente —. Deixe-me lhe dar isso.

Hayley viu um profundo resplendor em seus olhos. Parecia tudo tão simples, necessitar e querer, dar e tomar. Um estremecimento de desejo a atravessou por completo e assentiu, soltando sua mão. Necessitava-lhe, oh, tão intensamente!, e era o único com o qual desejava aliviar tão ardorosa necessidade.

— Te abra para mim carinho, para que isto seja muuuuuito bom.

Ela abriu as coxas, e um gemido se precipitou por sua garganta quando Jace não desperdiçou nem um segundo para colocar sua mão entre eles. Não tinha vestido o short que fazia jogo com a regata. Nada impedia seu avanço. Seus largos dedos acariciaram o empapado pelo púbico que protegia seu montículo e emitiu um suave grunhido que a levou quase à loucura. Dividindo os lábios cheios de seu sexo, um de seus destros dedos sondou e se deslizou profundamente entre a úmida fenda.

Ela suspirou e apertou os músculos, mantendo o invasor profundamente em seu interior. Apesar da forte aderência, Jace deslizou seu dedo para dentro e para fora facilmente no calor escorregadio do seu canal estreito e, rapidamente introduziu um segundo dedo, aliviado-a.

— Jace — murmuro Hayley entre gemidos, ofegando quando as ondas de prazer alagaram seus sentidos.

Jace retirou os dedos e delicadamente silenciou seu gemido de decepção. Levantou os dedos, molhados com seu fragrante odor e os levou a boca, saboreando-a. Hayley lhe observou com os olhos muito abertos, tremendo pelo inferno que se via em seus olhos.

— Tão doce — grunhiu —. Sabe, tão doce. Mel e calor, paixão e desejo. Todos mesclados em um néctar doce e selvagem. Um dia destes vou ter um banquete entre suas coxas — prometeu enquanto deslizava sua mão a sua anterior posição, penetrando de novo nas profundidades de seu tremente sexo —. Mas por agora, somente isto — sussurrou, quando seu polegar encontrou o clitóris.

Hayley ficou rígida e se estremeceu, sua respiração se fez mais forte e rápida enquanto Jace jogava perita e apaixonadamente entre suas desejosas coxas.



— Por favor, por favor, por favor! Necessito... — ficou sem fôlego e se contorceu contra ele.

— O que necessita? Isto? — perguntou ele, pressionando-se contra ela, seu membro estava de novo erguido e duro.

— Sim! — admitiu Hayley, liberando suas controladas emoções.

Ela se revolveu para trocar de lugar, até ficar montada arreganhada sobre seu colo, e impacientemente tirou sua regata pela cabeça, jogando-a no chão e longe deles. Tendo maior liberdade, seus dedos envolveram a grossa longitude. Jace jogou para trás sua cabeça, gemendo quando lhe acariciou lentamente. Ela precisava lhe montar com dureza. Elevando-se sobre seus joelhos, se segurou com uma das mãos enquanto descia sobre ele.

— Um momento! Hayley, carinho, um momento — gemeu Jace.

— Nãooo — gemeu ela e se contorceu contra ele.

— A camisinha. Precisamos de uma camisinha.

— Não precisamos, estou tomando a pílula — disse sem fôlego.

Imediatamente, a mão do Jace apareceu para tomar a sua e ela soltou seu membro, apoiando ambas as mãos em seus ombros. Deixou-lhe guiar-se em seu interior e se segurou com força quando a suave e grossa cabeça se apoiou em sua entrada e começou a introduzir-se em seu interior. Ela balançou os quadris, espalhando sua umidade enquanto empurrava para baixo, e ficou sem fôlego quando a quente e palpitante cabeça entrava com rapidez, fazendo-a moldar-se a sua grossura. Uma vez obtido isto, o resto de seu membro entrou facilmente quando se sentou em seu colo.

Sentiu como se abriam seus músculos, enquanto a enriquecedora fricção de seus corpos enviava calafrios por toda sua coluna. Os dois respiravam pesadamente, e sentiu um sopro abrasador uns momentos antes que sua boca engolissem seu peito e começasse a sugar a ponta de seu mamilo.

Hayley gemeu de prazer. Seus quadris reboavam contra o dele, estimulando ao mesmo tempo a vagina e o cheio clitóris, com breves impulsos. A cabeça do membro golpeava seu ventre, enviando crescentes e deliciosas sensações através de todo seu corpo, fazendo-a cavalgar mais forte contra ele e gemer ante as doces sensações. Jace lhe permitiu levar o ritmo durante um tempo, até que emitiu um grunhido frustrado. Ela sentiu como suas mãos apertavam seus glúteos. Atraindo-a fortemente para ele, levantou-se sem esforço algum. Hayley lhe rodeou o corpo com suas largas pernas e esperou enquanto ele caminhava com passos curtos.





Ricocheteava contra ele com cada movimento.

— Jace, por favor — implorou, até que repentinamente suas costas entraram em contato com a parede.

Com voz enrouquecida pelo desejo, murmurou-lhe no ouvido.

— Assim esta melhor. Duro e rápido, carinho. Fodemos em condições.

Ele se retirou e ela esperou seu retorno, mas Jace se deteve. Cravando as unhas nos duros músculos de seus ombros, retorceu-se sem conseguir nenhum resultado.

— Agora, porra, agora! — exigiu, apertando as coxas ao redor de seus quadris.

Jace lhe dirigiu um sorriso feroz e concordou, deslizando-se em seu interior por completo, com uma força e um poder tão grande que a deixou sem fôlego, e fez com que sua garganta emitisse um gemido ofegante. Hayley foi incapaz de fazer outra coisa que agarrar-se, enquanto ele empurrava uma e outra vez, durante muito tempo, duros golpes que enviavam seu grosso membro dentro e fora, até que sentiu que perderia a razão devido ao prazer.

O suor escorria pela pele de ambos. O ar se esquentou a seu redor, saturado pelo perfume de seus corpos, e se transformou em um inebriante coquetel do desejo de um homem e uma mulher. O doce e especial almíscar perfumava o ar, incentivando sua necessidade e animando seu lascivo desejo a realizar um puro e descontrolado acasalamento.

Hayley estava cega e perdida em uma névoa repleta de sensações, de pele macia e duro músculo, de áspero pelo que raspava seus mamilos, o suor e os fluídos escorregavam por entre suas coxas e produziam um som de sucção com cada um dos impulsos do membro de Jace. Seus grunhidos e gemidos de esforço e prazer se escutavam acompanhados pelos intensos golpes de seus corpos quando estes se uniam com força. O perfume inebriante de sexo os envolvia, atando-os com laços invisíveis.

Com os braços ao redor de seus ombros e afligida pelo prazer que rapidamente se transformava em uma explosão, fincou o dente na pele de Jace e lhe mordeu. Ele se congelou em um abrir e fechar de olhos, emitindo um profundo grunhido, rapidamente transformado em um intenso uivo, que fez com que os pelos dos braços de Hayley ficassem arrepiados. Ao mesmo tempo, enviou uma flecha de puro desejo desenfreado através dela, que retorceu suas tripas com uma sensação muito próxima à dor.

Jace reagiu com selvagem intensidade; seus impulsos se converteram em pequenos e duros golpes harmônicos que rapidamente tiveram Hayley soluçando com ânsias de liberação, quando a



pressão que tinha criado se voltou cada vez mais insuportável. Ele se moveu com um interminável e fluido ritmo, levando-a até a beira com um uivo lamentoso. Seu sexo se convulsionou com pulsos rápidos e abrasadores, ordenhando a grossa longitude, envolvendo-o até que, com um rugido gutural, explodiu e se esvaziou em seu interior. Intensos jorros de sêmen foram expedidos por causa dos pulsantes estremecimentos do canal de Hayley. Criou-se uma nova mistura formada pelo quente e leitoso sêmen e a doce nata de Hayley, que se deslizou entre eles até alcançar seu pelo púbico.

Jace conseguiu chegar ao sofá meio cambaleante, para se deixar cair com bastante exatidão, evitando assim cair no chão, ficando assim refestelados como um montão de exaustos músculos. Hayley descansou em cima dele com total abandono. Ambos lutaram por recuperar o fôlego, e passaram vários minutos até que o conseguiram. Lentamente foram recuperando as forças nas extremidades, e Jace começou um lento acariciar pelas suaves costas de Hayley.

Embora ainda permanecesse escuro, pelo horizonte emergia a primeira promessa da luz do dia. Escutaram-se alguns gorjeios sonolentos vindos de entre as árvores que sombreavam a casa.

Os braços de Hayley começaram a tremer. O alarme inicial do Jace se converteu em compreensão quando escutou sua risada satisfeita. Rodeou-a entre seus braços, acariciando seu rosto e seu cabelo com o nariz.

— Feliz? — perguntou.

Ela tentou fazer um gesto afirmativo.

— Mais que feliz.

Seu corpo se esticou sob o seu e Hayley se elevou apoiando-se nos tensos vultos de seus músculos. Olhou-lhe, lhe mostrando com total clareza o amor que impregnava seus olhos.

— Seus olhos resplandecem — lhe disse, vendo a satisfação e a pura alegria refletidas ali.

— Assim como os teus — respondeu ele brandamente.

Hayley franziu o cenho, com um confuso sorriso em seu rosto.

— O que quer dizer?

## Capítulo Oito

Jace abriu a boca para explicá-lo e ficou congelado, com a cabeça inclinada como se



estivesse escutado algo. Decidida a saber que segredos lhe estava ocultando, Hayley não parava de pensar, em primeiro lugar, por que estava ele ali, mas se levantou, separou-se dele e exigiu:

— O que quer dizer? Como podem estar brilhando meus olhos? Eu não estou em sua situação médica, seja qual for ela. O que me recorda. Disse que me explicaria isso.

— E farei, só que não neste exato momento — replicou Jace em um tom distraído —. O que queria dizer é que estava, hum, estava reluzindo. Já sabe, como ao entardecer. Agora, te cale um minuto.

Hayley entrecerrou os olhos. Como se atrevia a lhe dizer que se calasse! Definitivamente aqui havia algo errado. Obviamente Jace estava tentando encobrir o que havia dito originalmente, mas ao mesmo tempo não parecia estar pondo muito esforço nisso. Não a estava olhando, e parecia preocupado com algo.

Estava a ponto de lhe perguntar de novo quando Jace amaldiçoou e a colocou a um lado. Levantou-se do sofá e correu para a porta traseira. Hayley ficou olhando por onde se foi com profunda surpresa, até que de repente lhe assaltou uma ideia. Agarrou sua camiseta do chão e correu atrás dele. Jace já tinha desaparecido da vista. Ela estava parada no alpendre, escutando qualquer som que lhe desse uma pista de em que direção se foi quando soou um disparo. Hayley ofegou e sentiu que seu coração parava.

— Jace — deixou escapar em um sussurro aflito, apressou-se em busca do telefone da cozinha e marcou rapidamente o 911.

Depois de explicar a situação ao operador e lhe dar sua direção, pendurou e agarrou a lanterna que tinha colocado no canto da bancada da cozinha para as emergências. Estava decidida a encontrar Jace, sem fixar-se na forma em que ia vestida. Cruzou o alpendre e estava atravessando o pátio traseiro quando a deteve bruscamente a voz dele que a chamava.

Girou-se, lhe encontrou vindo para ela pelo lado da casa e correu a seu encontro, lançando-se em seus braços.

— Está bem? — perguntou ansiosamente, com a voz tensa de ansiedade.

— Muito bem — respondeu ele brevemente, com indignação —. Se foi. O bastardo tinha alguém lhe esperando com um carro. Nem sequer pude ficar com o número da placa.

— Chamei o 911. Ouvi o disparo e temi... temi que você...

Jace a abraçou fortemente.

— Estou bem, neném, tudo está bem. Por isso não o apanhei. Tive que mergulhar no chão



para evitar que me disparassem.

Sua voz estava tão cheia de indignação que Hayley se viu surpreendida por uma risada nervosa de alívio. Deu-lhe outro forte abraço.

— Nos ponhamos um pouco de roupa. Não quero falar com o xerife com minhas vergonhas pendurandas.

Quando o xerife chegou, tomou depoimento e partiu, o sol estava bem alto. Estavam esgotados. Jace se negou a deixá-la sozinha, apesar do fato de haver poucas probabilidades de que o suposto assaltante voltasse logo. Nesse momento Hayley viu poucas razões para mantê-lo no sofá, então lhe arrastou para a cama. Ele protestou, dizendo que precisava arrumar a fechadura, mas Hayley insistiu em que dormisse um pouco. Uma vez na cama, não houve nenhum pensamento de nada mais, salvo descansar. Ambos ficaram dormindo.

Hayley foi primeira em despertar. Era quase meio-dia e se encontrou enredada com Jace. Estava tombada sobre seu lado direito. Ele estava solidamente aconchegado contra suas costas, um braço firmemente colocado sob seus seios e uma perna sobre as suas, com a perna esquerda dela entre as dele.

Sorriu sonolenta, alagada pela calidez e o afeto, enquanto começava o complicado processo de se desenredar do possessivo abraço do Jace. Não chegou muito longe. Logo que tentou liberar seu braço cuidadosamente, agarrou-a mais fortemente e cheirou seu pescoço.

— Onde pensas que vai? — perguntou com uma voz áspera, profunda e rouca.

— À ducha — respondeu ela aconchegando-se contra ele —. Tenho que ir à biblioteca no Hibberd para pegar um livro.

Jace começou a lhe beijar a nuca, enviando calafrios por sua espinha dorsal.

— Temos uma biblioteca aqui na cidade, querida — murmurou, provocando com seu fôlego um comichão tênue e quente.

Hayley sentiu que seus mamilos se arrepiavam enquanto o membro do Jace se endurecia contra ela.

— Sei querido — disse sem fôlego, emulando seu carinho —. Mas não têm o livro que necessito para uma pesquisa que estou fazendo.

— Hum, quer que vá contigo?

— Ao Hibberd ou à ducha?

— A qualquer uma, ou a ambos. As duas coisas poderiam ser divertidas — murmurou,



localizando esse oco sensível detrás de seu ouvido e acariciando-o sensualmente com a língua.

— Hum — gemeu Hayley e tremeu —. Supõe-se que vais arrumar a fechadura.

— Imagino que isso deixa somente a ducha. Vamos, coração — grunhiu, separando-se dela e forçando-a a levantar-se —. Vejamos quão sujos podemos estar antes de nos limparmos.

Hayley riu e permitiu que a arrastasse dentro do banheiro, equipado com uma grande ducha rodeada de um biombo de vidro esmerilhado. Havia muito espaço para os dois, e Jace abriu a água enquanto Hayley se escovava os dentes. Logo que a temperatura ficou no ponto certo, ele saiu e Hayley lhe ofereceu uma escova de dente. Ela começou a tirar a camisa que usava para dormir.

— Me deixe te ajudar com isso — ofereceu Jace, e colocou a escova de dente na bancada.

Suas mãos se dirigiram para a bacia, onde descansaram contra suas coxas e começaram a deslizar-se lentamente para cima por seu corpo, arrastando a camisa com elas.

— Sua pele é tão suave — comentou reverentemente.

Hayley tremeu quando as pontas de seus polegares roçaram seu pelo púbico.

— Igual a outras coisas — murmurou enquanto sua camisa subia mais.

Ela inalou bruscamente, com um tremor no estômago. As mãos do Jace continuaram para cima. Moveram-se sobre sua cintura e seu abdômen, seus dedos acariciaram seus flancos enquanto seus polegares começavam a seguir o caminho arredondado que subia por seus firmes e plenos seios. Seus mamilos, já tensos, ergueram-se fortemente, lhe arrancando um gemido sem fôlego quando seus polegares roçaram as pontas sensibilizadas.

—E algumas coisas são duras — brincou ele com uma cintilação diabólica em seus olhos.

Hayley compôs um sorriso e estendeu uma mão para percorrer com um dedo trêmulo a longitude de seu pênis, duro como uma pedra.

— Muito duras — concordou ela, e seu sorriso se ampliou com o pequeno grunhido que emitiu Jace.

— Levante os braços — a ordenou com urgência.

Hayley obedeceu e sua camisa passou pela cabeça. Antes que estivesse completamente livre dela, Jace se inclinou, tomou um mamilo duro em sua boca e começou a sugá-lo. Gemeu pela onda de desejo que a percorreu, e as mãos de Hayley embalaram sua cabeça, seus dedos se entranharam no cabelo dele.

— Jace — gemeu, enquanto a boca e a língua dele trabalhavam diligentemente com seu mamilo.



— Entra na ducha, carinho, que agora vou eu.

Sorrindo ante o atordoamento dela, girou-a em direção à ducha e deu em seu delicioso traseiro um tapinha carinhoso. Hayley obedeceu e Jace se escovou rapidamente os dentes antes de unir-se a ela. Fez uma pausa para recrear-se na excitante visão, como da primeira vez que a tinha visto. Estava de pé sob a alcachofra, com seu corpo brilhante e molhado pelos jorros de água que caíam em corrente sobre ela.

Jace a interceptou quando ia agarrar o xampu.

— Me deixe — propôs ele, tomando o xampu e espremendo parte de seu conteúdo em sua mão.

Enquanto ele massageava com cuidado o xampu em seu cabelo e seu couro cabeludo, Hayley murmurou sua aprovação.

— Se alguma vez quiser trocar de carreira, poderia fazer uma fortuna como cabeleireiro. As mulheres viriam de muito longe por isso.

— Cabeleireiro! Acredito que não, neném. Além disso, não faria isto por ninguém além de você.

— Ai, Jace, isso é verdadeiramente doce!

— Ouça, sou um menino doce. Lavemos seu cabelo.

Com isso terminado, Jace ensaboou e enxaguou rapidamente seu próprio cabelo.

— Agora o melhor — disse ele lhe dirigindo um sorriso malévolo enquanto ensaboava as mãos com gel de ducha —. Traz aqui esse extraordinário corpo, carinho.

Hayley riu pela forma em que ele movia as sobrancelhas.

— É um tolo — lhe disse, mas de todos os modos se moveu mais perto e ronronou de prazer quando lhe percorreu com suas mãos os ombros e as costas.

— Ontem a noite fantasiei com isto.

— OH? — perguntou Hayley, agradada e curiosa.

— De fato, em minha fantasia estava sozinha na ducha e começava a te dar acariciar. — Deslizou suas mãos para tomar nelas seus seios, amassando meigamente os sensíveis globos —. Alguma vez faz isso, Hayley?

— É obvio — admitiu ela sem fôlego, inclinando-se para seu toque.

As sobrancelhas do Jace se elevaram ante a franca admissão e sorriu maliciosamente.

— E que tal se me mostrar o que faz?



— Tenho uma ideia melhor, por que não me mostra você sua fantasia?

— OH, sim!, Eu gosto dessa ideia — disse ele com o fogo flamejando em seus olhos —.

Ponha suas mãos aqui.

Jace guiou as mãos de Hayley para que tomasse seus próprios seios e colocou as suas sobre as dela, dirigindo seus movimentos. Escorregadias com sabão, suas mãos se moveram lentamente sobre a parte dianteira do corpo dela, enquanto ele se apertava fortemente contra suas costas. Sua grossa ereção estava comprimida entre seus corpos, alojada na atrativa greta que separava suas nádegas. Com uns poucos movimentos rítmicos de seus quadris pôde encaixar firmemente seu membro entre elas. Uma vez aí começou um movimento lento e ondulante que fez com que seu membro se deslizasse meigamente sobre seu sensível casulo rosado.

Hayley se estremeceu e gemeu pela desacostumada sensação. Ninguém a havia tocado nunca aí. O impulso selvagem de saborear um prazer tão duro e pecaminoso a alagou; enquanto, Jace continuava a sensual tortura e deslizava suas mãos sobre seu ventre curvo e mais abaixo. Impulsionou-a colocar-se com as pernas mais abertas e logo guiou suas mãos direitas unidas entre suas coxas. Hayley arqueou suas costas quando a gema de seu dedo se deslizou sobre seus clitóris.

— Passa seu dedo sobre o lado esquerdo de seus clitóris, neném — cantarolou Jace brandamente.

Hayley deslizou seu dedo à esquerda enquanto Jace deslizava o sua à direita, apanhando com eficácia seus clitóris entre eles. Com sua mão sobre a dela manteve seus dedos movendo-se em um ritmo lento e constante que lançou uma rajada de calor e necessidade entre as dobras inchadas de seu sexo. Sua doce nata, espessa e sedosa, cobriu seus dedos, e o aroma delicado e almiscarado ascendeu como uma súplica silenciosa.

Hayley ofegou e empurrou contra ele.

— Jace, por favor, estou ardendo.

— Sei, doçura, sei. Posso sentir seu calor. É como sustentar fogo líquido em minhas mãos, tão quente, tão úmido. Marque-me, Hayley.

Jace a girou para coloca-la de cara à parede da ducha, com as palmas contra os azulejos, enquanto a urgia a dobrar-se para frente. Colocou-se entre suas coxas e, dobrando seus joelhos, tomou seu exigente membro na mão e o guiou aos lábios inchados de seu sexo. Depois de encontrar sua entrada empurrou.

Hayley gemeu seu prazer e lutou por tornar-se para trás para pressionar-se contra ele. Seu



corpo e a sua grossa ereção a cravaram em seu lugar. Jace fez rodar seus quadris. O movimento removeu seu pênis dentro dela com movimentos curtos e excitantes que entravam e saíam.

— Hum, Jace! Está tão gostoso. Tão grande, duro e quente. Fode-me, nenê. Por favor!

As palavras lascivas de Hayley o incendiaram. Jace agarrou seus quadris, e os seus empurraram para frente e para trás enquanto seu membro golpeava para dentro e para fora.

— É isto o que quer, doçura? Assim?

— Sim!

Jace descansou seu queixo no ombro dela com sua boca contra seu ouvido.

— Hayley, Hayley, neném. Diga-me como se sente. — Sua mão esquerda liberou o quadril dela para deslizar-se entre suas coxas. Depois de separar as dobras escorregadias de seu sexo, seu dedo encontrou seus clitóris e manipulou com cuidado o broto cheio.

Hayley ficou rígida e se estremeceu contra ele.

— Bommmmmm, tão bom, tão bom, tão bom — gemeu ela —. Não pares. Me faça gozar. OH, Deus, Jace, preciso gozar!

— Logo, neném, logo — prometeu.

Enquanto a segurava fortemente entre seu corpo e a parede da ducha, Jace soltou seu outro quadril. Jogando a parte superior de seu corpo para trás, deslizou sua mão entre eles. Encontrou a fenda entre suas firmes nádegas e deixou que seus dedos se deslizassem sobre essa tentadora pista. Movendo-se para baixo, tocou a base de seu pênis onde desaparecia dentro do corpo dela. Depois de lubrificar seus dedos na nata perolada de Hayley, realizou a viagem de volta através da tentadora fenda de suas nádegas. Seu dedo encontrou seu tenso casulo. Apertou-se convulsivamente ante seu toque e Hayley choramingou, tremendo contra ele.

— Me diga como se sente com isto — sussurrou Jace enquanto deslizava seu dedo dentro do veludo quente de seu escuro canal.

Hayley se convulsionou e se agitou contra ele, enquanto gritava sua liberação. Atacado por tantas frentes, seu corpo se rompeu. Nem um só nervo de seu corpo se livrou do prazer ardente que a queimava. Seus joelhos se dobraram. Só a força de Jace a manteve sobre seus pés enquanto ele completava o ritual, achando sua própria liberação profundamente introduzido na exigência apertada e tremente de seu choroso sexo.

Respirando pesadamente, Jace a envolveu com seus braços.

— Está ainda comigo, carinho?





Hayley assentiu trêmula enquanto seu corpo seguia aguentando os tremores finais. Uns pequenos gemidos acompanharam cada pico eletrizante até que seus estremecimentos se acalmaram e cessaram. Tomou ar profundamente, estremecendo.

— Jace — sussurrou.

— Aqui estou, doçura, aqui estou.

Ficaram de pé, juntos, silenciosos, enquanto a água quente continuava caindo em cascata sobre seus corpos. Hayley se girou nos braços do Jace e elevou o olhar para ele. Seus olhos cinza prateado fulguravam com calidez, estavam líquidos pelas lágrimas não derramadas. Silenciosamente se liberou e derramou sabão em suas mãos. Lavou-o, adorando seu corpo com seu toque.

Seu mundo se reduziu a um cubículo rodeado de vidro e cheio com vapor, calor úmido e amor não expressado. Encontrou seu caminho em olhadas sinceras que não ocultavam nada, e toques que irradiavam um sentimento intenso e uma tenra paixão. Foi somente o esfriamento da água o que finalmente os fez sair rindo, enquanto escapavam da fria orvalhada.

Pulando como meninos despreocupados, secaram-se, vestiram-se e se arrumaram. Juntos prepararam o almoço e lavaram os pratos. Como não encontrou nenhuma outra razão para atrasar-se, especialmente já que eram quase duas da tarde, Hayley agarrou sua bolsa e suas chaves.

— Sabe como ir a Hibberd? — brincou Jace.

— Sim, senhor espertinho. Inclusive tenho um mapa. Está vendo? — Agitou-o sob seu nariz.

— Se me pedir isso de uma maneira verdadeiramente amável, te ensinarei a rota com a paisagem mais bonita.

— De acordo — disse ela. Hayley deu uma volta em torno dele, passando sua mão por seu peito, ao redor de seus ombros e sobre suas costas. Depois de colocar ambas as mãos sobre seus ombros, reclinou-se contra ele esfregando seus seios contra suas costas. Seus lábios jogaram sobre sua nuca e logo encontraram seu ouvido.

— É isto o bastante amável? — sussurrou ela antes de tomar o lóbulo de sua orelha em sua boca para mordiscá-lo e chupá-lo.

— Hum — grunhiu ele —. Isso é mais que amável, carinho. Se não parar, sua viagem vai se atrasar.

Hayley riu entre dentes, separou-se e lhe rodeou. Envolveu-lhe com seus braços e plantou



um suave beijo sobre seus lábios.

— Você o pediu, carinho — brincou ela e logo retrocedeu.

Jace tomou o mapa e o estendeu sobre a mesa.

— Aqui estou esperando que me dê tudo o que te peça — murmurou ele.

Hayley sorriu e se situou a seu lado. Jace lhe aconteceu um braço pela cintura enquanto assinalava sua rota favorita ao Hibberd.

— Se for por este caminho, há colinas, bosques e uma antiga ponte coberta.

— OH, eu adoro! São tão pitorescos.

— Te levarei ao festival da ponte este outono. Tenho a sensação de que realmente você gostará.

— Isso parece divertido.

— De acordo. Este é o plano — explicou Jace e a girou para olhá-la de frente —. Vou arrumar a fechadura de sua porta e me ocupar de alguma outra coisa. Faça o que tem que fazer e nos encontraremos aqui esta tarde. Há algumas coisas que preciso falar contigo — lhe disse com olhos solenes e sinceros —. É muito importante. Está bem?

Com um sorriso caprichoso em seu rosto, Hayley assentiu.

— É sério, Hayley.

— Não disse que não o era.

— Deixa de me sorrir assim.

— Por quê?

— Faz coisas divertidas em meu estômago.

Seu sorriso se ampliou.

— Agora sabe como me sinto.

—Faço voar mariposas em seu estômago? — perguntou-lhe com um sorriso agradado de menino.

— Sim — admitiu ela brandamente.

Jace a aproximou mais e a sustentou, balançando-se para frente e para trás. Suspirou.

— É bom sabê-lo, carinho. É muito bom sabê-lo.

Hayley se relaxou contra ele. Podia ouvir o sorriso na voz dele e fechou os olhos. Durante alguns compridos e silenciosos momentos permaneceram de pé juntos, deixando que a alegria os envolvesse em seu quente abraço.



Finalmente Jace a liberou. Beijou-a. Um beijo lento e aprazível, cheio de palavras e promessas não pronunciadas.

— Vá e tome cuidado, ouviu?

— Terei. Você também — brincou Hayley.

Vendo as faíscas em seus olhos, Jace deu-lhe um sorriso de escárnio.

— Isso o que quer dizer?

— Quer dizer que não te golpeie nenhuma parte importante de seu corpo enquanto estou fora.

— Muito divertido. Lembre-se que golpeei meu polegar com o martelo por tua culpa.

— Sei — o admitiu lhe dirigindo um sorriso de desculpas —. O sinto.

— Não, não o sente — a acusou ele.

Um pequeno sorriso curvou os lábios dela.

— Tem razão. Não o sinto. Senti-me adulada.

— Alegra-me que desfrutasse de minha dor.

— Ai, pobre nenê! Quando voltar pra casa lhe beijarei isso para que se cure.

— Bom — respondeu Jace com um olhar lascivo —. Essa é uma oferta realmente boa, mas meu polegar já está bom. Embora tenha algo mais que pode beijar.

Hayley sorriu e elevou uma sobrancelha burlosamente.

— Aposto que sim.

Ela se dirigiu para a porta de atrás, rindo enquanto saía.

— É isso um sim? — disse Jace a suas costas, enquanto a seguia até a parte dianteira.

— Até mais tarde — respondeu ela, entrou em seu carro e retrocedeu pelo caminho de entrada. Agitou a mão e partiu.

Jace sacudiu a cabeça. Sorrindo, murmurou para si mesmo:

— Amo a essa mulher.

Deteve-se bruscamente. Por alguma razão as palavras lhe produziram um choque. Tinha aceitado a ideia de que Hayley fosse sua companheira, inclusive havia dito ao Logan que a amava, mas esta era a primeira vez que sentia realmente o poder das palavras. Derreteram-se por todo seu ser e eletrificaram cada nervo, lhe banhando com entusiasmo. Amava-a. Sentiu que lhe faltava o fôlego. Viu-se assaltado por uma onda de maravilha e incerteza. Estava bastante seguro de que ela sentia o mesmo, mas só quando lhe dissesse as palavras seria capaz de deter as náuseas que



revolviam seu ventre.

Esperava a tarde que devia chegar, com antecipação e temor. Esta noite, sem importar as consequências, diria pra Hayley que era um homem lobo. O pensamento trouxe um estremecimento quase de pânico.

— Maldição! — resmungou —. Tenho que falar com o Logan.

\* \* \* \* \*

Hayley realizou a viagem a Hibberd sem incidentes. Jace tinha tido razão. A paisagem com o passar do caminho era formosa. Havia bosques e prados abertos, campos cultivados e várias granjas que obviamente pertenciam a família Amish. Enquanto estava no caminho tinham passado dois carros Amish, com os ocupantes vestidos com seus tradicionais negro, branco e cinza.

A cidade de Hibberd era extremamente maior que Whispering Springs. Por sorte, teve a precaução de pedir informações ao bibliotecário. Encontrou a biblioteca com poucos problemas e estacionou seu carro em um pequeno estacionamento, evitando em grande parte a fronteira com a rua principal com seu fluxo de tráfego mais pesado.

Guardou as chaves no bolso e agarrou a bolsa, sem incomodar-se em fechar o carro. Enquanto entrava na biblioteca não foi consciente do olhar hostil que a seguia.

— Pode acreditar na sorte que tivemos? Essa cadela presunçosa, aqui em Hibberd? E além disso totalmente sozinha. Esta vez não escapará.

— Não sei, Jim — disse seu amigo —. Sabe o que nos contou Harold. Estiveram nos procurando em Whispering Springs. Removeste um ninho de vespas ao se meter com ela e sua irmã no Morgan's. E esse noivo seu quase te apanhou na outra manhã.

— Pete tem razão — disse Randal, que era o terceiro homem no Morgan's aquela noite —. Se algo lhe acontecer, seguramente irão atrás de nós.

Jim, seu seu líder, olhou a seus colegas com desgosto.

— Covardes. Não há forma de que saibam que tivemos algo a ver com o que ocorra a ela.

— O que te faz pensar que não o contará?

— Quando tiver terminado com ela, não contará nada a ninguém. — Jim riu, com um som que gelava os ossos e que fez com que Pete e Randal se olhassem alarmados.



\* \* \* \* \*

Enquanto Hayley estava ocupada com sua pesquisa, Jace arrumou a fechadura de sua porta e logo chamou Logan para lhe pedir uma sessão de conselho cara a cara. Logan convidou ao Jace para comer. Quando chegou, ficou surpreso ao encontrar ali também Bryn.

Levou Logan à parte quando Bryn lhes precedeu para a cozinha.

— Acreditas que deveria estar aqui enquanto falamos?

Logan dirigiu a seu amigo um olhar tranquilizador.

— Acabo de ajustar contas com Bryn por ter segredos comigo. Não vou lhe dar as costas e fazer o mesmo. Além disso, Hayley é sua irmã, é mais provável que Bryn saiba como poderia reagir. Ao ter estado na mesma situação, provavelmente pode te dar alguns conselhos sobre como dizer-lhe. Estou convencido de que poderia ser de grande ajuda.

Jace assentiu pensativamente.

— Tem razão. Na realidade — acrescentou com um sorriso crescente —, não te necessito absolutamente. Parta, ok?

— Sim, já — grunhiu Logan —. Pensa que vou deixar sozinha a minha esposa com um homem de sua reputação?

— Não deixará a essa mulher divertir-se absolutamente, não é?

Os dois entraram na cozinha, ambos sorrindo.

— Se os dois deixaram de se fazerem de tolos, nos sentemos à mesa para comermos. Estou faminta — se queixou Bryn.

Com um indulgente sorriso, Logan retirou uma cadeira para ela.

— Sente-se aqui, coração. Será um prazer para nós te servir.

Bryn se sentou e suspirou com prazer.

— Assim está melhor.

Enquanto se preparou, comeu a comida e se recolheu tudo, discutiram a situação em que se encontrava Jace. Uma vez que lhe dissipou a comoção de saber que Jace tinha convertido acidentalmente a Hayley, Bryn pôde lhe dar alguns conselhos que ele poderia aproveitar.

Ao final tudo se reduziu a uns poucos e simples fatos.

— Jace, não importa como o diga, ao final vai ser um golpe. Para vós, meninos, o nascer dentro de uma manada e crescer com o conhecimento de quem e o que são, é apenas um fato da



vida. Mas para nós? Ai, Deus! — Bryn sacudiu a cabeça ante a lembrança —. É como caminhar até um lugar estranho onde a realidade ficou suspensa. Coisas que possivelmente pensou que não podiam existir, de repente são muito reais. Hayley sempre foi sensata, mas também é aventureira e imaginativa, mais do que eu nunca o fui. Acredito que aguentara bem o que lhe diga. Sinceramente, acredito que uma vez que a comoção desapareça lhe vai encantar poder transformar-se.

Jace assentiu e se levantou da cadeira.

— Obrigado. A ambos — acrescentou, concedendo igual reconhecimento aos dois —. Fostes uma grande ajuda. Ainda sinto como se tivesse uma pedra na boca do estômago, mas já não roda tanto.

Bryn lhe dirigiu um sorriso e lhe deu um generoso abraço.

— Estará bem. Simplesmente sei que o estará.

— Se eu posso fazê-lo você pode — esteve de acordo Logan —. Acredito que te treinei o suficientemente bem para que possa dirigir isto.

Jace pôs os olhos em branco.

— Como aguenta a este cão arrogante?

— Tem algumas qualidades que o redimem. Compensam seus defeitos — comentou Bryn dirigindo ao Logan um sorriso carinhoso que ele devolveu.

— Vejo que tenho que sair daqui antes que a coisa fique muito sentimental — comentou Jace e se dirigiu à porta —. Te ligarei mais tarde e te farei saber como foi. Quer dizer, se não estiver muito ocupado — disse sorrindo e meneando as sobrancelhas.

— Olhe quem chama a quem cão — se queixou Logan.

Jace riu e partiu com um estado de ânimo muito melhor que quando tinha chegado.

## Capítulo Nove

Com um suspiro de extrema satisfação Hayley fechou o caderno. Tinha aprofundado bastante em sua pesquisa e estava extremamente contente com os resultados. Recolheu suas coisas e o livro que tinha vindo pedir ao princípio e se dirigiu para a porta. Notou com certa surpresa que faltava pouco para o sol desaparecer pelo horizonte.



As três horas prévias tinham passado com uma velocidade que achou assombrosa.

— É uma pena que o tempo não passe assim rápido quando está fazendo algo que não desfruta — murmurou enquanto caminhava para o carro.

Depois de sentar-se atrás do volante arrancou o carro e olhou ao relógio do painel. Com uma hora de caminho pela frente, seriam quase as sete antes que chegasse em casa. Nesse momento soou seu telefone móvel.

— Diga?

— Olá preciosa. Onde está?

Hayley sorriu.

— Ainda estou em Hibberd. Sinto muito. Encontrei alguns livros geniais e perdi a noção do tempo. Sei que disse que nos veríamos esta noite. Vou me apressar.

— Não, não o fará. Tomará seu tempo e conduzirá com cuidado. O que te parece se pedirmos uma pizza do Antonias's e comermos isso em casa quando chegar?

— Hum, parece maravilhoso. Obrigado. É um amor.

— Nosso objetivo é te agradar, querida. Vejo-te em uma hora.

— Certo. Adeus.

Hayley pendurou com um quente sentimento em seu coração e um sorriso em seu rosto. Jace era um homem realmente doce e considerado. Havia muito mais nele do que sabia muita gente. Estava muito contente de estar entre os poucos aos que dava a oportunidade de conhecer o homem que estava escondido em seu interior, o homem que tinha começado a amar.

Arrancou o carro e se dirigiu pra casa. Conduzindo dentro do limite de velocidade, tinha percorrido mais ou menos três quartos da viagem sem incidentes quando o carro começou a falhar.

— OH não! O que está fazendo, nenê? — tornou-se a um lado da estrada enquanto perdia velocidade.

O carro foi diminuindo até parar de todo. Hayley tratou de arrancá-lo de novo, mas não havia nada mais que um estranho som de pigarro.

— Merda! — amaldiçoou furiosamente.

Alcançou seu telefone móvel e chamou o Jace.

— Olá — disse quando respondeu ele —. Meu carro parou. Não tenho nem ideia do que lhe passa. Não arranca.



— Onde está?

— Acabo de passar a granja grande que tem a veleta do cavalo sobre o celeiro.

— A casa do Dixon. Sei onde está. Estou a uns quinze minutos. Acabo de chegar, fui dar aos Buell um orçamento de uma ampliação em sua casa. Aguenta neném, o resgate está a caminho.

— Graças a Deus — suspirou, e logo se voltou ante o som de um carro que se aproximava —. Vem um carro. Estão parando. — Houve um silêncio momentâneo —. OH não, Jace, é aquele homem! Que entrou em minha casa.

— Filho da puta! — soprou ele —. Hayley, há uma grande zona de bosque à direita. Corre, neném. Oculta-se no bosque. Já vou. Ouve-me, Hayley? Corre!

Hayley ficou congelada por um momento, com o olhar cravado no homem que tinha prometido fazê-la pagar por lhe humilhar. Considerou a possibilidade de enfrentar a ele até que seus dois amigos saíram do carro. Uma câibra de puro terror atendeu seu estômago. Um rápido exame das probabilidades foi tudo o que necessitou. Correu.

Detrás dela escutou o som dos gritos. As maldições que lhe ordenavam que se parasse não fizeram nada exceto animá-la a correr mais rápido. Chegou ao bosque e começou a escapulir-se entre as árvores. Como tinha conseguido levar seu celular, Hayley lutou por marcar o 911. Um único pensamento se repetia continuamente em sua mente. Não havia forma de que permitisse que Jace enfrentasse sozinho a estes três homens. Temerosa de parar, temerosa inclusive de reduzir a velocidade, sua atenção dividida lhe custou caro. Tropeçou em um ramo baixo de uma árvore.

Hayley cambaleou e então não conseguiu manter-se em pé. Quando as mãos se esticaram para agarrar-se a um ramo de árvore próxima, o celular se foi voando entre o espesso matagal. Tremula, assustada e zangada, seguiu agarrada ao ramo até que seus joelhos recuperaram as forças. Estava tratando de decidir se procurava o telefone quando um som próximo captou sua atenção. Com um grunhido de frustração correu. Seu voo, incentivado pelo pânico, levou-a mais e mais dentro do bosque. Correu até que uma pontada no flanco fez que baixasse a velocidade e parasse. Agachou-se e tratou de conter a respiração, tão silenciosa como lhe era possível.

Na distância ouviu o som de vozes elevadas. Quase parecia como se os homens estivessem discutindo entre eles. Não sabia por que e não lhe importava. Dava-lhe mais tempo. Tempo para descansar, tempo para que Jace chegasse ali. As vozes se fizeram mais fracas até que se sossegaram. Um silêncio detestável. Hayley tremeu, esmagando a repentina necessidade de





correr, de ir-se tão rápido e tão longe quanto pudesse.

Seu corpo começou a estremecer-se. Ao princípio pôde convencer-se de que era a comoção, até que os músculos e os ossos começaram a esticar-se de uma forma que era estranha e lhe atemorizaram. Tampando a boca com uma mão, jogou-se completamente sobre a terra e jazeu de flanco, aguentando a dor, balançando-se para frente e para trás, sua mente era um labirinto de medo e confusão.

Algo se movia dentro dela, algo estava surgindo à vida, lutando por liberar-se. Em sua cabeça estavam formando pensamentos e imagens desconhecidas. Seus sentidos estavam repentinamente abertos, como se tivessem liberado de uma capa amortizadora. O aroma da terra, da grama e das folhas chegavam as suas fossas nasais. Um esquilo tinha passado recentemente sobre esta terra e o pensamento lhe produziu desejo. Desejo de perseguir, de jogar, de caçar.

Um resplendor novo de dor ardeu nela toda e gemeu, incapaz de impedir que o som abandonasse sua garganta tensa. Com a dor chegou uma determinação obstinada. Não seria conquistada. Era selvagem e livre. Este era seu lugar, seu território, e ninguém a humilharia. Lentamente a dor começou a cessar.

Enquanto seus ouvidos se esforçavam por captar qualquer som, deu-se conta do que era ser a presa, e sua psique se rebelou ante esse pensamento. Sem sabê-lo, seus olhos começaram a brilhar. Isto estava errado! Isto estava muito errado! Ela era a caçadora, a predadora. Por que estava correndo? Respirou profundamente, fazendo a um lado a dor, e rodou sobre suas mãos e joelhos. Então ficou gelada.

— Pensou que podia te esconder de mim, não é?

Seu inimigo saiu de atrás do tronco de um velho carvalho. Hayley se esticou.

— Te disse que ia fazê-la pagar, cadela. Fica de quatro. Vai me dar o que me deve.

Com cautela observou como se aproximava, com suas mãos trabalhando para abrir a fivela do cinto. Hayley sentiu que em seu peito se formava um grunhido. Brandamente deu asas ao som, e seus lábios se retraíram para mostrar uma carreira de dentes brancos. Quando ele abriu o botão superior de seu imundo jeans, ela saltou. Tomado por surpresa, caiu sob seu ataque. Mordendo, arranhando e chutando, Hayley infligiu instintivamente tanto dano como pôde.

O homem estava gritando, rodando sobre o chão, lutando por agarrar alguma parte do torvelinho de fúria que o estava rasgando literalmente. Conseguiu dobrar sua perna e chutar, acertando Hayley no estômago. Com um uivo gerado pelo fôlego que lhe escapava, enviou-a



voando e aterrissou com um golpe sólido contra um tronco de árvore próxima. Atordoada, jazeu ali, ofegando em busca de fôlego.

Recuperando primeiro o fôlego, o homem lutou por ficar em pé. Colocou a mão na parte de atrás da cós de seu jeans e tirou uma pistola. Cheio de arranhões e sangrando, apontou a arma para ela.

— É uma cadela louca. Eu vou sair daqui como sou. Mas você não.

Justo quando apertava o gatilho, uma sombra enorme saltou entre eles. O lobo negro cravou seus dentes no braço do homem, fazendo ranger os ossos em suas poderosas mandíbulas. O homem uivou e de novo foi jogado ao chão. A arma caiu de seus dedos sem nervos enquanto golpeava com uma força que o fez voar contra um tronco cansado. Sua cabeça se derrubou para trás, impactando com o vulto sólido do tronco da árvore. Bruscamente, seus gritos cessaram quando bateu e ficou inconsciente.

Toda uma vida passou em meros segundos enquanto Hayley olhava fixamente cheia de comoção e surpresa. O lobo negro voltou seu olhar para ela e ela ofegou. O azul esverdeado de seus olhos flamejou. Hayley reconheceu ao homem do interior.

— Jace — sussurrou ela.

O ar se fez impreciso ao redor dele. Hayley foi assaltada por um golpe de vertigem enquanto se levava a cabo uma transformação que era incompreensível para o olho humano. Onde tinha estado o lobo estava agachado Jace. Seu magnífico corpo estava nu. Ficou em pé totalmente inconsciente de si mesmo. Assegurou-se que a pistola estivesse fora do alcance de seu atacante, se por acaso recuperasse a consciência e se moveu rapidamente a seu lado.

— Hayley — disse ele com a voz rouca de emoção —. Está bem? — Ele estendeu a mão e lhe tocou o rosto com cuidado.

— É um lobo — respondeu ela. Ainda aturdida, as palavras saíram ofegantes.

Jace lhe dirigiu um sorriso vacilante.

— O termo apropriado é homem lobo, mas sim, posso me converter em lobo. Ele vive em mim.

Antes que pudesse replicar a percorreu uma rápida chicotada de dor. Hayley se dobrou quando a mudança insistente de músculos e ossos a sacudiu de novo. Jace lhe deslizou um braço pelos ombros. Falava brandamente. Ela se esforçou por lhe ouvir, por lhe entender, mas as palavras lhe pareciam quase alheias.



Quando por fim a dor retrocedeu o suficiente para lhe permitir pensar, olhou-lhe com a suspeita e a acusação claramente escritas em seu olhar.

— O que está acontecendo comigo?

Apagado, Jace a olhou aos olhos.

— É a mudança, Hayley.

— Que mudança? — Sua voz se elevou pelo pânico.

— Tem que te acalmar, doçura. Por isso dói. Precisa te relaxar. Não lute.

Ofegando, Hayley lhe grunhiu.

— Não está respondendo a minha pergunta. Que mudança?

— Está se convertendo em uma mulher loba. Como eu — admitiu-o.

Hayley estava sacudindo a cabeça para negá-lo.

— Sinto muito, neném. Sinto-o tanto. Foi um acidente. Nunca te teria feito isto sem sua permissão. Isto é parte do que estive querendo te dizer. Sobre mim, sobre este outro lado de mim.

A incredulidade, a comoção, o medo e a raiva repentina, percorreram-na grosseiramente. Sua mente pareceu fragmentar-se, seus pensamentos mesclar-se. Alguns eram claros, outros desconhecidos, primitivos e incompreensíveis. Antes que pudesse encontrar sentido a tudo isso e falar, chegou Bryn com um lobo a seu lado.

Bryn se ajoelhou ao lado de Hayley.

— Está bem? Hayley, me olhe — ordenou ela.

Hayley elevou a vista ante a ordem na voz de Bryn.

— Tudo está bem, irmãzinha. Tudo vai estar bem.

— Sabe disto? — sussurrou Hayley.

Bryn assentiu. Ela atraiu o olhar de Hayley ao lobo.

— Esse é Logan.

— OH, Bryn! — estremeceu-se Hayley —. Não posso acreditar nisto. Não sei o que dizer, o que sentir, o que fazer. Dói, dói tanto.

— Tem que deixar que Jace te ajude — lhe disse Bryn firmemente.

— Não! Não lhe quero. Ele me fez isto. Faça com que vá embora!

Um silêncio atônito encheu pequena clareira.

Tranquilamente, Bryn rompeu o silêncio.

— Jace, Logan. Nos dariam um pouco de intimidade? E leve isso com vocês, por favor —



acrescentou assinalando ao homem que permanecia imóvel e silencioso no chão.

Logan se transformou. Ele e Jace puseram em pé ao homem e o apartaram lhe arrastando.

Bryn se voltou de novo para Hayley.

— Menti-te alguma vez?

— Não — admitiu Hayley com uma voz tremente.

— Então me escute. Quero que se sente e te relaxe. Respira lenta e profundamente. —

Quande Hayley fez o que lhe tinha pedido, Bryn continuou —. Foi-te dado um dom, Hayley. —

Ante o olhar de incredulidade de Hayley, Bryn sorriu—. OH, sei! Agora não pensa isso. Mas com o tempo o fará, me acredite. Não é como nos filmes. Não te converte em uma criatura irracional e assassina com a saída da lua. Controla a mudança. — Bryn utilizou sua voz para aplacar e acalmar —. Em qualquer momento que queira pode te converter em lobo. Não se parece com nada que possa experimentar jamais. Correr tão rapidamente que sente como se pudesse voar. Seus sentidos estão vivos. O mesmo ar guarda segredos, mas todos serão teus só inspirando profundamente.

— Como? — sussurrou Hayley, estremecendo-se, quando de novo seu corpo procurava converter-se naquilo para o que não tinha nascido.

— Antes de tudo — sorriu Bryn —. Tem que tirar a roupa.

— Genial — respondeu Hayley e o sorriso de Bryn se ampliou.

Ajudou Hayley a ficar em pé e a tirar a roupa.

— Agora me olhe nos olhos.

— Falas como um vampiro. Não vais morder-me, verdade?

— Anda, isso é exatamente o que disse ao Logan! E não, não vou morder-te. Agora faça-o.

Esforçando-se em deixar de lado seu medo, Hayley respirou profundamente. Dois pares de olhos cinzas chapeados se encontraram. Quase imediatamente, Hayley sentiu que seu pânico retrocedia. Seu corpo abandonou os remanescentes da dor, alagando-a com um sentimento de paz e bem-estar. Muito profundamente, viu o lobo nos olhos de sua irmã. Devolveu-lhe o olhar, reclamando-a, lhe dando as boas-vindas, convidando-a a unir-se na graça e no mistério de seu ser.

A calidez a envolveu. O calor reinou sobre seu corpo e Hayley se estremeceu de prazer ante as sensações fundidas que fluíam sobre ela. Sacudiu-se e logo se congelou pela emoção. Em lugar de estar cara a cara com Bryn, agora tinha os olhos ao nível das coxas de Bryn. Assustou-se, retrocedeu enquanto elevava o olhar e logo se sentou bruscamente.



Bryn baixou o olhar para ela com um sorriso.

— É uma formosa loba, Irmã minha. Vamos nos divertir muito correndo juntas. Acredito que é hora de que mostremos ao Jace e ao Logan seu novo eu.

Ante a menção do nome do Jace, um labirinto de emoções a assaltaram. Saudade, confusão, necessidade, cólera — se mesclaram e confundiram em um amontoado incompreensível. Ouviu que Bryn os chamava e viu aparecer aos dois homens. Seu olhar se cravou diretamente no Jace e atacou.

Aqui estava o autor de sua dor, falou o lobo, mas sua humanidade lhe recordou o amor que sentia. Sua pata dianteira acertou o peito do Jace, lhe atirando ao chão. Aterrissou com um ruído surdo sobre suas costas e ela se elevou sobre ele, com as mandíbulas a uns centímetros de sua garganta.

Tanto Bryn como Logan gritaram:

— Não!

Avançando e retrocedendo, as metades humana e lobuna de Hayley discutiram em seu interior. Pensamentos de amor, traição, gratidão, dor, saudade de seu toque e necessidade de devolver dor por dor percorreram sua mente enquanto olhava para baixo, ao homem a sua mercê. Com os dentes descobertos lhe grunhiu como advertência, lhe desafiando a mover-se.

— Hayley, neném, sinto-o tanto. Nunca quis te fazer mal. Eu... — Jace tragou saliva fortemente —. Sei que não tenho nenhum direito a te dizer isto agora, mas... Eu te amo.

A loba se congelou. Lentamente se relaxou, permitindo que diminuíssem os grunhidos. Retrocedeu um passo, logo outro, enquanto olhava como uma lágrima cristalina se deslizava da extremidade do olho do Jace. O horror por suas próprias ações a enrolou como uma onda. Elevou seu focinho ao céu e uivou sua pena e vergonha. Depois de jogar um olhar em sua direção, girou-se e correu.

— Hayley! — gritou Bryn.

— Vá atrás dela, Bryn — ordenou Logan brandamente —. Leve-a para casa. Jace e eu arrumaremos toda esta confusão.

Bryn lançou um olhar preocupado na direção do Jace. Sentou-se, mas permanecia no chão, com seu olhar enfocado no ponto onde Hayley tinha desaparecido. Tinha a expressão em branco, seus olhos mostravam uma resignação triste e cansada.

— Fala com ele, Logan. Isto não pode terminar assim. Temos que arrumá-lo — insistiu Bryn,



com uma voz em que havia algo semelhante ao pânico.

Logan a envolveu em seus braços.

— Sei, coração, sei. O primeiro é o primeiro. Vá atrás de Hayley. Cuide dela. Eu me ocuparei do Jace. Tudo estará bem.

— Espero que tenha razão — replicou Bryn fervorosamente. Rapidamente se desfez de suas roupas e as estendeu ao Logan —. Verei-te em casa.

— Tome cuidado — insistiu Logan lhe dando um beijo ardente —. Amo-te.

— Eu também te amo — respondeu Bryn com um sorriso e uns olhos nublados. Transformou-se e seguiu o aroma de Hayley no bosque.

Logan se moveu para ficar perto do Jace. Sem elevar o olhar Jace murmurou:

— Terminou.

— Não terá terminado até que esteja morto — replicou Logan sem rodeios, atraindo o olhar do Jace para ele —. Parece-me que está muito vivo. Vamos, irmão lobo — estendeu a mão para Jace. Jace agarrou sua mão e permitiu que Logan lhe ajudasse a ficar em pé —. Aqui aconteceram muitas coisas em um período muito breve de tempo — lhe disse Logan —. Hayley foi assaltada e enfrentada a uma informação que era mais que brandamente assustadora. Vai necessitar um pouco de tempo. Dê-lhe esse tempo, Jace.

Jace assentiu, sem dizer nada, mas bem em seu interior se sentia perdido. O primeiro ato de Hayley como uma loba foi lhe atacar. Poderia ter expressado mais claramente seus sentimentos? Fechou os olhos e elevou uma mão a sua testa como se tratasse de apagar fisicamente a lembrança. E esse olhar em seus olhos antes de escapar. A dor que a tinha causado. Como poderia chegar a lhe perdoar?

— Logan, como pude foder tudo de tal maneira? Deveria ter-lhe dito essa primeira noite em que percebi sua mudança. Se não tivesse sido tão covarde...

— Bom, pode deixar essa merda agora mesmo. Não é um covarde, Jace McKenna. Só porque queria estar seguro dos sentimentos de Hayley? Quanto tempo passou? Uns poucos dias? Vamos, sejamos realistas. Se for nisto no que está apoiando sua ideia de covardia, não tem onde te agarrar. Agora deixa de sentir pena por ti mesmo e me ajude com este bastardo.

Os olhos do Jace tomaram um brilho feroz quando sua atenção recaiu no atacante de Hayley. O homem inconsciente grunhiu e começou a mover-se.

— Por que não vai por nossas roupas e eu levo a este tipo a minha caminhonete?



Logan jogou um olhar a cara de Jace.

— Acredito que não. Você vai colocar as roupas. Eu o levo. E ele vai comigo ao escritório do xerife.

— Parece como se não confiasse em mim.

— Digamos desta forma. Se este tipo tivesse atacado a Bryn, eu não confiaria em mim mesmo. Se esse tivesse sido o caso, você confiaria em mim para estar a sós com ele?

Jace olhou ao Logan por um momento.

— Irei por nossas roupas.

— Bom menino.

Jace permaneceu em forma humana até que esteve fora da vista, e logo se transformou. Logan arrastou ao descarado até pô-lo em pé.

— Não tem nem ideia de quão afortunado é neste momento — grunhiu —. Vamos. Tem uma entrevista com o xerife.

Logan levou o homem desalinhado e submetido pelo caminho.

\* \* \* \* \*

Hayley permanecia com o olhar fixo no lago koi, observando aos peixes realizarem suas voltas preguiçosas, mas cheias de graça. Seus pensamentos se moviam em círculos lentos que emulavam seus movimentos. Enquanto eles pareciam contentes com os giros, Hayley estava perdida. Tinha transcorrido uma semana desde que a atacaram. Bryn e Logan tinham insistido em que permanecesse com eles durante um tempo. Seu testemunho, junto com o dos dois amigos dele, mantinha seu assaltante esfriando-se no cárcere. Estava esperando o julgamento pelos crimes de assalto e tentativa de homicídio.

Os pensamentos sobre seu atacante, e a participação que tinha tido no incidente ocorrido no bosque, eram mínimos. O que mais capturava sua atenção era Jace. Onde estava, como estava, o muito que queria lhe ver. Mas não se atrevia. Não depois do que lhe tinha feito, o que havia sentido. Hayley sentia medo. Vergonha pela forma em que quase lhe tinha ferido. Não havia nada mais que pudesse fazer, exceto permanecer afastada.

De vez em quando seus pensamentos se transformavam em um barulho confuso. Despertava gritando, incapaz de achar sentido no labirinto de turvas emoções. Qualquer paz que



conseguia era duramente ganha, mas mesmo assim inadequada. A felicidade parecia uma coisa do passado, uma emoção que nunca voltaria. Lançou um suspiro e girou a cabeça para ver Bryn e Logan, que se aproximavam pela grama. Moveu-se para lhes dar lugar no banco de pedra.

— Pelo aspecto de suas caras, vejo que pensam que chegou a hora do bate-papo. Para o que vai servir, podem economizar o fôlego — lhes disse sem elevar a vista.

— Não seja tão sabichona — replicou Bryn com um pouco de aspereza. Ajoelhou-se sobre a grama aos pés de Hayley.

Logan se sentou no banco a seu lado.

— Não lhe deste voltas já muito tempo?

— Acredito que não — replicou Hayley com um tom de desgosto em sua voz.

— Uma pena — respondeu Bryn —. É hora de falar.

— Bryn — começou Hayley.

— Não, não quero ouvir nenhuma desculpa. Quero saber como se sente. O que está passando por sua cabeça? Decidiste que não ama Jace?

— Sim. Não! OH, não sei! — respondeu Hayley violentamente —. Viu o que fiz. Ataquei-lhe. O que significa isso? Se verdadeiramente lhe amasse, como poderia ter feito isso?

— Espera um minuto. É isso o que tem chateado você? — perguntou Logan.

— Bom, é obvio que sim!

Bryn e Logan olharam um para o outro.

— Pensávamos que era tudo isso de “ser um lobo”.

Hayley franziu o cenho.

— Embora admita que me esteja custando um pouco me acostumar, não o vejo como um verdadeiro problema. Se Bryn pode dirigi-lo, eu também poderei.

— Bom, obrigado — replicou Bryn sarcasticamente.

Hayley sorriu pela primeira vez em dias.

— Então não está zangada com o Jace?

— Não.

Logan se esfregou a testa.

— Certo, ponhamos aqui um pouco de lógica. Hayley, o que sentia quando atacou ao Jace?

— Dor, cólera, gratidão, amor. Não sei. Estava tudo misturado! — chorou.

— Acalme-se — a insistiu Logan, e lhe colocou um braço pelos ombros. Bryn estendeu as





mãos e cobriu as de Hayley com as suas.

— Da forma em que eu o vejo, havia dois homens nessa clareira. Poderia ser que algumas das emoções estivessem dirigidas a um e outras ao outro? Embora mantenhamos a posse de nossas faculdades quando nos transformamos, o lobo tem certa influência — explicou Logan —. Tinha sido ferida. Temia que esse Jim te atacasse. A gratidão que sentia podia ter estado dirigida ao Jace pelo resgate. E, com um pouco de sorte, o amor.

Hayley lhe olhou com a esperança alvorecendo em seus olhos.

— Os lobos são criaturas inteligentes, mas é possível que, com tantas coisas acontecendo tão rápido, tudo se voltasse confuso. Um animal confuso frequentemente se comporta com agressividade. E Hayley, não fez um verdadeiro mal a Jace. Deu-lhe uma patada no traseiro, certo. Mas vamos, quem disse que não merecesse que lhe desse uma. Depois de tudo, trocou-te sem sua permissão.

— Logan! — Tanto Hayley como Bryn protestaram por sua última frase.

— Isso foi um acidente — defendeu Hayley.

Logan riu em silêncio.

— Não acreditas que deveria lhe dizer tudo isto? Vá e tire o homem de sua miséria. E falo a sério de miséria. Cade e eu estamos ficando sem corda. Jace está falando de deixar a cidade. Na verdade, mencionou algo sobre partir esta tarde.

— O que? — gritou Hayley —. Esse idiota — sussurrou enquanto as lágrimas enchiam seus olhos —. Não lhe odeio, lhe amo.

Bryn apertou suas mãos.

— Vá. Agora. Diga-lhe.

Hayley abraçou primeiro Bryn e depois o Logan.

— Irei. Obrigado, aos dois.

Hayley se foi correndo. Bryn olhou ao Logan com um cenho de suspeita.

— Realmente disse que sairia da cidade?

Logan a olhou com os olhos muito abertos e assentiu.

— Mencionou-o. É obvio que só era por um trabalho. Vai voltar em um par de dias.

A boca de Bryn se abriu pela comoção e logo um sorriso cobriu seu rosto.

— É diabólico.

— Não sou o Enlace da Manada por acaso. Tenho uma certa experiência em manipulação —



confessou Logan com um sorriso.

— Hum, me considerarei advertida.

— Eu usaria a manipulação contigo? — perguntou Logan inocentemente —. E por certo, disse-te quão bonita está hoje? — Seus olhos adquiriram um suave brilho dourado.

— Logan. Eu te disse que quero ir em Hibberd. Ali há uma loja que vende móveis para bebê.

— Bryn se levantou e começou a andar para a casa.

— Sei, coração. Estou perfeitamente disposto a ir. Só pensava que podíamos atrasar a viagem uma hora ou algo assim. — Logan seguiu seus passos deliberadamente.

Bryn aumentou sua velocidade para a casa.

— Não sei. Sua hora tem tendência a converter-se em horas, plural.

— Mas neném, sabe que não posso evitá-lo. Uma vez que te tenho em meus braços, você é tudo no que posso pensar. — Logan alargou seus passos.

— Bobagens — lhe acusou Bryn e saiu correndo.

Logan a apanhou facilmente e a elevou nos braços.

— Não são bobagens, meu amor. É toda a verdade e nada mais que a verdade. — O beijo que deu foi comprido, profundo e cheio de paixão.

Bryn se separou ofegando em busca de ar, seus olhos eram dois lagos de prata fundida.

— Suponho que podemos ir em Hibberd amanhã — concedeu ela com graça.

— Pode apostar a que sim — esteve de acordo Logan e a levou para dentro da casa.

— Mas amanhã vamos.

— Certamente.

— Logan, digo-o a sério.

— Sei.

— Merda.

— Vamos, Bryn...

## Capítulo Dez

— Então o que vais fazer? — Cade fez a pergunta enquanto davam um passeio pelos terrenos que rodeavam a casa do Jace nos bosques.



Jace sacudiu a cabeça com agitação.

— Logan me disse que lhe desse tempo. Mas já faz uma semana e está me matando. Tenho que me ocupar do trabalho do Williams; ia passar isso pra você, mas necessito a distração. Quando voltar vou tratar de vê-la. Não posso suportar mais esta situação.

— Posso entender como se sente — se compadeceu Cade.

— A puta de ferro?

— Sim.

Terminaram seu passeio diante da casa do Jace e ambos se sentaram na beirada do alpendre.

— Nunca me disse o que aconteceu. Assumo que esta mulher era importante para ti?

— Suponho que poderia dizer isso.

— Bom, disse que a amava.

— Amei-a uma vez. Faz muito tempo — replicou Cade —. Algumas vezes as coisas não funcionam da forma em que esperamos que o façam. Não tenho nenhuma esperança de que mude esta situação.

Jace suspirou.

— Maldição! O que ocorre com as mulheres? Seguro que podem virar um homem ao avesso.

Cade deu um bufo e riu brandamente.

— Não é mais que a verdade.

Nesse momento fez sua aparição um carro, seguindo lentamente o comprido e retorcido caminho. Contemplaram silenciosos como se detinha um BMW esportivo negro. A porta se abriu e saiu uma mulher. Jace ouviu como Cade inspirava profundamente e sentiu como a tensão enchia a seu beta.

A mulher era de altura mediana, com um cabelo escuro comprido e ondulado, que flutuava livremente sobre seus ombros e caía por suas costas. Inclusive desde essa distancia Jace podia ver o brilho safira em seus olhos. Vestia um conservador traje negro de jaqueta e saia a jogo, que acentuava suas generosas curvas. Caminhou para eles sobre uns sapatos negros de salto.

— Conhece-a? — perguntou Jace enquanto ela se aproximava.

— Sim — respondeu Cade com sua voz cuidadosa e controlada —. Essa é a puta de ferro.

— Uau! — comentou Jace —, me parece bastante suave.

Cade lhe dirigiu um olhar repressor e se elevou para saudá-la.



— Delilah Christensen em carne e osso — disse arrastando as palavras —. O que está fazendo você no Los Pinheiros, querida?

— Sabe por que estou aqui, Cade — replicou ela com uma voz suave e cultivada —. É meu companheiro.

— Vá para casa, Del. Não mudou nada. Não vou deixar que seu pai me esmague sob seu dedo. Rechacei essa... hum... oportunidade faz quatro anos — respondeu Cade. Sua voz estava cheia de sarcasmo —. Não vou sucumbir agora.

— Sei que não o vais fazer. Mas está equivocado em que nada trocou. Quero estar contigo. Houve um momento de silêncio.

— Muito tarde carinho, mas obrigado pelo oferecimento. Por certo, este é meu alfa, Jace McKenna. Jace, Delilah Christensen — disse ele para lhes apresentar —. Jace, as coisas vão se resolver entre a Hayley e você. Alguns estão destinados a estar juntos. — voltou-se para Del —. Enquanto outros não. Até mais tarde, Jace.

Sem um olhar para trás, Cade entrou em seu Corvette e se afastou.

Jace e Delilah o viram ir embora. Ela começou a dar leves golpes com o pé e logo murmurou:

— Se pensa que vai escapar tão facilmente, já pode ir trocando de ideia. — voltou-se para o Jace —. Encantada de lhe conhecer, Sr. McKenna. Estou segura de que vamos nos ver frequentemente. Comprei uma casa em Whispering Springs. Não importa o que diga Cade, vou ficar.

Jace sorriu.

— Bom, suponho que isso são boas notícias. Mas parece como se tivesse pela frente uma grande provocação.

Do lhe devolveu o sorriso.

— Não é que não soubesse. O que se diz? Que terá que esforçar-se por algo que valha a pena? — Ela suspirou —. Estou preparada para um trabalho duro. Bom, que passe um bom dia, Sr. McKenna — disse e se dirigiu para seu carro.

— Me chame Jace — lhe disse ele.

Ela se sentou atrás do volante e baixou o vidro.

— Obrigado, Jace. Sou Del. — Agitou a mão como despedida e partiu, seguindo a retirada do Cade.

— Bom, não é maravilhoso? — murmurou e se voltou para entrar na casa.



Poucos minutos mais tarde, um carro entrou a toda velocidade pelo caminho. Deteve-se com um chiado diante da casa em meio de uma nuvem de pó.

— Que porra? — murmurou Jace e foi para a porta principal.

Justo quando a abria apareceu Hayley e, sem esperar a ser convidada, cruzou a seu lado com passo irado e entrou na casa. Ficou olhando fixamente a mala que esperava ao final da escada.

— É certo. Vai-se. Como é capaz? — acusou-lhe com seus olhos chapeados flamejando pela ira.

— Hayley, eu...

Ela elevou a mão.

— Não quero ouvi-lo, Jace McKenna. Não posso acreditar que te escape sem mais. Pensei que lutaria por mim. Disse que me amava. Dizia-o a sério ou era uma mentira? — Hayley lhe olhou enquanto o fogo e a cólera enchiam seus tormentosos olhos.

— Nunca te menti. Admito que deveria ter lhe contado antes tudo sobre mim, mas não te menti em nada. Amo-te, maldita seja!

Hayley lhe dirigiu um olhar arrogante e entrou na sala de estar. Diante da chaminé começou a desabotoar a camisa.

— Prove — desafiou.

Jace a seguiu e lhe disse com uma voz áspera e rouca:

— Carinho, recorda o que disse sobre tentar a um lobo?

Ela se tirou a camisa com um encolhimento de ombros e a deixou cair ao chão.

— Recordo-o. Disse que era um jogo perigoso. Não estou jogando.

Ela desabotoou os jeans e baixou o zíper. Com um meneio sensual os fez descer pelos quadris e deslizar-se pelas pernas. Sem incomodar-se com os botões, Jace abriu de um puxão sua camisa. Os olhos de Hayley adquiriram um brilho prateado e selvagem e lhe dirigiu um sorriso carregado de convite carnal enquanto saía dos jeans.

Jace a imitou e se livrou não só dos jeans, mas também das cueca. Seu membro estava completamente erguido, ardente, inchado e preparado. Hayley deixou vagar o olhar por seu corpo musculoso e brunido. Levando as mãos às costas, desabotoou-se o sutiã e lhe fez deslizar-se pelos braços. Deu uns poucos passos para ele com um rebolado sensual. Depois de arrastar os dedos pelo corpo dele, rodeou-o.

— Meu companheiro — murmurou ela com uma voz sensual e gutural.



Afastando-se dele, colocou-se sensualmente sobre suas mãos e seus joelhos sobre o tapete diante da chaminé. Voltando a vista para ele lhe convidou:

— Me monte.

Jace jogou a cabeça para trás e uivou. O som era profundo, rouco, cru e cheio de fome. Hayley teve uma dúvida momentânea, até que a percorreram uns desejos e necessidades primitivos e antigos. Impulsos velhos como o tempo tomaram o controle antes de poder mover-se, dando a oportunidade ao Jace de colocar-se sobre ela, com o corpo cobrindo o seu. Sem o menor esforço lhe rasgou as calcinhas.

— Abaixo — ordenou.

Ela obedeceu com um grunhido rouco e feminino, cruzando os antebraços enquanto se apoiava sobre os cotovelos. Apresentou-se com impaciência ante ele, aberta e esperando ser fodida. Em vez do membro, recebeu uma língua impaciente. Hayley gritou e se estremeceu sob o ataque de sua degustação. Tudo o que recebeu foram uns poucos golpes de sua língua antes que Jace se retirasse.

Gemeu de frustração, mas obedeceu quando a impulsionou a separar ainda mais suas coxas. Ao notar os movimentos dele esperou sentir seu membro, mas ficou de novo surpreendida quando lhe envolveu as coxas com seus braços. Hayley se elevou sobre os cotovelos e olhou para baixo, para encontrar ao Jace sobre suas costas e embaixo dela. Colocou-se com seu rosto na união de suas coxas.

— Jace? — perguntou ela.

— Mel doce e cálido. Alimente-me — grunhiu.

— OH, Deus! — gemeu Hayley e se desceu para ele.

Seus lábios e sua língua se cravaram ansiosamente nela, separando as pétalas inchadas de seu sexo. O movimento sinuoso de sua língua deixou Hayley louca de necessidade. Ela saltou sobre ele, mas Jace a controlou facilmente, mantendo-a exatamente onde a queria. Tinha prometido ter um banquete entre suas coxas e um banquete se deu.

Sua língua se deslizou sobre seus clitoris palpitante, brincando, logo umedecendo-o ritmicamente, até que ela esteve gritando e retorcendo-se sobre ele. Ao sentir que o orgasmo dela se aproximava trocou de tática e inundou profundamente sua língua, brocando seu canal úmido e palpitante enquanto se tragava a nata que dava a boa-vinda a suas manobras sensuais.

Hayley estava perdida, atordoada por suas ações. Apertava-se inconscientemente os peitos,



massageando os seios cheios e carnudos enquanto seus quadris se ondulavam agarradas por Jace. A boca e a língua dele se dedicaram a um jogo maravilhoso até que, fechando-se sobre seus clitóris com verdadeira intenção, chupou-o entre seus lábios.

Seu orgasmo estalou de maneira selvagem. Chorou e caiu para frente enquanto seu corpo se sacudia e se estremecia sob o ataque de sensações. Jace a liberou e saiu de debaixo dela. Elevou-se e cobriu o corpo feminino com o próprio, montando-a. Seu grosso pênis se deslizou profundamente dentro de seu canal ainda trêmulo. Hayley ofegou e gemeu ante sua entrada, incapaz de fazer nada mais que permitir que as furiosas ondas de prazer a percorressem.

Jace começou lentamente a bombear dentro e fora. A pressão convulsiva da vagina úmida e quente de Hayley lhe espremia. Grunhiu e continuou empurrando contra a pressão dos músculos que lhe massageavam e lhe incentivavam a gozar. Decidido a desafiar os cantos de sereia de seu corpo, não estava preparado nem disposto a deixar escapar tão rapidamente tal êxtase.

Montou seu corpo, abraçou-a, cobriu-a.

— Minha mulher, minha companheira, minha — grunhiu contra seu ombro e a mordeu, sujeitando-a para dominá-la.

O gosto forte e salgado de sua pele se tingiu com o sabor acobreado do sangue que enchia sua boca. Jace grunhiu de novo enquanto uma vermelha neblina nublava sua visão. Hayley corcoveava baixo ele. Sua luta e seus gritos de paixão lhe inflamavam. Seus quadris se moveram para frente e para atrás, os músculos de seu ânus se apertavam com cada movimento. Seu pênis se impulsionou dentro e fora, cheio e profundo, uma e outra vez até que só houve carne, calor, suor e prazer.

A fodeu cegamente, procurando o orgasmo dela, necessitando seu clímax com um desejo tão forte que era impossível de ignorar. Rodeou-a com um braço e seus dedos encontraram seu sexo. Depois de separar os suaves lábios inchados, as pontas dos dedos acharam seus clitóris. Colocou a gema de um contra a dura protuberância e começou um movimento rápido e vibrante. O gemido do orgasmo de Hayley arrancou de seu peito um grunhido agitado.

Um estremecimento crescente se deslizou por toda sua espinha dorsal. Suas bolas carregadas de semente se prepararam. Golpearam dura e plenamente contra o monte acolchoado de seu sexo. Esses choques pequenos e eletrizantes simplesmente se juntaram ao seu prazer. Um prazer que finalmente foi muito grande para negá-lo. Em uma onda, seu sêmen percorreu apressado a longitude de seu pênis e explodiu para a liberdade, alagando o canal de Hayley.



Espasmos duros contraíram suas vísceras, lhe empurrando fortemente contra Hayley com cada jorro de semente que liberava. Agarrou os quadris dela, grunhindo ante a força pura de prazer que atava seu ventre.

Os momentos passaram e os espasmos se aliviaram. Jace liberou o ombro de Hayley e ofegou contra sua pele. O aroma dela se derramou sobre ele em uma onda e a realidade retornou lentamente.

As emoções os enfraqueceram e o incentivaram a envolvê-la em seus braços. Apartando-se um pouco, girou seu corpo, sem nenhuma oposição, entre seus braços. Derrubaram-se em uma confusão de membros cheio de graça, para recostar-se em silêncio, exceto por seus fôlegos ofegantes.

Um gemido isolado e apenas audível de Hayley fez com que Jace se elevasse sobre um cotovelo.

— Está bem? Não te fiz mal, fiz? — perguntou com um cenho preocupado e com uma faísca renovada em seus olhos azul esverdeados devido a sua preocupação.

— Não, não me machucou — respondeu aturdida e sem fôlego. Ela suspirou, com um som satisfeito.

Um sorriso tenro curvou os lábios dele.

— Descansa um minuto. Logo iremos para cima para que possa me ocupar de ti.

— Acredito que já o tem feito — replicou Hayley —. Meus ossos se converteram em mingau. O que há lá em cima?

— O banheiro. Meu dormitório. Primeiro vou lavar-te. Logo vou fazer-te amor — murmurou, inclinando-se para cheirar sua garganta.

Hayley tremeu.

— Pensei que acabávamos de fazê-lo.

— OH, não! Isso foi um emparelhamento, forte e rápido, para satisfazer ao lobo. Isto vai ser lento e pausado, só para nós.

Umas lágrimas repentinas encheram os olhos dela.

—Jace — sussurrou —, as coisas que me faz. As coisas que me faz sentir. Algumas vezes é simplesmente muito.

— Quer que pare, Hayley? — perguntou ele lhe retirando brandamente o cabelo do rosto. Envolveu-lhe com os braços e lhe atraiu mais perto.





— Nunca. Não pares nunca.

— Nunca — prometeu e se sentou arrastando-a com ele.

Jace ficou em pé e embalou Hayley em seus braços. Sustentou-a possessivamente e subiu as escadas com facilidade. Sua primeira parada foi o banheiro. Como tinha prometido, colocou a ambos na ducha e a lavou meigamente. A água estava quente e relaxante. Hayley se deleitou em sua atenção. Movendo-se em sua direção, terminou obstinada em seus ombros enquanto ele a recostava contra a parede e deixava que seus dedos jogassem entre suas coxas.

A um passo de que ela alcançasse o orgasmo a levou fora da ducha, onde a secou e depois a si mesmo, e a conduziu ao dormitório. Levantou-a, deitou-a e se uniu a ela na cama. As horas seguintes passaram em uma nuvem sensual. Jace amou Hayley lenta e pausadamente. Acariciou cada centímetro de sua pele. Suas mãos grandes, ligeiramente ásperas pelo trabalho, deslizaram-se sobre ela. Quadris, coxas, traseiro e torso, todos foram explorados uma e outra vez com igual profundidade.

Seu toque acendeu uma brasa que flamejou até converter-se em um incendio e finalmente se converteu em um inferno furioso. Hayley se moveu para seu toque, gemendo brandamente quando seus dedos roçaram sua pele e massagearam com cuidado os firmes músculos de debaixo. Voltou-a sobre seu estômago, e acariciou suas costas e suas nádegas. Deixou que sua boca vagasse sobre sua pele. Desceu por seu corpo e mordiscou cuidadosamente os globos plenos de seu traseiro, sorrindo ante seu tremor.

Indo mais longe ainda, sua boca encontrou a parte traseira de seu joelho, beijando-a e lambendo-a com a língua antes de chupar brandamente sua pele. Hayley choramingou e tremeu como reação. Satisfeito, Jace lhe deu a volta de novo e se elevou sobre ela. Insistiu a separar suas coxas e se colocou entre elas. Aproximou-se mais e elevou ligeiramente o traseiro dela até colocá-lo sobre seus joelhos. Tomou na mão. Seu pênis se inchou até estar a ponto de explodir. A pele estava tensa e avermelhada, a volumosa cabeça liberava espessas gotas de cristal.

Seu olhar sustentou o dela enquanto separava suas dobras delicadas e inchadas e encaixava a cabeça de seu membro sobre ela. Percorreu com sua cabeça palpitante a seda líquida, para baixo por sua entrada e logo depois de novo até seus clitóris, uma e outra vez. Os lábios de Hayley estavam separados, seus ofegos de antecipação se fizeram mais rápidos quando ele deslizou dentro esse pequeno primeiro bocado.

Entrou lentamente. Sentiu o calor delicado e sedoso de seu canal abrir-se para ele enquanto



se introduzia facilmente. As pernas de Hayley se elevaram, envolveram-lhe, instigavam-lhe a mover-se mais rápido, mas Jace estava decidido. Uma eternidade mais tarde tinha entrado completamente. Agarrou as mãos femininas com as suas e as elevou por cima da cabeça dela enquanto se inclinava para frente para descansar sobre os cotovelos.

— Amo-te, Hayley Royden — sussurrou e tomou os lábios dela com os seus.

Seus lábios se encontraram e fundiram enquanto suas línguas se exploravam languidamente. Jace começou a balançar-se lentamente com um movimento que fez com que seu membro se deslizasse para frente e para trás com um passo lento e infinito. Seu ato de amor seguiu e seguiu. Seus impulsos medidos e deliberados provocavam tremores constantes em Hayley. Cada orgasmo diminuto fazia que se estremecesse.

Jace a olhou. O delicado rubor de suas bochechas, o brilho prateado de seus olhos. Seus lábios estavam inchados por seus beijos, úmidos e terminantes. Sua língua lambeu as curvas plenas quando outro gemido suave escapou de sua boca. Seus mamilos eram de um atrativo vermelho, inchados, as auréolas inflamadas por suas repetidas sucções.

— Jace, por favor — suplicou sacudindo a cabeça sobre o travesseiro.

— Ama-me, Hayley? — perguntou brandamente.

— Sim!

— Diga as palavras. Por favor, Hayley, diga as palavras.

Hayley lhe sorriu com lábios trêmulos.

— Amo-te, Jace McKenna. Amo-te.

Jace lhe devolveu o sorriso.

— Isso é tudo o que necessito. Isso é tudo o que necessitarei sempre.

Com essas palavras incrementou o ritmo. Empurrou mais profundo, mais forte, mais rápido, e enviou a ambos a uma espiral sobre a beirada, na selvagem queda livre do clímax. Com os corpos pesados e os braços fortemente seguros, cavalgaram o prazer até sua conclusão decrescente e logo descansaram juntos, deslizando-se pacificamente no sonho, um nos braços do outro.

\* \* \* \* \*

Hayley despertou sozinha na cama do Jace com o som dos rugidos de seu próprio estômago.



O aroma do café e o toucinho chegou a suas fossas nasais, provocando outro insistente estrondo. Saiu da cama e fez uma viagem rápida ao banheiro para ocupar-se do essencial.

Ao dar-se conta de que não tinha nada a que vestir, abriu a porta do armário do dormitório do Jace. Encontrou uma fileira impecável de camisas e tirou uma azul escura. Seguindo seu nariz encontrou a cozinha onde Jace, com os pés descalços e levando em cima só um par de jeans, estava trabalhando. Aproximou-se de suas costas em silêncio.

— Sei que está aí. Posso te cheirar — disse, depositando o garfo que estava usando antes de voltar-se e tomá-la em seus braços.

— Genial. Fedo — se queixou Hayley.

Jace riu em voz alta e seus olhos brilharam com alegria.

— Carinho, está longe de feder — proclamou afundando o rosto entre seu pescoço e seu ombro enquanto inalava profundamente.

Sua ação enviou um calafrio pela espinha dorsal de Hayley.

— Cheira tão condenadamente bem que não posso ter o suficiente — confessou em um grunhido rouco —. O que está fazendo aqui embaixo? Ia servir-te o café da manhã na cama.

Hayley girou a cabeça e beijou sua bochecha.

— Já sabe que não podemos permanecer na cama para sempre. Estava me cansando de estar na horizontal, necessito um pouco de tempo na vertical — brincou ela.

Jace elevou a cabeça e lhe dirigiu um sorriso procador.

— Posso fazê-lo na vertical. Já sabe.

Ela riu silenciosamente e lhe devolveu o sorriso.

— Sei. Mas antes que te excite muito, acredito que é melhor que salve seu toucinho.

— OH, merda! — exclamou Jace e a liberou. Transferiu rapidamente o toucinho a um prato coberto com toalhas de papel —. Hayley ponha a mesa, quer? Os pratos e o resto das coisas estão no armário aí acima e a gaveta dos talheres está bem embaixo.

Hayley sorriu e obedeceu, gostava da sensação doméstica de tudo. Pôs a mesa enquanto Jace preparava a comida. Já tinha feito tortas e as tinha esquentado no forno.

— Como você gosta dos ovos?

— Mexidos estaria bem.

— Então mexidos. A manteiga e o suco estão na geladeira e o xarope no armário a minha esquerda — a instruiu.



Hayley completou suas tarefas e uns poucos minutos mais tarde a comida estava pronta e na mesa. Jace serviu café e suco antes de sentar-se na cadeira ao lado dela. Observou Hayley comer seu primeiro bocado.

— Hum! — murmurou ela enquanto mastigava. Engoliu seu primeiro bocado e logo lhe disse —: Dá-te conta de que é a segunda vez que cozinha para mim? Acredito que estamos abrindo um precedente.

— Não me importa — respondeu ele com um sorriso —. Vivi por minha conta desde os dezenove anos. Aprendi a cozinhar em defesa própria, para evitar me envenenar. Mas..., isto, e você sabe cozinhar?

Hayley lhe sorriu.

— Sei me virar na cozinha. Não sou nenhum gourmet, mas mamãe se assegurou que Bryn e eu conhecêssemos o básico. Guardo algumas receitas que me deu. Faço uma vitela média com macarrão que fica estupenda.

— Soa bem. Tá vendo, há muitas coisas que não sabemos um do outro.

— Está preocupado por descobrir algo que você não goste?

— Não, mas bem preocupado de que você descubra algo que você não goste.

Hayley lhe dirigiu um olhar cheio de entendimento.

— Jace, amo-te. Acredito que atravessamos algumas barreiras bastante altas. Comamos e falemos logo. Quero que me diga tudo o que o preocupa. Logan disse que a comunicação é a chave, e aprendi a razão que tem.

Jace assentiu e lhe dirigiu um sorriso.

— É bastante bom nesse tipo de coisas. Por isso é enlace de manadas.

— Enlace de manadas? — Perguntou Hayley com uma sobrancelha elevada —. Como em uma manada de lobos?

— OH, carinho! Vamos ter uma conversa interessante.

— Ai, Senhor! — gemeu Hayley. Sem dizer outra palavra, equilibrou-se sobre o alimento como um prisioneiro desfrutando de sua última comida.

\* \* \* \* \*

Uns poucos dias mais tarde, Hayley e Jace apareceram na casa de Logan e Bryn.



— Estava começando a me perguntar se alguma vez irias sair para tomar um ar — brincou Bryn.

Os quatro se sentaram, cômodos e relaxados, no gabinete de Logan.

— Não sei por que nos perguntaram isso. Logan e você ainda não saíram — replicou Hayley com um sorriso zombador.

Jace e Logan riram entre dentes de suas brincadeiras fraternais.

— E o que estivestes fazendo? — perguntou Bryn inocentemente e logo ficou de um vermelho aceso por suas palavras—. Quero dizer, sei o que estivestes fazendo. Não. Espera. Isto... bom, merda.

Jace, Hayley e Logan romperam em gargalhadas e Logan atraiu a sua companheira com um abraço.

— Sabemos o que quer dizer, coração.

Hayley teve piedade de sua irmã e entrou.

— Na realidade passamos bastante tempo fazendo algo construtivo. — Ante a sobrancelha arqueada de Logan sorriu —. Estivemos falando. Jace me contou tudo sobre as manadas de Torre de Ferro e os Pinheiros Gêmeos e o fato de que você é o enlace de manadas. O qual, por certo, penso que é genial. É agradável saber que minha irmã vai se casar com um tipo tão sensato.

— E como tomou as notícias sobre a nova realidade em que foste acionada? — perguntou Logan com uma sobrancelha arqueada e expressão curiosa.

— Deu-me uma bofetada — respondeu Jace com um brilho brincalhão em seus olhos.

— Não o fiz, embora tivesse alguma reserva sobre ser a companheira de um alfa. Todo mundo sabe que são uns sabichões mandões — respondeu ela com um sorriso —. Realmente teve que brigar por Logan? — perguntou a Bryn com seriedade.

Bryn franziu o cenho ante a lembrança.

— Tentei-o, mas dois alfas prepotentes se meteram no meio.

— Bom, Bryn — começou Logan.

— Bryn, neném — interveio Jace.

Ela estendeu a mão para detê-los.

— Sei, sei. Lillian me teria feito pedaços e Reece necessitava o enfrentamento com ela para ganhá-la como sua companheira.

— Isso é certo — esteve de acordo Logan, lhe dirigindo um olhar de aprovação.



— Mas isso não significa que eu goste.

— Moça sanguinária — brincou Jace.

— Falando nisso, Jace já te levou à caça? — perguntou Bryn. Dirigiu o olhar ao Jace e o encontrou sacudindo a cabeça, tentando avisá-la que se calasse.

— Não... — Hayley voltou seu olhar ao Jace por um momento. Ele se deteve imediatamente, lhe dirigindo um olhar de total inocência. Hayley lhe olhou com uma sobrancelha arqueada pela suspeita —. Caçar o que?

Bryn não lhe deu tempo para tentar sair dessa.

— Coelhinhos — anunciou ela com um sorriso jocoso.

— Coelhinhos!

— Ou cervos ou esquilos.

— OH, meu Deus! Não me diga que estiveste caçando.

— Sim. É natural para os lobos.

Hayley olhou ao Jace.

— Algo me diz que temos muitas coisas mais das quais falar.

— Não disse que tínhamos falado tudo — replicou Jace lhe dirigindo um sorriso de desculpa.

— Já o vejo — declarou Hayley enquanto seu temperamento começava a inflamar-se.

— Quem quer café? — interrompeu Logan, dando um descanso a seu amigo.

Jace imediatamente se agarrou à corda que Logan lhe tinha jogado.

— Eu.

— Vocês, senhoras, sentem-se e descansem, Jace e eu prepararemos o café — disse Logan enquanto se levantava.

— Bolachas? — perguntou Bryn com um sorriso esperançado.

Ele se inclinou para lhe beijar na cabeça.

— Para ti qualquer coisa, coração.

— E você, carinho? Você gostaria de algo em particular? — perguntou Jace a Hayley cautelosamente.

Hayley lhe estudou por um momento, e sentiu que a pequena ira que despertou pela conversa se derretia. Sacudiu a cabeça.

— Tenho tudo o que preciso — respondeu brandamente.

Um sorriso agradecido curvou os lábios de Jace.



— Penso o mesmo, carinho, exatamente o mesmo.

Bryn fungou e os dois a olharam. Seus olhos estavam brilhantes pelas lágrimas que brotavam.

— Isso é tão bonito.

Hayley sacudiu a cabeça e riu. Elevou-se e se colocou ao lado de Bryn, lhe passando um braço pelos ombros.

— Não mais bonito que Logan e você. Vamos, meninos. Minha irmã e eu precisamos um pouco de intimidade — explicou gentilmente —. O que acontece? — perguntou Hayley uma vez que os meninos saíram.

— Nada. Só que estou realmente feliz. Quando nos contou do Steve sofri por ti.

— OH, Bryn! — replicou Hayley verdadeiramente comovida —. Steve foi uma decepção, admito-o, mas não sofri nem de longe a dor que esse imbecil de seu ex te fez passar. Olhar-te com Logan me dá muita alegria. E respeito a mim, não trocaria nada. Tudo conduzia ao Jace, e não poderia ser mais feliz.

As duas se abraçaram e derramaram umas poucas lágrimas sentimentais antes de rir uma da outra.

— Falaram Jace e você de matrimônio ou de ter meninos? — perguntou Bryn.

Hayley sorriu indulgentemente e sacudiu a cabeça.

— Nos dê um pouco de tempo, irmãzinha. Estou segura de que chegaremos a isso. — Dirigiu um olhar especulativo a Bryn —. Falando de casar-se, quando vão cumprir Logan e você com a tarefa?

— Pensei que já o tínhamos feito — interrompeu Logan antes de que Bryn pudesse responder. Jace e ele tinham retornado com café e as bolachas que tinha pedido Bryn.

— Não essa tarefa. A tarefa das bodas — respondeu Bryn dirigindo um olhar especulativo em sua direção.

— OH! Três meses. Em três de novembro. Vocês virão, meninos? — anunciou com um brilho brincalhão nos olhos.

— Em três de novembro! — respondeu Hayley.

— Diabos, sim, vamos! — replicou Jace com um grunhido aborrecido.

— Isso é ótimo, porque é meu padrinho. Se é que aceita o trabalho — lhe perguntou Logan com um sorriso esperançado.



Um sorriso zombador e encantado cobriu o rosto do Jace.

— Já era hora de que me pedisse isso, bastardo. — Os dois riram enquanto Jace golpeava ao Logan nas costas.

Bryn estava sacudindo a cabeça.

— Deve ser coisa de homens esta falta de delicadeza. Hayley — se dirigiu a sua irmã com calma —, Logan e eu decidimos nos casar em três de novembro. Eu gostaria muito que fosse minha dama de honra.

— Seria um privilégio, Bryn — replicou Hayley com um sorriso e uma cintilação em seus olhos, enquanto imitava a formalidade de Bryn.

— Vejam, assim é como se fazem corretamente as coisas — instruiu Bryn.

— Deve ser uma coisa de garotas — respondeu Logan dirigindo um sorriso zombador ao Jace.

— Sim, mas sabe? Estou começando a apreciar algumas destas coisas de garotas — replicou Jace com um carinhoso olhar fixo em Hayley.

— OH, cara! Está apanhado — se lamentou Logan —. Quem era o que dizia algo, não faz muito devo acrescentar, sobre jorrar muito açúcar? Acredito que necessito umas botas de borracha.

Jace se limitou a sorrir, enquanto Hayley lhe devolvia o sorriso. Estava totalmente apanhado.

## Capítulo Onze

Três meses depois, em uma fresca tarde de novembro, Hayley e Jace estavam de volta a sua casa, depois que as bodas de Bryn e Logan tivesse saído às mil maravilhas. Os pais de Logan tinham retornado várias semanas antes, com o único propósito de conhecer sua futura nora e a sua família. Os pais de Bryn e Hayley chegaram somente com uma semana de antecipação, e se alojavam na antiga casa de Bryn, já que esta tinha ficado livre e com muitas habitações vazias, depois de que Hayley se instalou com o Jace.

Enquanto o carro entrava lentamente na avenida que levava a casa, os faróis iluminaram toda a zona, refletindo-se nas grandes janelas. As folhas caídas pelo frio outonal se moviam erráticamente por toda a grama, e a erva se dobrava sob o intenso vento. Muito em breve dariam





passo às tormentas do inverno, e Hayley já sonhava com as noites passadas junto ao fogo ao lado do Jace.

Posou a mão sobre sua coxa e lhe deu um ligeiro apertão.

— Tudo foi muito lindo — disse com um suspiro feliz —. Bryn estava magnífica.

— Sim, estava. É uma lástima que sua dama de honra quase a superasse — disse picando-a.

— Pois a verdade, não seria muito bonito que chamasse mais a atenção que a noiva. Ouça, e o que é isso de que só quase? — perguntou Hayley com certa nostalgia.

— Para meus olhos, carinho, brilhou mais que o sol.

— OH, Jace. — A voz de Hayley se estremeceu emocionada.

Estacionou o carro e, devagar, saiu para lhe abrir a porta em silêncio. Jace a ajudou e passou um braço ao redor dos ombros de Hayley, guiando-a até a entrada e insistindo-a para que entrasse com rapidez e assim evitasse o intenso frio. Uma tênue luz iluminava a sala de estar, e dali o corredor. Jace a levou nos braços e a beijou. Hayley lhe envolveu com seus braços, absorvendo seu calor, necessidade contra necessidade e amor contra amor. Quando rompeu o beijo os olhos de Jace ardiam. Eram um total reflexo dos de Hayley

— Te case comigo, Hayley. Amo-te. Quero ter filhos contigo já. Agora. Esta mesma noite.

— O que quer dizer? — Hayley se tocou o estômago.

— Está ovulando de novo. Cheira tão doce e amadurecida que me sinto como um lobo feroz.

Preparado para te comer.

Hayley inspirou profundamente antes de responder quando um súbito aroma fez com que o pelo da nuca se arrepiasse.

— Vá, que cena tão comovente! — Esta réplica veio da escuridão, carregada de sarcasmo.

— Ninguém acreditou em mim quando eu disse que você era um homem lobo. Pensavam que estava louco. — Jim Beeman, vestido com roupa hospitalar, mostrou-se ante a escassa luz. Em sua mão levava uma arma —. Então lhes fiz acreditar que estava louco.

— Não — sussurrou Hayley quando o medo se estendeu através dela.

Jace deu um passo para frente, tentando deixar Hayley detrás dele, mas esta não lhe fez nem caso e voltou a se colocar ao seu lado, lhe dirigindo um olhar colérico. Jace em resposta lhe enviou um olhar exasperado e de advertência.

— Como é que estas fora do cárcere, Beeman? Pensava que lhe tinham encerrado. — moveu-se um pouco para ficar na frente de Hayley.



— Os dois quietinhos aí de pé — advertiu Beeman —. E respondendo a sua pergunta, isso é o bom de pensarem que és um louco. Enviaram-se a um centro psiquiátrico. Algum médico pensou que sofria de psi... psi...

— Psicose? — ajudou-lhe Jace.

— Essa é a palavra — admitiu Jim assentindo feliz —. Segui-lhes a corrente. Era o paciente ideal. Obediente e cooperativo, assim me disse o doutor Henderson. Quando tive que golpeá-lo na cabeça quase me deu pena. Espero que não esteja morto.

— Isso é ser muito generoso — disse Hayley sarcasticamente.

— Te cale, cadela! Tudo isto é por sua culpa. Tua e dessa sua irmã. Tudo que o que tinham que fazer era se comportarem como mulheres. Pagando sua dívida com a boceta, como é minha forma habitual. Mas não, não era muito bom. Assim agora vais pagar as dívidas de outra maneira. Vou disparar em um lobo genuíno — acrescentou orgulhosamente —. Meu pai, que se apodreça em inferno! Contava-me histórias sobre lobos quando era menino, com o único propósito de me assustar. Mas não sou estúpido. Sei que é um lobo. E ainda tinha amigos fora. Aprendi tudo sobre ti, Senhor Jace McKenna, e consegui balas de prata para minha amiga aqui — disse agitando a arma.

Hayley agarrou o braço do Jace.

— Isso seria homicídio. Com isso lhe colocarão entre grades para sempre.

— Não seria homicídio, doçura, é um lobo. — Jim negou com a cabeça —. Agora toma a forma de um bom cachorro, ok? — Jim girou a arma na direção de Hayley. Sua expressão se tornou uma máscara de maldade —. Ou simplesmente tenho que disparar?

Jace grunhiu.

— Fere-a e está morto.

Jim moveu a cabeça com tristeza.

— Isso não está bem — disse e apertou o gatilho.

Jace saltou na frente de Hayley, e seu corpo se convulsionou quando a bala deu no branco. Hayley gritou, o peso do Jace contra ela os enviou ao chão. Um segundo depois, o inferno se desatou. As janelas se fizeram pedacinhos, enviando os fragmentos sobre eles. Através das janelas entrou uma manada de enfurecidos lobos.

Jim Beeman gritou e caiu morto de medo sob uma massa enfurecida e peluda de corpos. Seu grito acabou bruscamente, na noite só ficaram os grunhidos e a voz aterrorizada de Hayley.



— Jace! OH meu Deus, Jace! Não morra! Que alguém nos ajude! — Embalou ao Jace em seus braços. Seu rosto se tornou branco e seus olhos se fecharam. O sangue empapava rapidamente a parte dianteira da jaqueta de seu smoking.

Lá fora chegaram alguns veículos, incluindo o do xerife. Dentro, alguns dos lobos tinham tomado suas formas humanas e se estavam reunindo ao redor do casal que estava no chão. Um lobo, ainda em forma animal, voltou sua cabeça e uivou. O som foi um choro arrepiante e de pura melancolia.

— Me deixe passar — ordenou uma voz.

Logan se ajoelhou no chão ao lado de Hayley.

— Espera, irmãzinha. Espera. Deixem que passe o doutor Maigrey — pediu à multidão.

— Logan — murmurou Hayley. A comoção fez que sua voz soasse insegura.

Um homem que nunca tinha visto, caiu de joelhos sobre o chão a seu lado.

— Vejamos que é o que aconteceu aqui — disse com tom firme e sério.

O doutor Maigrey cortou com umas tesouras medica a jaqueta e camisa do Jace, expondo a ferida. Limpou a zona para mostrar o ponto de entrada e descobriu que a bala tinha ido parar na parte carnuda do ombro do Jace.

— Bom, não é para tanto — comentou.

— Que não é para tanto! Um maníaco lhe disparou uma bala de prata! — gritou-lhe Hayley indignada.

— Isso posso vê-lo, juvenzinha — disse, aliviado mas ainda com autoridade—. No caso de que não me tivesse dado conta, a ferida ainda solta fumaça. Agora cale-se e me deixe tirar a bala antes de que faça algum dano irreversível.

Trabalhando com rápida eficiência e firmeza derramou desinfetante sobre a ferida, causando uma careta e um gemido por parte do Jace, que estava voltando lentamente a si.

— Agora tem que soltar o seu companheiro, filha — advertiu —. Logan, Cade, lhe segurem os ombros. E por favor, me consigam um pouco de luz. — Hayley foi brandamente apartada, para que os dois homens ocupassem seu lugar segurando o Jace. Todos piscaram quando as luzes lhes deslumbraram.

Outro carro se deteve do lado e Bryn saiu correndo dele.

— Hayley!

— Aqui estou, Bryn! — chamou-a Hayley, e uma Bryn muito preocupada se deixou cair de



joelhos a seu lado.

— Está bem?

— Estou bem, mas dispararam em Jace.

— É grave?

Logan a olhou.

— Vai ficar bem — lhes disse Logan. Um consolo não somente para a Bryn, mas também para Hayley —. Ficar bem quando o médico extrair a bala. — Logo ele se voltou e Bryn tomou a mão de Hayley, segurando-a com força.

Depois de uma longa exploração, o doutor Maigrey encontrou a bala e começou a tirá-la. Jace começou a gemer, com cara de dor.

— Onde está Hayley? Encontra-se bem? — Começou a agitar-se, tentando se livrar do agarre do Cade e do Logan.

— Resista amigo — pediu Logan —. Ela está bem e salva.

Com isto Jace se acalmou com um gemido.

— Muito bem, Jace. Seu corpo já está tratando de curar-se. — Tão brandamente como foi possível, o doutor Maigrey extraiu a bala da carne do Jace —. Aqui a tem — disse, deixando-a cair ao chão. Logo verteu mais desinfetante na ferida do Jace.

— Seu filho da puta, Doc! Merda tinha que fazer isso? — queixou-se Jace com os dentes apertados.

— Só por precaução, filho, só por precaução. Por que não o leva a sala de estar e o colocam sobre o sofá? — O doutor Maigrey os seguiu, mas sem deixar de dar ordens —. Quero que esteja aí pelo menos meia hora. Ouve-me? Nada de exercício vigoroso durante as próximas doze horas, come algo e bebe muito líquido. Dê tempo ao corpo para que recupere a perda de sangue.

Suas ordens se levaram a cabo. Com um Jace instalado sem perigo sobre o sofá e com Hayley ajoelhada junto a ele. Depois de uns minutos de espera para observar que estivesse bem, Hayley espremeu uma toalha úmida. Ajudou-o a tirar o resto da roupa e muito brandamente começou a lhe lavar o sangue.

O xerife, que felizmente era membro da manada dos Pinheiros Gêmeos, capturou a um Jim Beeman inconsciente sem nenhum perigo e o levou em uma ambulância. Seria devolvido ao hospital psiquiátrico, com a recomendação de que o ingressassem em um de máxima segurança. As queixas já estavam apresentadas contra ele por escapar e pela agressão contra o doutor



Henderson.

— Quando apresentarmos o caso lhe somarão as quixas de tentativa de assassinato, por não mencionar invasão de moradia e posse ilegal de armas de fogo; não sairá durante muito tempo. Não acredito que sua “psicose” lhe ajude esta vez — lhes assegurou o xerife antes de partir.

A maioria dos membros da manada, depois de assegurar-se que seu alfa estava bem, foram embora, mas outros ficaram para ajudar a limpar o desastre. Os vidros das janelas quebradas foram varridos e as tamparam com tábuas de madeira para proteger o interior das inclemências climáticas. Logan dirigiu todo o trabalho, enquanto Bryn ia à cozinha para esquentar um pouco de sopa de tomate e sanduíches de queijo fundido.

Jace permaneceu estendido sobre o sofá, com seu braço ileso colocado ao redor de Hayley. Esta tinha posado a cabeça em seu ombro e a mão sobre seu peito. Nenhum deles falava. Alegraram-se quando toda a agitação ao seu redor decaiu até que finalmente se fez o silêncio. Logan se despediu de outros, lhes agradecendo a ajuda, enquanto Bryn lhes levava a sopa, os sanduíches e uns copos de leite.

Pôs a bandeja sobre a mesa café.

— Comamos.

— Não tenho fome — murmurou Hayley.

— O doutor Maigrey disse que Jace tinha que comer. Sofreu uma comoção. Você também tem que comer. Come, vamos, te acalme. Alegria essa cara, menina — ordenou Bryn.

Hayley se acomodou agitando a cabeça, mas dirigindo um débil sorriso a Bryn.

— Mandona.

— Venha, fique direita. Ajude ao Jace com a comida. Logan, ajude ao Jace a acomodar-se.

— Posso fazê-lo — grunhiu Jace —. Não sou um inválido, sabe?. Estarei totalmente curado como muito em um par de horas.

— Sim, sim, sim, sei. É o homem mais forte do mundo e não tem nenhuma debilidade — lhe criticou Bryn, logo depois de repente ficou a chorar.

— Bryn!, carinho, tudo está bem — lhe disse Logan docemente e a elevou nos braços. Sentaram-se em uma poltrona próxima ao sofá. Com o Bryn em seu colo, embalou-a contra ele ao tempo que dizia ao Jace —. O xerife ligou depois que vocês saíram. Disse-nos que Beeman escapou e que tinha sido visto por esta zona. Tratamos de lhes chamar, mas não houve resposta, nem aqui nem no celular. Bryn estava muito preocupada. Caralho, todos nós estávamos.



— Não me incomodei em trazer o celular e demos uma volta antes de virmos pra casa — explicou Jace —. Lamento que estivessem preocupados. Mas porra, estou muito contente de que tenham se apresentado quando o fizeram. Bryn, doçura, não te encontra bem? —perguntou ele brandamente.

Bryn levantou sua cabeça de onde a tinha escondida contra o ombro de Logan.

— Estou bem. Só tinha que me desafogar um pouco. — levanto-se do colo de Logan e se aproximou de Jace. Tomando seu rosto com suas duas mãos, beijou primeiro uma bochecha e depois a outra —. Obrigado por manter segura a Hayley.

Jace sorriu.

— Hey, isso é parte de meu trabalho. Agora voltemos para a comida. Estou esfomeado.

Entre sorrisos, todos atacaram a comida. Hayley ajudou Jace, lhe aproximando o sanduíche de queijo para que o mordesse e a tigela com a sopa. Logo que a comida acabou os pratos foram colocados na lava-louça e então Bryn e Logan se despediram. Bryn ofereceu cancelar sua viagem de lua de mel, mas Jace e Hayley a dissuadiram, para o alívio do Logan.

Acompanharam eles à porta e lhes disseram adeus. Depois Jace fechou.

— Estas bem, Hayley?

— Eu? Ei, não foi em mim que atiraram, e sim em você.

Jace tomou seu queixo com sua mão e a olhou profundamente.

— Sei, e dou graças a Deus por isso. É somente que... estás muito silenciosa.

Sorrindo, capturou as mãos que estavam em suas bochechas.

— Foi uma noite muito comprida. Estou cansada e deve estar cansado. Acredito que a cama seria o melhor lugar para os dois neste momento.

Jace elevou suas sobrancelhas.

— Agora quer me seduzir.

— Ehhh, dormir. O doutor Maigrey disse bem claro que nada de exercício “vigoroso” durante doze horas — logo olhou seu relógio —. Segundo meus cálculos, ficam nove horas e meia.

— Vá, então suponho que terei que ir dormir — resmungou —. Assim o tempo passará mais rápido.

Hayley riu entre dentes.

— É incorrigível. Venha, céu, vamos subir.

Ante a insistência de Hayley, subiram as escadas com passo lento e cuidadoso. Depois de



limpar-se a fundo e bastante rápido, deitaram-se juntos na cama. Jace se colocou a seu lado, acariciando as costas de Hayley e com seu braço ferido em cima dela. Não passou muito tempo antes que caíssem no abençoado sono. Passando um pouco do bendito tempo.

Jace despertou quando Hayley tratou de sair da cama.

— Onde vai? — perguntou aturdido.

— Tenho que ir ao banheiro. Retornarei em um minuto — respondeu e escapuliu.

Jace dormiu até que um suave som o despertou. Aproximou-se para o lado de Hayley para ver que seu espaço na cama estava vazio e os lençóis careciam de seu calor corporal. Em silêncio, ficou de pé e foi ao banheiro, abrindo a porta silenciosamente. Hayley estava no chão, com uma toalha sobre a boca para bloquear todo som e balançando-se de um lado para outro, chorando a lágrima viva.

Angustiado, Jace se sentou no chão ao seu lado e a rodeou com seus braços e pernas, pressionando-a contra ele.

— Shh, carinho! Deve te acalmar, agora tudo está bem — murmurava solícito, enquanto a balançava brandamente de um lado a outro.

Hayley deixou cair a toalha e apoiou a cabeça em seu ombro; estremecendo-se seguiu chorando. Jace a segurou forte e se balançou, murmurando palavras de consolo. Quando tratou de cantar, Hayley afogou um soluço que facilmente se converteu em uma mistura de risada e soluço.

— Sabia que isso o conseguiria — murmurou Jace contra sua cabeça. — Cade diz que sou incapaz de entoar uma melodia.

Em resposta, lhe dirigiu um sorriso aquoso.

— Tem razão. — Estendeu a mão para cima e acariciou sua bochecha brandamente —. Quase te perco — disse em um sussurro aflito.

— Isto do “quase” não conta, Hayley. Não podemos deixar que o “quase” nos deprima. Temos muito que desejar, carinho. Vais casar comigo ou não?

— Claro que sim — afirmou brandamente.

Jace sorriu radiante. Logo olhou seu relógio.

— E em poucas horas, vamos começar a criar nossa família. Vamos observar a nosso filho crescer aqui, dentro de ti — disse brandamente, sua mão se depositou como uma pluma sobre seu ventre —. Vamos. Está gelada — disse, esfregando seus braços com as mãos —. Vá pra cama.



Enquanto a ajudava a levantar-se, Hayley lhe dirigiu um olhar intranquilo.

— Demorarei um minuto, tenho que me soar e me lavar o rosto.

— Esperarei.

— Não.

— Por que não?

— Não quero soar o nariz diante de ti.

— Carinho, estou aqui nu e isso não te incomoda.

— Jace!

— Muito bem! Esperarei na cama. E melhor será que chegue logo. Se demorar muito, virei e te arrastarei — lhe advertiu afastando-se, resmungando algo sobre as raridades das mulheres.

Um minuto depois, Hayley se juntou a ele na cama. Jace se tornou sobre suas costas e ela se aconchegou contra ele, colocando seu braço sobre seu peito. Passou seu braço ferido ao redor de seus ombros e a abraçou aproximando-a e colocando sua cabeça sobre seu peito.

— Tudo bem?

Hayley começou a rir entre dentes quando o peito do Jace se agitou com alegria. Estavam estendidos juntos, seus corpos vibravam felizes e despreocupados. Finalmente, Hayley inspirou profundamente e lhe disse:

— Está louco. Sabe disso, não sabe?

— Então formamos um bom casal, carinho, porque não sou o único que esta fodido.

Hayley sorriu, bocejou e depois esfregou a bochecha contra ele.

— Isso é verdade — admitiu enquanto flutuava para o mundo dos sonhos.

Jace a abraçou fortemente e a seguiu.

\* \* \* \* \*

Aproximadamente doze horas depois do tiroteio, Jace despertou com um par de mãos e uns lábios que o atrasavam lhe fazendo apetitosas e excitantes carícias por todo o corpo. Gemeu quando seu ereto membro foi engolido por uma afetuosa e úmida boca. Seus quadris se agitaram, iniciando um ritmo que acompanhava os golpes de sucção da boca de Hayley

Ela o trabalhou uns minutos, logo lhe soltou, suas mãos substituíram a boca enquanto se elevava por seu corpo e se inclinava sobre ele.





— Olá — murmurou contra seus lábios —. Como se sente?

— Como novo. Mas o que está fazendo, carinho? — Estava sem fôlego, estremecendo-se pelas agradáveis carícias de sua perita mão.

— Tentando ao lobo — explicou razoavelmente. — Dizem que é perigoso jogar com um lobo. É?

Jace levantou uma sobrancelha.

— Tenho que te responder?

Hayley riu brandamente entre dentes.

— Estou fazendo progressos, porque não vejo nenhum sinal de perigo. Simplesmente vejo um bichinho estendido esperando ser acariciado — lhe provocou, apertando a grossa ereção que enchia sua mão.

Jace ficou sem fôlego e se liberou. Antes que pudesse dizer outra palavra, Hayley se encontrou sobre seus joelhos com o Jace cobrindo-a pelas costas.

— É meu turno para jogar — disse quando seu pênis encontrou sua entrada.

— Jace, o que está fazendo? — gemeu ela.

— Recordando a minha companheira que sou um lobo de pura cepa e que sou o único que manda nesta cama — e empurrou para frente, enchendo sua escorregadia vagina com seu duro e grosso pênis.

— Meu lobo — gemeu Hayley, empurrando seu arredondado traseiro contra ele.

Jace grunhiu contra sua orelha.

— Isso, Hayley. Nunca o esqueça. Seu lobo, para sempre.

A cama tremeu quando seus corpos se moveram em uníssono, enquanto intercambiavam palavras cheias de amor e desejo. Hayley e Jace se amaram, dando e recebendo prazer, desfrutando da gratificante recompensa que tinha resultado de *“tentar a um lobo”*.

FIM



Tiamat World

Tentar a um Lobo  
Os lobos de Whispering Springs 02

